

Emiliano Unzer Macedo

História da Ásia

*Uma Introdução à sua História
Moderna e Contemporânea*



A Ásia, de Carachi a Tóquio, de Jacarta a Pequim, hoje se encontra no cerne da ordem internacional do século 21. Para compreendermos a inserção desse continente no mundo, devemos buscar a sua história moderna e contemporânea, repleta de consolidações, negociações, embates, conflitos e adaptações às mudanças do contexto internacional. Desde as primeiras caravelas portuguesas na costa indiana do Malabar em fins do século 15, das ameaças europeias sobre a China no século 19, das contestações hegemônicas japonesas e das confrontações de forças no Vietnã e Coreia até os prementes desafios das independências na segunda metade do século 20, a Ásia nos revela, desde o seu distante passado, um repositório da grandeza e tragédia humana.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Ensino a Distância

Emiliano Unzer Macedo

História da Ásia

*Uma Introdução à sua História
Moderna e Contemporânea*

Vitória
2016

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Renato Janine Ribeiro

Diretoria de Educação a Distância**DED/CAPES/MEC**

Jean Marc Georges Mutzig

UNIVERSIDADE FEDERAL**DO ESPÍRITO SANTO****Reitor**

Reinaldo Centoducatte

Secretária de Ensino a Distância – SEAD

Maria José Campos Rodrigues

Diretor Acadêmico – SEAD

Júlio Francelino Ferreira Filho

Coordenadora UAB da UFES

Teresa Cristina Janes Carneiro

Coordenadora Adjunta UAB da UFES

Maria José Campos Rodrigues

**Diretor do Centro de Ciências
Humanas e Naturais (CCHN)**

Renato Rodrigues Neto

**Coordenador do Curso de Graduação
Licenciatura em História – EAD/UFES**

Geraldo Antonio Soares

Revisor de Conteúdo

Adriana Pereira Campos

Revisor de Linguagem

Fernanda Scopel

Designer Educacional

Otávio Lube

Design Gráfico

Laboratório de Design Instrucional – SEAD

SEAD

Av. Fernando Ferrari, nº 514

CEP 29075-910, Goiabeiras

Vitória – ES

(27) 4009-2208

Laboratório de Design Instrucional (LDI)**Gerência**

Coordenação:

Letícia Pedruzzi Fonseca

Equipe:

Giulliano Kenzo Costa Pereira

Patrícia Campos Lima

Diagramação

Coordenação:

Geyza Dalmásio Muniz

Equipe:

Antônio Victor Simões

Elisa Pittol

Ilustração

Coordenação:

Priscilla Garone

Equipe:

Paulo Victor Siqueira

Impressão

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M141h Macedo, Emiliano Unzer.
História da Ásia : uma introdução à sua história moderna e contemporânea /
Emiliano Unzer Macedo. - Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria
de Ensino a Distância, 2016.
128 p. : il. ; 28 cm

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-63765-47-5

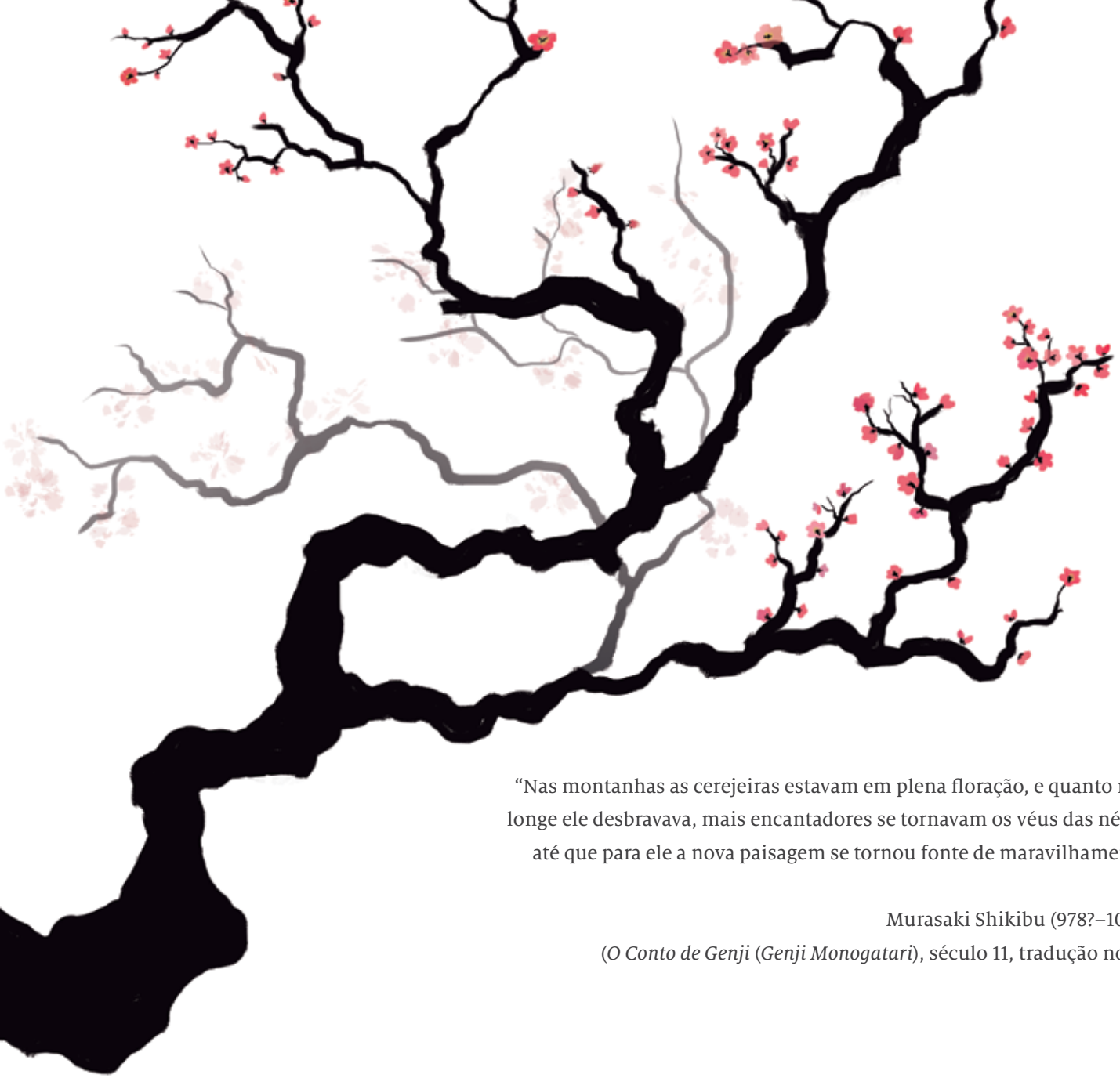
1. Ásia - História. I. Título.

CDU: 94(5)



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam ao autor o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.



“Nas montanhas as cerejeiras estavam em plena floração, e quanto mais longe ele desbravava, mais encantadores se tornavam os véus das névoas até que para ele a nova paisagem se tornou fonte de maravilhamento.”

Murasaki Shikibu (978?–1026?)

(*O Conto de Genji (Genji Monogatari)*, século 11, tradução nossa)

“Os seres humanos são parte de um todo,
Na criação de uma mesma essência e alma.
Se um membro sofre dor,
Outros membros permanecerão inquietos.
Se você não tiver simpatia pela dor da humanidade,
Você não pode merecer o nome de humano.”

Saadi Shirazi (c. 1210–c. 1291)

(*O Jardim das Rosas (Gulistan)*, 1259, cap. 1, história 10, tradução nossa)

Su má rio

Introdução	6
1. A Ásia na Chegada dos Europeus	8
A Índia Mogol	9
A China da Dinastia Qing	13
O Japão dos Tokugawas	15
A Coreia na Era Joseon	17
A Tailândia sob a Dinastia Chakri	18
Da Diversidade para a União: o Vietnã dinástico	19
Nas Ilhas do Sudeste Asiático: Indonésia, Malásia e Filipinas	21
2. Encontros e Defrontações na Ásia	24
O Fim da Era Qing na China	26
O Japão na Era Meiji	35
A Índia e a Revolta dos Cipayos	39
O Vietnã e a Indochina Francesa	45
As Índias Holandesas e as Possessões Britânicas no Sudeste Asiático	48



3. Nacionalismo na Ásia	54
Gandhi e a Efervescência Indiana.....	55
O Império do Sol Nascente	58
Os Turbulentos Anos Chineses.....	66
O Nacionalismo no Sudeste Asiático.....	75
4: A Ásia Independente	78
A Guerra da Coreia.....	79
A China Vermelha.....	83
A Índia de Nehru e Além.....	94
A Longa Guerra do Vietnã	100
O Japão após 1945.....	108
O Sudeste Asiático Independente	111
Conclusão	78
Mapas e Figuras	116
Referências	118

in tro du ção

Foi ao longo dos vales de rios perenes do Indo e do rio Amarelo (Huang He) que as primeiras manifestações civilizacionais asiáticas se deram desde o segundo milênio antes de Cristo. Em torno de lagos, rios e costas os humanos se adaptaram ao meio ambiente e recursos ambientais disponíveis. Os do rio Indo, no atual Paquistão, cedo manifestaram a domesticidade do gado bovino e apresentaram uma notável estrutura urbana e sanitária como nas ruínas de Mohenjo-daro (c. 2600 a.C.–c. 1700 a.C.). Os do rio Amarelo, no norte da China, durante a dinastia Xia (c. 2070 a.C.–c. 1600 a.C.) desenvolveram o uso do bambu e um sistema de escrita pictográfica inscrita em carcaças de tartarugas que deu origem ao atual alfabeto chinês. Os povos do Sudeste Asiático, por sua vez, já nos apresentaram desde antes de Cristo o cultivo do arroz como na Indonésia, do inhame na Papua Nova Guiné, além da domesticação do búfalo, de porcos e uso do bronze como na cultura Dong Son (1000 a.C.–100 d.C.) no Vermelho, norte do Vietnã.

Estruturas políticas e ideológicas foram se consolidando com o tempo a partir dessas bases. Os chineses na época de Qin Shi Huang Di (260 a.C.–210 a.C.) unificaram-se visando proteção de suas cidades e vilas contra nômades da Ásia Central e Mongólia. O imperador Asoka (304 a.C.–232 a.C.) da dinastia Máuria governou sobre boa parte da Índia atual. Povos da etnia *mon*, precursores dos *khmers*, expandiram-se da Birmânia, atual Mianmar, para o leste em direção às férteis regiões alagadiças no Camboja. Os da etnia *tai*, no primeiro milênio d.C., vieram do sul da China para o vale do rio Chao Phraya e Mekong. Nas ilhas do Sudeste Asiático, o acesso marítimo ofereceu oportunidade de chegada de ideias nascidas no norte indiano, primeiro o hinduísmo, depois o budismo, a mesclarem-se com os costumes locais. A partir do nono século d.C., o Islã chega a ter presença nas comunidades portuárias.

A maturidade política se deu com a ascensão do Império Khmer entre os séculos 9 e 15 em torno do lago Tonle Sap, onde se ostentou seu auge na construção dos monumentos de Angkor com claras inspirações hinduístas, budistas e teores locais, num estilo que irá influenciar toda a região nos séculos posteriores. Mais ou menos no mesmo período, durante o império Srivijaya (650–1377), em Borobudur, na ilha de Java, Indonésia, o fervor budista inspirou a construção de um dos maiores conjuntos de estupas¹ do mundo. Na Índia, a invasão de guerreiros nômades da Ásia Central via Afeganistão, pelo Passo de Khyber, catalisou uma dinâmica mescla de culturas muçulmanas, de cunho pérsico centro-asiático, e hinduístas que caracterizou o estilo de palácios, fortes, jardins e mausoléus na época do império Mogol (1526–1858). Ao norte dos Himalaias, o confucionismo nascido em Shandong, foi gradativamente adotado como suporte ideológico do Estado e da sociedade chinesa desde a dinastia Han (202 a.C.–220 d.C.) até o fim dos Qings em 1911. Os monges budistas seguiram as rotas comerciais, ganhando, com o tempo, contornos característicos no Sudeste Asiático, Tibete, China, Coreia e Japão.

O caleidoscópio comercial asiático se manifestou através da oferta e compra de seda, têxtil, ouro, prata, algodão, açúcar, chá, gengibre, camelo e jade da China; de lã e menta do Tibete; de canela, pimenta, óleos aromáticos, açafrão, sândalo e jasmim da Índia; âmbar e penas de faisão da Birmânia; além de cavalo, lápis-lazúli, cristal e metais da Ásia Central. Esse rico painel comercial foi mantido ao longo dos séculos, a ser trocado com o Ocidente nos mercados do Cairo, Constantinopla (Istambul) e Veneza. Das ilhas do Sudeste Asiático, negociaram-se nos mercados de Malaca, Pegú, Gujarat e Cantão (Guangzhou) o arroz, mel, peixe, especiarias, incenso, pérolas, sal, além dos cobiçados produtos das ilhas das Especiarias (as atuais Molucas)², noz-de-moscada e cravo-da-índia.

Portanto, no século 16, a Ásia apresentou-se como uma região de longa e complexa atividade histórica e cultural com pujante atividade comercial.

1. Monumento construído sobre os restos mortais de monges budistas e servindo de local de meditação.

2. Arquipélago localizado a leste da atual Indonésia.



1

Ásia na chegada dos europeus

MAPA 1: A Ásia no Século 19



A Índia Mogol

Ao desembarcar em Calicute (Kozhikode), na costa de Malabar, na Índia, em 20 de maio de 1498, o navegador português Vasco da Gama e sua tripulação mal tinham a percepção de que toda a região do subcontinente indiano e alhures na Ásia iriam atravessar um inexorável e lento processo de desagregação social e política aos desígnios de comerciantes, missionários, exploradores, políticos e aventureiros europeus.

Fazendo o uso de um intérprete muçulmano tunisiano, Gama conseguiu uma audiência com o chefe local, o zamorim de Calicute (FIG. 1), e resultou disso a aquisição de um porto para servir de base para futuras expedições. A permanência posterior dos lusitanos em solo indiano só foi efetivamente terminada com a saída deles da cidade de Goa em 1961.

FIGURA 1: Vasco da Gama e o zamorim de Calicute, 1498



Fonte: <https://themadrasmadhatter.files.wordpress.com/2010/07/1.jpg>

Num contexto maior, objetivaram os europeus encurtar uma rota marítima a fim de comerciar as especiarias que a Índia há muito oferecia: cravo, canela, pimenta, anis, cardamomo, baunilha, gengibre, além de variados corantes, finos tecidos, joias e outros metais preciosos. A Índia oferecia muito a ser cobiçado no mercado europeu da época. Foi então que os portugueses — visando desarticular o anterior monopólio de comerciantes genoveses e venezianos com o conluio de turcos otomanos e persas — foram pioneiros em concretizar uma rota marítima de longa distância a fomentar o lucrativo comércio via Oceano Índico para a Europa. E lhes seguiram na cobiça os holandeses, franceses e britânicos, nos séculos seguintes.

Na perspectiva dos indianos, o século 16 apresentou a consolidação gradual do domínio de regentes muçulmanos advindos da Ásia central na dinastia dos Mogóis (Mugals), assim conhecidos por alegarem ser descendentes dos mongóis de Genghis Khan (Temudjin) e de Tamerlão (Timur Lang). O imperador Mogol Babur em 1526 deu início, a partir do norte-noroeste da Índia, a um processo de ampla unificação política raras vezes ocorrida na Índia desde Asoka. Seus descendentes nos séculos 17 e 18 iriam trazer consigo a influência muçulmana com matizes pérsicas, ecoando o estilo do mausoléu de Tamerlão (Gur-e Amir) em Samarcanda³, como ilustra o conjunto do Taj Mahal (FIG. 2) executado a mando de Shah Jahan para sua falecida amada Mumtaz Mahal em 1653.

3. Capital do império da dinastia de Tamerlão (1370–1507), localizada hoje no Uzbequistão.

FIGURA 2: O Taj Mahal em Agra, Índia



Fonte: http://www.photosof.org/view/taj_mahal_in_agra_india-wide.html

FIGURA 3: O Imperador Aurangzeb



Fonte: <http://goo.gl/ws1ZuZ>

A primazia dos Mogóis perdurou sem sérias contestações até o fim do reinado de Aurangzeb (1618–1707) em 1705 (FIG. 3). Num longo processo terminal de conflitos com contestadores hinduístas, como os maratas no planalto do Decão e Maharashtra, no centro-ocidental do país, todo o subcontinente ficou suscetível a interferências externas como a intrusão dos britânicos, estabelecidos em Bombaim (Mumbai) em 1661 — este como presente de dote dado pelo casamento da portuguesa Catarina de Bragança com o rei inglês Carlos II. Em décadas posteriores, após desenhar uma clara estratégia de predominância, os britânicos assaltaram em 1690 Calcutá (Kolkata), virado para a baía de Bengala, visando os mares a leste da Índia, tornando depois essa cidade a própria capital do seu domínio imperial (durante o chamado “Raj Britânico”) a partir de 1858.

Na fronteira leste, a Birmânia (hoje Mianmar) conseguiu unificar-se sob a dinastia de Taungú, com a coroação do rei Tabinshweti em 1514 na capital Pegú, apesar da diversidade étnica e dificuldade topográfica de integrar todo o seu território. Foi esse reino que serviu de futuro núcleo para a integração nacional birmanesa.

O reino da Birmânia sofreu, ao longo do século 16, ataques de portugueses e siameses (tailandeses) a sul e a leste. O reino conseguiu, porém, reagrupar-se em bases menores em 1614, incluindo a região da Baixa Birmânia (região dos vales dos rios Irauádi, Chindwin e Salween), a Alta Birmânia e a vasta região montanhosa dos Shans e Lanna a norte e nordeste e Tenassarim. Com isso, cria-se a base para os futuros reinos da região e, também, já se evidencia o problema de exclusão política de

numerosas minorias étnicas não birmanesas — *shans, rakhines, karens, paus, chins, mons, was, palaungs e padaungs*, entre outros ⁴.

No século 19, os birmaneses começaram a enfrentar a mobilização de tropas britânicas vindas do oeste, da região indiana de Assam, aliando-se com minorias étnicas, *karens* e *chins*, recém-convertidas ao cristianismo. Resultaram disso as chamadas Três Guerras Anglo-Birmanesas (1824–1826, 1852 e 1885), com o extenuante esforço britânico de desarticular a dinastia dos Konbaungs (1752–1885) na Alta Birmânia, sucessora dos Taungús.

MAPA 2: A Índia Britânica no centro e a Birmânia na direita em 1909



4. PIKE, Francis. *Empires at War: a short history of modern Asia since World War II*. London: I. B. Tauris, 2010. p. 199.

A China da Dinastia Qing

MAPA 3: A China Imperial Qing em 1820



FIGURA 4: O Imperador Qianlong



Fonte: <http://goo.gl/6HPqPb>

Em 1644, os manchus, vindos do nordeste da China, além da Grande Muralha, ocuparam o Trono do Dragão com a coroação de Shunzhi, encerrando a era anterior da dinastia Ming (desde 1368). Sendo manchus, uma etnia forasteira aos olhos de muitos da elite local chinesa, foi-lhes necessária uma gradual adaptação e adoção dos costumes da corte chinesa para serem aceitos no milenar sistema imperial ditado pela conservadora moralidade confuciana.

O sucessor, Kangxi, não poderia ser melhor exemplo dessa bem-sucedida adaptação na China imperial (1661–1722). Foi um período de consolidação política e de expansão territorial a norte (Manchúria e Mongólia Interior e Exterior), a oeste (Tibete) e a leste (ilha de Taiwan). A longa estabilidade do governo de Kangxi e de seu sucessor, Qianlong (1735–1796) (FIG. 4), ficou depois conhecida na história chinesa como a “Grande Era Próspera”. A China estava no seu auge imperial.

Era, pois, impensável que, ao adentrar o século 19, a China dos Qings teria que enfrentar graves problemas de ingerência estrangeira advindos dos seus mares meridionais.

Tal como na Índia, os produtos chineses eram há muito conhecidos e cobiçados pelos europeus por milenares rotas comerciais terrestres através da Ásia Central e Oriente Médio. Esses produtos iam desde sedas, porcelanas, chás até produtos laqueados, jades trabalhados e prataria. A

admiração era tamanha pelos seus produtos e cultura que mesmo Voltaire expressou sua estupefação sobre a ética de estudo dos concorridos exames para o mandarinato⁵.

No entanto, a admiração veio junto com desconhecimentos entre europeus e chineses, o que propiciou graves incidentes. Tal como no caso do enviado diplomático britânico, Lord Macartney, em 1793 (FIG. 5). Embora convencido de que o imperador Qianlong iria conceder-lhe audiência diante dos presentes europeus ofertados, foi negada ao diplomata uma audiência imperial, a princípio. A pessoa do imperador era sagrada demais, segundo os costumes e protocolo imperial chinês, para um encontro com estrangeiros longínquos. Depois de meses de espera, a audiência foi honrada, mas com a condição dos representantes britânicos de se prostrarem no chão (*kowtow*) na chegada do imperador. A recusa por Macartney foi sustentada, pois acreditava ser um ato humilhante e era convicto de que o soberano britânico da época, Jorge III, era a quem ele devia a última lealdade.

FIGURA 5: A Missão Macartney na China, 1793



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/LordMacartneyEmbassyToChina1793.jpg>

Décadas depois as demandas por maior abertura comercial e política chinesa de governos estrangeiros iriam aumentar. Restritos a uma ilha do porto de Cantão (Guangzhou), no litoral sul chinês, na foz do Rio das Pérolas (Zhu Jiang), os representantes e comerciantes europeus, coordenadamente, iriam forçar a abertura dos portos e rios chineses por meio

5. ROSTEN, Michel. Voltaire et le mandarin. *La Libre Belgique*, 04 fev. 2015. Disponível em: <http://goo.gl/uDCdcC>. Acesso em: 01 jun. 2015.

de ameaças com o uso de canhoneiras em embarcações e venda de ópio cultivado na Turquia e Índia Britânica. As Guerras do Ópio de 1840–1842 e de 1856–1860 atestarão a incapacidade chinesa de mobilizar a sua nação frente a uma inaudita ameaça militar ocidental. A humilhante ratificação dos Tratados de Nanquim (1842) e de Tientsin (1860) seria o primeiro e claro sinal de que a dinastia imperial chinesa estava em crise.

O Japão dos Tokugawas

Tokugawa Ieyasu (1453–1616) (FIG. 6) tomou o poder e governo na cidade de Edo (atual Tóquio) em 1600 e, após alguns anos, assumiu o título de xogum, comandante militar supremo. A cidade de Edo era convenientemente afastada ao norte da histórica Quioto, onde residia o Imperador e seus acólitos contra os quais Tokugawa havia combatido pelo poder.

FIGURA 6: Tokugawa Ieyasu



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/Tokugawa_Ieyasu2.JPG

A dinastia de Tokugawa, *bakufu* (徳川幕府), iria perdurar até 1868. Durante os seus quase trezentos anos, as ilhas nipônicas iriam atravessar um rigoroso período de consolidação política interna com base numa aliança de senhores latifundiários com a casta profissional de guerreiros, os *samurais*.

Nada era mais suspeito do que poderia vir do além-mar. Historicamente, o Japão já tinha, no seu passado, experimentado tentativas de invasões por mar, como nas malfadadas expedições dos chineses da dinastia Yuan por Cublai Cã, neto de Genghis Khan, em 1274 e 1281, desbaratadas por oportunos tufões fulminantes, conhecidos como “ventos divinos”, *kamizaze* em japonês.

A presença de estrangeiros europeus também já era notada com a chegada de europeus desde 1543. Enxergando-os com desconfiança frente à sua consolidação política interna, a dinastia de Tokugawa efetivamente limitou ao mínimo a presença de estrangeiros “bárbaros do Sul” na ilha meridional de Deshima, perto do porto de Nagasaki, por mais de dois séculos desde 1638⁶. Somente era dada exceção ocasional aos holandeses por prometerem aliança marítima contra a ameaçadora presença de portugueses e espanhóis nos mares próximos.

FIGURA 7: Comodoro Perry no Japão em 1853



Fonte: <http://aboutjapan.japansociety.org/resources/category/1/6/2/6/images/BE060529.jpg>

6. A religião japonesa oficial à época, o xintoísmo, inclusive conceituava os estrangeiros como “impuros”, “poluídos” (*kegare*) a serem banidos de qualquer contato e presença. Cf. HENSHALL, Kenneth G. *A History of Japan – from Stone Age to Superpower*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p. 207.

O período de isolamento insular japonês defrontou-se dramaticamente com a chegada de navios norte-americanos na baía de Edo em julho de 1853, sob o comando do Comodoro Matthew Perry (FIG. 7). Meses depois, com vista de sete navios canhoneiros apontados para a cidade, os japoneses assinaram a Convenção de Kanagawa (1854), primeiro passo para a abertura e contato político com governos ocidentais. A humilhante submissão aos desígnios estrangeiros provocará uma efervescente guerra civil no país que resultará na restauração do poder nas mãos do Imperador e seus aliados em 1868, a Era Meiji, época em que o país repensará como adequar toda a sua tradição sociocultural com a incorporação de técnicas gerenciais, militares e tecnologias ocidentais.

A Coreia na Era Joseon

A península coreana foi toda unificada desde a dinastia chinesa Tang no século 7 quando ainda lhe devia vassalagem. As invasões mongólicas (1231–1270) advindos do norte ofereceram uma oportunidade de mudanças internas no reino coreano. Os seus desafios internos posteriores foram enormes, entre os principais resistir às reivindicações chinesas da dinastia Ming (1368–1644) de incorporação da parte setentrional da península. Foi nesse embate que o general coreano Yi-Song-gye resolveu retornar do rio Yalu no norte e dar um golpe contra o regente coreano e desarticular seus aliados, os grandes latifundiários. Com o apoio da elite confucianizada⁷, em 1392, ele então fundou e legitimou uma nova dinastia, a Joseon (Chosŏn, 조선) (1392–1910), com o rei Taejo (1392–1398) (FIG. 8).

No início do século 15, a capital Joseon foi movida mais para o sul, de Kaesong para o que hoje é a cidade de Seul. Durante o reinado de Sejong (1418–1450), a fronteira norte foi estabilizada nos rios Yalu e Tamen. E o nativo alfabeto coreano, comumente referido como *hangul*, foi promulgado oficialmente em 1446. O estudo das obras confucianas foi encorajado durante a sua dinastia, a servir de modelo social e político para o reino, aprofundando-se mais do que a elite chinesa da época em tentar modelar a sua corte de acordo com os ideais do filósofo chinês⁸. Apesar de serem formalmente tributários da China da dinastia Qing, o reino coreano dos Joseons se via como o mais fiel herdeiro do confucionismo ortodoxo. Esse

FIGURA 8: Taejo de Joseon



Fonte: <http://goo.gl/Ewchdv>

7. Referente aos pensamentos de Confúcio (Kǒng Fūzǐ) (551 a.C.–479 a.C.) que enfatiza a importância da ordem social, da hierarquia, da justiça e do senso moral.

8. HOLCOMBE, Charles. *A History of East Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 146.

sentimento de isolamento e busca pelos ideais clássicos promoveram um novo senso de orgulho e percepção de identidade coreana. Em fins do século 19, quando a Coreia da era Joseon achava-se consolidada internamente após séculos, a península iria se deparar com as ambições advindas do leste pelos japoneses.

A Tailândia sob a Dinastia Chakri

MAPA 4: O Reino do Sião em 1809



Ao fugir da queda da capital Ayutthaya⁹ para tropas birmanesas em 1767, o general Taksin decidiu descer o rio Chao Phraya para fundar uma nova capital, Thonburi, hoje nas proximidades de Bangkok. O general governou até 1782 inaugurando a nova dinastia dos Chakris que iria redefinir a relação do país com vizinhos da região. A corte de Sião, antigo nome do reino da Tailândia, ao longo do século 19, constatou com perplexidade a crescente chegada de estrangeiros e a nova correlação de forças no Sudeste Asiático, depois da acachapante vitória europeia na Primeira Guerra do Ópio (1842) contra a China.

Em 1855, foram assinados tratados com a Grã-Bretanha e com a França. Restava ao rei Rama V, ou Chulalongkorn, entender o delicado jogo da política internacional de ceder quando era preciso às duas potências europeias, visando manter o mínimo da autonomia do seu reino com os britânicos a oeste e ao sul e os franceses a leste. Para tanto, dentro de suas fronteiras, os governantes Chakris tiveram que ceder aos franceses o Laos em 1893 e parte do Camboja em 1907. Aos britânicos foi cedida a soberania de estados malaios na fronteira sul em 1909.

Chulalongkorn ou Rama V (1853–1910) (FIG. 9) também seguiu o exemplo do seu pai, Mongkut ou Rama IV, e cultivou relações de amizade com representantes e missionários europeus, importando livros e conhecimentos técnicos estrangeiros. E foi na casa real de seu pai que foi contratada como governanta palaciana a anglo-indiana Anna Loenowens¹⁰, para supervisionar a educação ocidental de seus filhos.

9. Fundada em 1350, foi capital do reino de Sião até 1767. As suas ruínas hoje se localizam a 60 quilômetros ao norte de Bangkok.

10. A relação de Anna com o rei Mongkut ficou famosa após a publicação do livro ficcional de Margaret Landon, em 1944, *Ana e o Rei*. Cf. LANDON, Margaret. *Anna and the King of Siam*. New York: Harper Perennial, 1999.



FIGURA 9:
O rei siamês
Chulalongkorn ou
Rama V

Fonte: <http://goo.gl/dY74CS>

Era natural, portanto, a propensão de Chulalongkorn a empreender uma série de reformas ocidentais a atingir a modernização do seu reinado (1868–1910). Seus decretos imperiais contemplaram a reformulação do Poder Judiciário, medidas contra a corrupção, modernização das Forças Armadas, comunicações, transportes e abolição da escravidão.

Da Diversidade para a União: o Vietnã dinástico

Os vietnamitas ganharam a soberania com Lê Lợi, fundador da dinastia Le (1428–1770) após vencerem as guerras contra os chineses ao norte. Mas a vitória não sobrepujou seus problemas internos (**MAPA 5**). Com o fustigamento dos chineses ao norte do Rio Vermelho, facções rivais disputaram o poder real vietnamita nos séculos posteriores. A crise interna foi somente resolvida em fins do século 18, com o breve sucesso dos irmãos Tâi Sơn (1770–1802) ao estabelecerem uma nova dinastia para serem depois destronados definitivamente pela dinastia Nguyễn (1802–1945).

MAPA 5: O Vietnã no século 18



Uma tendência irrevogável do Vietnã foi ter que lidar com sua posição costeira estratégica ligando o Mar Meridional da China com o Sudeste Asiático. A proximidade com a China ao norte, sua relação histórica e a forte influência cultural muitas vezes prefiguraram um prelúdio imperial chinês sobre os vietnamitas. Ademais, a vocação marítima do país sempre o expôs ao cosmopolitismo e a presença de estrangeiros em suas terras. O confucionismo chegou-lhes do norte, o budismo do oeste e o islamismo, embora restrito historicamente, da costa sul. E da costa chegaram novas influências e demandas de estrangeiros distantes.

Em meados do século 19, com a imposição dos europeus sobre a vizinha China depois das Guerras do Ópio, a presença francesa no país ficou cada vez mais nítida, o que resultou na divisão do país em três regiões: o sul (Cochinchina) tornou-se colônia em 1862; o norte (Tonquim) e o centro (Annam) tornaram-se protetorados entre 1884 e 1885 (MAPA 6). Uma vez pacificadas, todas as três regiões foram posteriormente incorporadas na União Indochina Francesa (*Union indochinoise*) em 1887.

MAPA 6: A Indochina Francesa antes da União em 1887



Nas Ilhas do Sudeste Asiático: Indonésia, Malásia e Filipinas

Diferentemente das outras regiões ao norte, as ilhas do Sudeste Asiático tiveram forte influência islâmica desde o século 16. No entanto, o Islã ganhou contornos específicos, mesclando-se com crenças populares anteriores, originadas do hinduísmo e budismo, como o santo islâmico javanês, Pangeran Panggung, apresentando-se este como um asceta xivaísta¹¹ conforme relatos chineses do século 16¹².

O advento do Islã na região foi decorrente da presença comercial de navegadores advindos do Golfo Pérsico e das regiões indianas ocidentais

11. Referente ao um dos principais deuses da trindade hindu, Xiva (ou Shiva), que representa a contínua dissolução e recriação do Universo.

12. COTTERELL, Arthur. *Ásia: a concise history*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011. p. 301–302.

do Sind e Gujarete. Antes da chegada dos lusitanos na região, o regente de Malaca já havia se convertido ao Islã no século 15 e isso contribuiu para a expansão muçulmana em regiões costeiras próximas, nas ilhas de Java e Sumatra, além da península malaia.

Esse fator conteve o ímpeto de conversão dos portugueses frente aos muçulmanos da região. Em 1511, o vice-rei português Alfonso de Albuquerque, tomou o porto de Malaca¹³ pelas armas e prometeu acabar com a fé maometana na região, pretendendo levar o Cairo e Meca à bancarrota e forçar os venezianos a comprarem especiarias em Lisboa. Mas resultou no contrário, numa ampla aliança e desconfiança dos muçulmanos da região frente aos cristãos. Dentro de 50 anos da conquista portuguesa de Malaca, o sultão de Aceh, vindo do norte de Sumatra, já havia rompido o domínio português no comércio local de especiarias.

Foi na ilha de Java, a mais fértil e povoada das ilhas indonésias, que os europeus asseguraram um duradouro cultivo e comércio de especiarias desde a chegada do holandês Cornelis de Houtman em 1596. Expandiram depois a sua presença na ilha com a amálgama de empresas comerciais interessadas na criação da Companhia Holandesa das Índias Orientais (*Vereenigde Oost-Indische Compagnie*) (MAPA 7).

MAPA 7: As Índias Orientais Holandesas em 1818



13. Assim como Cingapura, Malaca é um estratégico porto asiático situado na península malaia no estreito que liga o Oceano Índico ao Mar Meridional da China e ao Oceano Pacífico.

Mais a leste, nas Filipinas, o governo imperial espanhol elaborou uma nítida estratégia de conversão da população em geral ao cristianismo mesmo constatando as dificuldades iniciais de colonização sob comando de Fernão de Magalhães em 1521. Estabeleceram sua capital em Manila em 1571, na ilha de Luzon, e assim passaram a governar a sua colônia por mais de 300 anos (MAPA 8).

MAPA 8: As Filipinas sob a dominação espanhola (1521–1898)



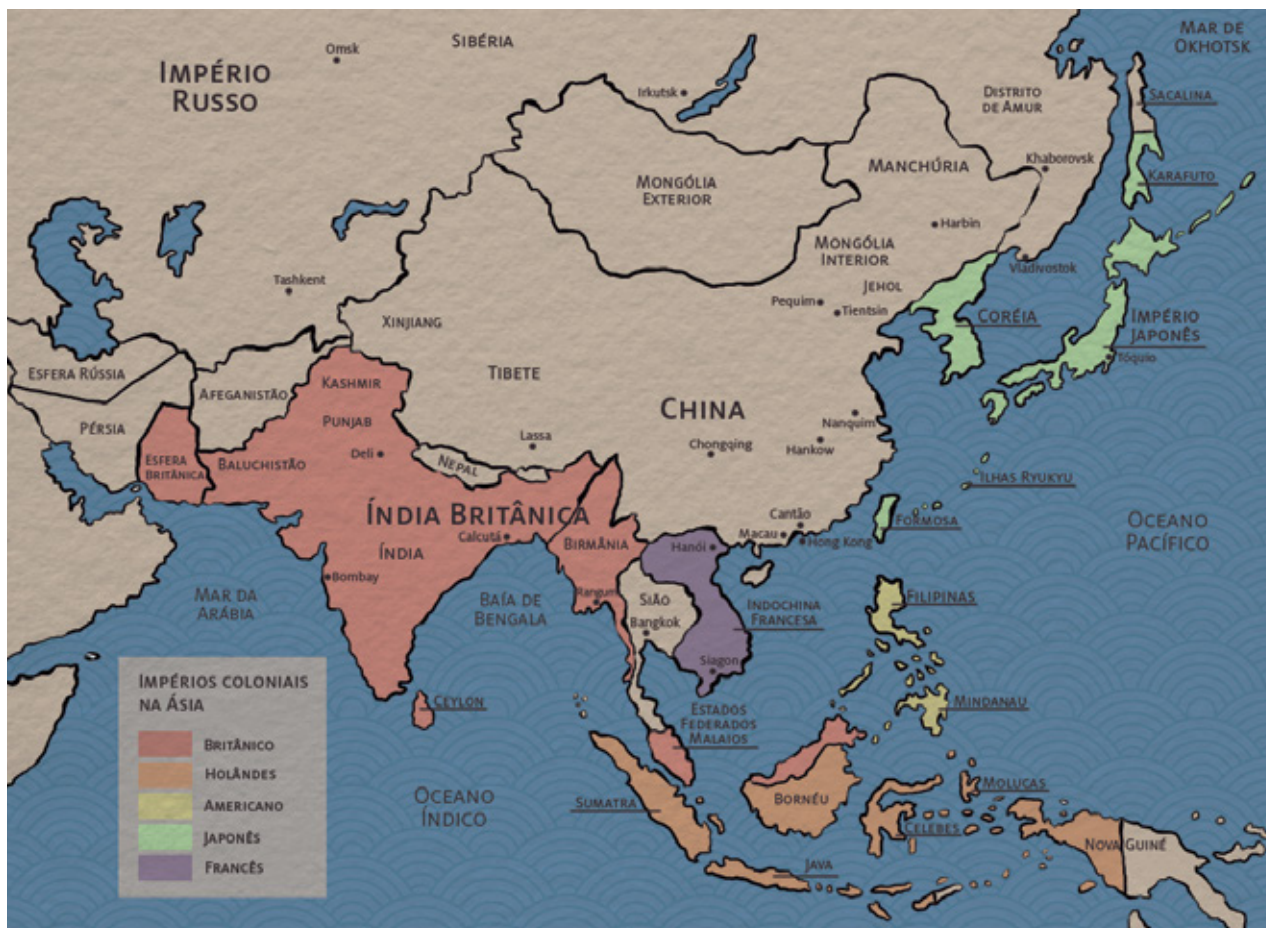
O governo espanhol explorou o quadro diverso das etnias filipinas compostas por mais de cem línguas e dialetos espalhados por mais de sete mil ilhas. Ademais, a escassa influência cultural da Índia e da China incendiou o afã missionário católico espanhol na conversão dos filipinos, com o Islã fazendo adeptos apenas nas ilhas mais meridionais, em Mindanao.



2

Encontros e Defrontações na Ásia

MAPA 9: A Ásia em fins do século 19



O século 19 foi fundamentalmente transformado pelas revoluções técnicas e científicas ocidentais. Revelou-se essa tendência nos meios de transporte e comunicações, como navios a vapor, telégrafos e ferrovias, que ligaram o planeta em seus diversos pontos e possibilidades. Novas tecnologias militares, como a metralhadora e os navios encouraçados, concederam aos países industrializados uma superioridade sem precedentes sobre outras nações.

Concomitantemente a essa assimetria, a tendência ocidentalizante em termos sociais, políticos e culturais começava a se espalhar pelo mundo. Roupas, penteados, maquiagens, hábitos e gostos ocidentais tornaram-se moda especialmente entre as elites asiáticas. No Japão, na década de 1870, os samurais cortaram seus coques e começaram a adotar as roupas ocidentais.

A democracia representativa e constitucional virou tendência ao final do século 19. Por volta de 1890, o Japão concebeu uma constituição escrita e um legislativo foi eleito. Na virada para o século 20, a China adotou uma constituição formal, organizou eleições provinciais e, em 1912-1913, realizou suas primeiras eleições democráticas nacionais.

A economia ganhava escalas globalizadas. O transporte e as comunicações se tornaram mais integrados, rápidos e padronizados. A União Internacional de Telégrafos foi fundada em Paris em maio de 1865 e a União Postal Universal em 1874 em Berna. Um ambiente de negócios e transações padronizado emergia, pautado em tecnologias e gerenciamento compartilhados. No fim do século 19, os mercados de capitais foram integrados, comunicações quase instantâneas eram possibilitadas pelo telégrafo, o transporte refrigerado por navios transportava bens perecíveis para atender a demanda global. Café, borracha, cobre e estanho eram demandas globais crescentes. O fluxo de capitais atingiu um ápice no início do século 20 — boa parte advinda da Grã-Bretanha — e o comércio internacional em 1913 não foi igualado até fins da década de 1980¹⁴.

O fim da era Qing na China

No século 18, o padrão de vida chinês era aproximadamente igual ao de países da Europa Ocidental. Consumia-se mais açúcar por pessoa, comparativamente, e produziam-se volumes comparáveis de tecidos. Em termos agregados, se não em termos *per capita*, a China era provavelmente a nação mais rica do mundo até 1800, com um terço da produção mundial¹⁵. No entanto, por volta de 1900, a participação da China na produção mundial decaiu para apenas 6%. Boa parte da explicação disso não se deve a um declínio absoluto interno, mas a um relativo crescimento explosivo das economias industrializadas na Europa e Estados Unidos.

Os países vizinhos da China eram normalmente considerados tributários aos olhos da elite e corte imperial. Pois foi da China que irradiaram seus costumes, alfabeto, filosofia, hábitos e vestimentas. O poderio militar e econômico chinês até fins do século 18 era em muito superior a qualquer concorrência nas proximidades, mesmo aos japoneses, que decidiram cautelosamente se fechar no período da dinastia de Tokugawa conhecido como *sakoku*.

Em termos cerimoniais a Coreia nominalmente reconhecia o imperador chinês como único Filho do Céu. O Vietnã, assim como o reino de Sião (Tailândia) mandava-lhe tributos anuais simbólicos estipulados e

14. WORLD TRADE ORGANIZATION. Trends in International Trade. p. 47. Disponível em: <https://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/wtr13-2b_e.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2015.

15. ALLEN, Robert C.; BASSINO, Jean-Pascal; MOLL-MURATA, Christine. Wages, Prices, and Living Standards in China, Japan, and Europe, 1738–1925. Disponível em: <http://gpih.ucdavis.edu/files/Allen_et_al.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2015.

eram-lhes concedidos o comércio e acesso regular ao mercado chinês. Os mongóis, ao norte, foram submetidos por alianças políticas e inseridos na estratégia chinesa de administrar as províncias mais distantes do noroeste islamizado dos *uigures*. O Tibete já havia sido recebido um residente-geral da corte chinesa em 1750, o chamado *ambam*, e era tolerado o culto do seu budismo de cunho lamaísta.

Mas no século 19 as relações tributárias chinesas começaram a mudar. A Birmânia, próxima à Índia Britânica, foi cedida à Grã-Bretanha em 1886 após as Guerras Anglo-Birmanesas. O Nepal, nos Himalaias, manteve-se como reino fechado sob protetorado britânico a partir de 1815. A França adquiriu a administração do Vietnã, Laos e Camboja por etapas entre 1862 e 1885. O Japão, saindo de seu período de isolamento depois de séculos, adotou uma política expansionista e passou a incorporar as ilhas próximas das Curilas (1869), Okinawa (1879) e a cadeia de ilhas de Ryūkyū (1878). Em 1895, os japoneses passaram a exigir a incorporação da Coreia na sua órbita e no mesmo ano invadiram a ilha de Taiwan, parte historicamente integrada do Império da China.

Quanto aos ocidentais, as relações com o Império do Meio eram, até meados do século 19, restritas a uma região ao sul do porto de Cantão (Guangzhou), onde ficavam enclausurados por até seis meses ao ano. Essa foi uma solução do império chinês, visando controlar a presença ameaçadora de estrangeiros no seu reino, assim como já tinha praticado contra nômades das estepes da sua região noroeste, atual Xinjiang. Os russos eram exceção, pois tinham firmado pelo acordo de Nerchinsk, de 1698, os limites territoriais e especificado o livre acesso de mercadores russos à capital Pequim.

A presença mais marcante entre os ocidentais eram os britânicos, no início do século 19, com sua considerável demanda por produtos chineses como o chá. Na década de 1830, por exemplo, foram por eles importados em média quase 15 toneladas anuais de chá, tornando-se este a mercadoria mais importada pela Grã-Bretanha¹⁶. O problema foi o sustentado déficit comercial na balança britânica frente ao mercado chinês, resultando em pagamentos monetários em forma de prata. Foi, pois, do interesse deles acharem uma mercadoria que pudesse financiar tal déficit: o ópio.

O fumo não medicinal do ópio já era julgado ilegal na China desde 1792, sendo assim o primeiro país do mundo a aprovar tal lei. Em outros países, como na Grã-Bretanha, à época, o seu uso era amplo, chegando mesmo

16. BRITISH LIBRARY. China Trade and the East India Company. Disponível em: <<http://www.bl.uk/reshelp/findhelpregion/asia/china/guidesources/chinatrade/>>. Acesso em: 04. 2015.

a ser usado para acalmar crianças com uma mistura líquida conhecida como “láudano”. Em 1770, o cultivo da papoula que dá origem ao narcótico começou a ser incentivado na Índia Britânica, na região nordeste da Bengala. A Companhia das Índias Orientais Britânicas (doravante Ciob), responsável à época pela administração da Índia, decidiu então exportar a droga para Cantão. Nas décadas seguintes, o comércio para a China quadruplicou, e já no início do século seguinte o ópio era a mercadoria mais comercializada na região.

O problema inerente a esse comércio era que ele, conforme visto, era ilegal na China. Mas o cultivo e o uso do ópio não eram julgados ilegais alhures. Legalmente, portanto, aos olhos britânicos, a Ciob não incorria em crime algum, pois apenas transportava e entregava a mercadoria a negociantes cantoneses locais.

A quantidade de ópio importada pela China, mesmo sendo ilegal, aumentava sensivelmente, drenando os recursos imperiais para o seu pagamento. Entre 1830 e 1836, foi estimado um aumento de 18.956 para 30.302 baús de ópio (cada baú pesando em média 63,5 quilogramas). Em 1838, a importação alcançou 40 mil baús¹⁷. A balança deficitária, antes britânica, tornava-se agora chinesa no comércio bilateral. O problema que antes era criminal e moral tornava-se, gradativamente, uma questão crucial de Estado.

Diante de tal quadro, Pequim decidiu dismantelar tal tráfico no sul, mandando o comissário imperial Lin Zexu em 1839. Foram presos centenas de traficantes e milhares de cachimbos de fumo. Ademais, Lin lacrou todo acesso ao quarteirão britânico exigindo a entrega de todo o estoque ilícito, o que desagradou o superintendente britânico responsável pelo comércio local, o capitão Charles Elliot. Impaciente com a demora do governo em Londres pela resposta ao impasse, tomou Elliot pronta iniciativa de entregar a mercadoria exigida, por volta de 20 mil baús.

Não satisfeito, o comissário Lin, em seus atributos, exigiu a promessa por escrito de que tal estoque e comércio não voltariam a se repetir sob risco de serem julgados com pena capital por uma corte de justiça chinesa. Houve a recusa dos britânicos diante de tal ultimato a serem submetido a uma justiça vista como “bárbara”. Pouco momentos depois, tiros foram ouvidos advindos das discussões e uma frota armada foi mobilizada atendendo às demandas dos comerciantes britânicos. A China e a Grã-Bretanha entraram em guerra.

17. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Opium Trade – British and Chinese History. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/430160/opium-trade>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

No que ficou conhecida como a Primeira Guerra do Ópio de 1842, ficou claro o oportunismo britânico em demonstrar a sua agressão via superioridade bélica naval, contrastando com a inexpressiva frota chinesa à época (FIG. 10). No decorrer dos eventos do conflito, uma esquadra britânica adentrou o rio Yangtzé e bloqueou o Grande Canal que possibilita o transporte essencial de grãos demandados pela árida região norte chinesa em torno da capital imperial. Após o bloqueio, a dinastia Qing foi obrigada a assinar os termos do Tratado de Nanquim (1842) em que foram abertos ao acesso comercial cinco portos chineses, incluindo o da foz do rio Yangtzé, Xangai, e a concessão permanente da ilha de Hong Kong à Coroa Britânica, na foz do Rio das Pérolas, sob *leasing* de 99 anos, a ilha e os seus territórios adjacentes a partir de 1898. A dinastia Qing também foi obrigada a indenizar os custos de guerra estimados à época em US\$ 20 milhões.

FIGURA 10: O navio britânico Nemesis bombardeando juncos chineses na Primeira Guerra do Ópio



Fonte: <https://goo.gl/borQt1>

Alguns anos depois, em outubro de 1856, outro pequeno incidente resultou em uma segunda guerra entre franco-britânicos — após supostos desentendimentos a respeito de um missionário francês — e o Império do Meio. A fagulha se deu por desentendimentos de um navio, o *Arrow*, de propriedade e bandeira britânica com tripulação chinesa a bordo com licença expirada. Todos os tripulantes foram presos pela irregularidade e isso foi considerado um insulto de maiores proporções pelas autoridades britânicas residentes em Hong Kong. Resultou disso a Segunda Guerra do Ópio ou a Guerra de *Arrow* (1856–1860).

As exigências no Tratado de Tientsin de 1858–1860 dessa vez foram, além das exigências de abertura de outros portos na costa chinesa e liberdade de culto e de ação missionária, a residência diplomática permanente de ocidentais no coração político e cultural da China imperial, Pequim¹⁸. Além de mais uma humilhante derrota e fuga do Imperador Xianfeng (1831–1861) para a Manchúria, onde chega a falecer, o Palácio Imperial de Verão, a noroeste de Pequim, um dos maiores patrimônios históricos e culturais da China, foi amplamente incendiado e sistematicamente saqueado por tropas ocidentais. Algo que jamais os chineses esqueceriam.

O descontentamento social após as Guerras do Ópio foi se ampliando desde 1842. As rebeliões foram motivadas por múltiplos fatores: humilhação frente aos “bárbaros” ocidentais, exclusão social, desemprego, aumento da criminalidade e descontentamento de numerosos comerciantes da região de Cantão ao perceberem a ascensão econômica e comercial da ilha de Hong Kong (britânica) e de Xangai mais ao norte. E foi justamente da região de Cantão que se manifestou o mais amplo e sério descontentamento social liderado por alguns chineses recém-convertidos ao cristianismo: a Rebelião dos Taipings (1850–1864). Os embates resultaram em significativas perdas de tropas imperiais no sul além de perderem o controle de uma importante cidade histórica ao longo do delta do Yangtzé, a cidade de Nanquim (Nanjing), transformada em capital dos rebeldes em 1853.

As potências ocidentais com interesse na China — entre os principais, os britânicos, franceses, russos, alemães e norte-americanos — inicialmente se posicionaram com neutralidade diante da guerra civil. A partir de 1860, no entanto, preocupados em lidarem futuramente com um ambiente ainda mais hostil e anárquico aos seus interesses, os ocidentais passaram a proteger os interesses dos Qings, apesar de não terem participado de maneira decisiva em nenhum momento dos conflitos.

Em 1864, Nanquim foi recapturada por tropas regionais com lealdades imperiais e todas as medidas foram tomadas visando erradicar o movimento Taiping. Em suma, a rebelião fracassou em modificar o sistema político chinês e deixou mais de 20 milhões de mortos e largos tratos de terras cultiváveis devastados. Mais duradouro foi, além da clara inspiração para movimentos rebeldes no futuro, a enérgica e decisiva ação de milícias e tropas regionais — e não centralizadas — na repressão dos rebeldes, contribuindo posteriormente para uma descentralização a longo termo do sistema político chinês.

18. WONG, J. Y. The ‘Arrow’ Incident: a Reappraisal. *Modern Asian Studies*, Cambridge, v. 8, n. 3, p. 373-389, may 1974. Disponível em: <<http://goo.gl/H7BVvd>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

Outras rebeliões também foram notáveis na contestação do poder imperial Qing à época. Com bases étnicas e religiosas, muçulmanos nas províncias a norte e noroeste de Xinjiang, Gansu, Shaanxi e Ningxia, em 1864, se rebelaram contra a sua marginalização e discriminação na chamada Revolta Dungan. Contaram inclusive com solidariedade e apoio de muçulmanos fora da China. Como os do Canato de Kokand, no atual Uzbequistão, sob o comando militar de Yakub Beg (1820–1877), este com considerável apoio militar do Império Otomano do Oriente Médio, chegando a ser-lhe concedido o título de emir (comandante, em otomano e árabe) em toda a região. Uma solidariedade pan-islâmica pode ser constatada nesses episódios¹⁹. A autonomia sob mãos muçulmanas, no entanto, perdurou apenas até o fim de 1877 com a sistemática repressão de tropas imperiais chinesas. Foi a última expressiva campanha vitoriosa do Império do Meio.

Após a morte do Imperador Xianfeng, em 1861, sucede-o no trono chinês um menino de cinco anos de idade conhecido como o Imperador Tongzhi (1862–1874) (FIG. 11), à frente de uma dinastia que aparentava, aos olhos da sociedade, estar à beira de um abismo. Era, pois, urgente e necessário repensar o sistema político visando revitalizar o reino, o que ficou conhecido como a Restauração Tongzhi.

Nessa estratégia renovada, foram constatadas as debilidades imediatas dos chineses frente aos agressores estrangeiros. Para sanar tal quadro, estudantes selecionados por concurso público foram enviados a universidades europeias e norte-americanas, para uma adequada formação moderna em áreas críticas como medicina, engenharias, cursos técnicos e humanidades. Instrutores e professores estrangeiros foram convidados para palestras, cursos e instruções nas academias chinesas. Pensava-se, pois, que bastaria a incorporação da *techne* ocidental e a modernização do aparato político-militar do império para revigorá-lo no ambiente internacional.

No entanto, a conservadora atuação confuciana do Estado e de sua elite burocrática central e regional (os mandarins) obstruiu a livre iniciativa de inovação e empreendimento da sociedade chinesa em um momento tão crucial. Projetos e iniciativas renovadoras que eram considerados irrelevantes, ameaçadores ou incompreendidos foram desestimulados. Ademais, inexistia um sistema de leis comerciais a salvaguardar as propriedades e bens. A infraestrutura do país não se adequava a uma demanda mais dinâmica de produção em escala industrial.

FIGURA 11: O Imperador Tongzhi



Fonte: <https://goo.gl/FPknhn>

19. Solidariedade em parte inspirada pelo intelectual pan-islamista Jamal al-Din al-Afghani (1838–1897). Cf. MISHRA, Pankaj. *From the Ruins of Empire: the Intellectuals who Remade Asia*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2012. cap. 2.

Houve, além disso, crescentes casos de corrupção e mau gerenciamento dos recursos públicos destinados à segurança das cidades, vilas, estradas e rios. Não houve sequer uma padronização monetária para todas as regiões da China. Nem houve um padrão de pesos e medidas para o pleno funcionamento dos mercados. E não menos importante, o senso de desunião e descrença nas autoridades imperiais após os eventos de meados do século 19 provocaram um cenário descentralizado de lealdades políticas, algo fatal em um momento de almejada renovação modernizadora do país.

A Revolta dos Boxers (1898–1900) (FIG. 12) foi talvez o *coup de grâce* no sistema imperial chinês. Antes disso, as tentativas de reformas na regência de Tongzhi arrefeceram com sua morte prematura em 1874. Sucedeu-lhe sua mãe, a Imperatriz Cixi, que atuou como tutora do futuro imperador, seu sobrinho, o Imperador Guangxu (1875–1908). Cixi alimentava convicções conservadoras contra as tendências reformistas, enxergando a volta às tradições históricas impolutas como solução da crise dos tempos. A crise seria moral, de ordem social e de respeito às tradições da família e do poder, conforme pregava Confúcio.

FIGURA 12: A Revolta dos Boxers



Fonte: <http://media.web.britannica.com/eb-media/46/160546-050-00ECD73D.jpg>

A perda da influência sobre o reino Joseon na Coreia e o controle sobre a ilha de Taiwan, defronte à região de Fujian na China, para os japoneses em 1895 somente agravou tal recuo conservador da elite. E a presença internacional em solo chinês era cada vez mais grave. Na região nordeste, na Manchúria, houve o avanço das tropas russas com a construção de ferrovias em direção ao mar até Porto Arthur (Lünshunkou), na península

de Liaodong em 1898. Na mesma época, os alemães adquiriram o porto de Qingdao, na província de Shandong, local de nascimento de Confúcio, e a França deteve os direitos de administração em Yunnan a resguardar o seu domínio do outro lado do Rio Vermelho no norte vietnamita (Tonquim). Os britânicos ocuparam o porto de Weihaiwei, também em Shandong.

Alarmados os senos chineses a respeito desses avanços e concessões em múltiplas frentes, o jovem imperador Guangxu orquestrou um plano de reforma, os Cem Dias de Reforma, em 1898. Como o próprio nome indica, a urgência de reforma tão ampla em tão pouco tempo mostrou-se abortiva. Os conservadores da corte ficaram ainda mais horrorizados diante da ofensiva reformadora e a Imperatriz Cixi organizou um golpe de poder aprisionando em domicílio o Imperador Guangxu no recém-construído Novo Palácio Imperial de Verão, declarando-se regente plenipotenciária da China.

Em 1899, depois de uma severa seca no norte da China, uma sociedade religiosa chamada de *Yihequan* (Boxeadores Unidos na Retidão, ou simplesmente *boxers*) deu uma explicação à avassaladora catástrofe nacional que ganhou amplo apoio e repercussão: foram as nefastas influências estrangeiras e suas adorações ao Cristianismo, e o abandono de chineses pelas divindades tradicionais que foram as causas de todas as recentes mazelas.

Além de adotarem uma clara postura antiocidental e anticristã, os *boxers* eram também potencialmente contra o *status quo* político da dinastia Qing. Todavia, a elite conservadora imperial enxergou neles uma força social aliada a expulsar os estrangeiros do reino. Foi nesse sentido que a Imperatriz Cixi, aliada a lideranças *boxers*, declarou ofensiva aos ocidentais, sitiando todo o quartelão diplomático em Pequim e a comunidade estrangeira residente na região, com estimados 900 civis incluindo o futuro presidente dos EUA, Herbert Hoover, na vizinha cidade portuária de Tientsin (Tianjin).

Os embates pelo lado chinês não se provaram unificados o suficiente, refletindo a frágil aliança entre os insurgentes e o governo imperial. Em resposta aos sítios e agressões chinesas, as forças ocidentais organizaram-se em uma expedição punitiva multinacional com notável cólera. Marcharam sobre Pequim e resgataram a comunidade ocidental sitiada na cidade. Os *boxers* foram duramente reprimidos e pesadas indenizações previstas no Protocolo Boxer de 1901 foram impostas ao governo imperial: um pagamento equivalente a duas vezes as receitas anuais do Império²⁰. Foi nessa fúria ocidental de represália que declarou o *kaiser* alemão Guilherme II no seu infame Discurso Huno sobre a devida repressão aos chineses:

20. SETTLEMENT OF MATTERS GROWING OUT OF THE BOXER UPRISING (BOXER PROTOCOL). Disponível em: <<http://www.loc.gov/law/help/us-treaties/bevans/must000001-0302.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

Assim como há mil anos os hunos sob Átila fizeram sua feroz reputação que a tradição ainda nos faz recordar; que o nome da Alemanha assim seja também temido de tal forma por todos os chineses ao ponto de nenhum deles ousarem sequer olhar para um alemão nos olhos!²¹

Foi, então, esse confronto o último ato de afirmação política do Império do Meio. Até mesmo Cixi e seus aliados conservadores perceberam que a crise era de natureza inédita e transformadora. A própria inserção da China no mundo deveria ser radicalmente reavaliada. Os “estrangeiros brancos e barbudos”, triunfantes mais uma vez, não eram apenas bárbaros a serem agraciados por presentes, subornos e alianças temporárias visando a preservação das fronteiras do reino como ditavam os clássicos estrategistas chineses. As relações deveriam passar por novas regras e condutas, formuladas por cânones estrangeiros em leis e convenções internacionais. As tributações e seus protocolos coadunados exigidos de vizinhos e estrangeiros no passado deixaram de ter sentido. O Filho do Céu não era mais o representante no ápice diante dos olhos dos súditos. O mundo era outro no nascente século 20, e a China deveria dolorosamente trilhar seu próprio caminho para se inserir nesse contexto.

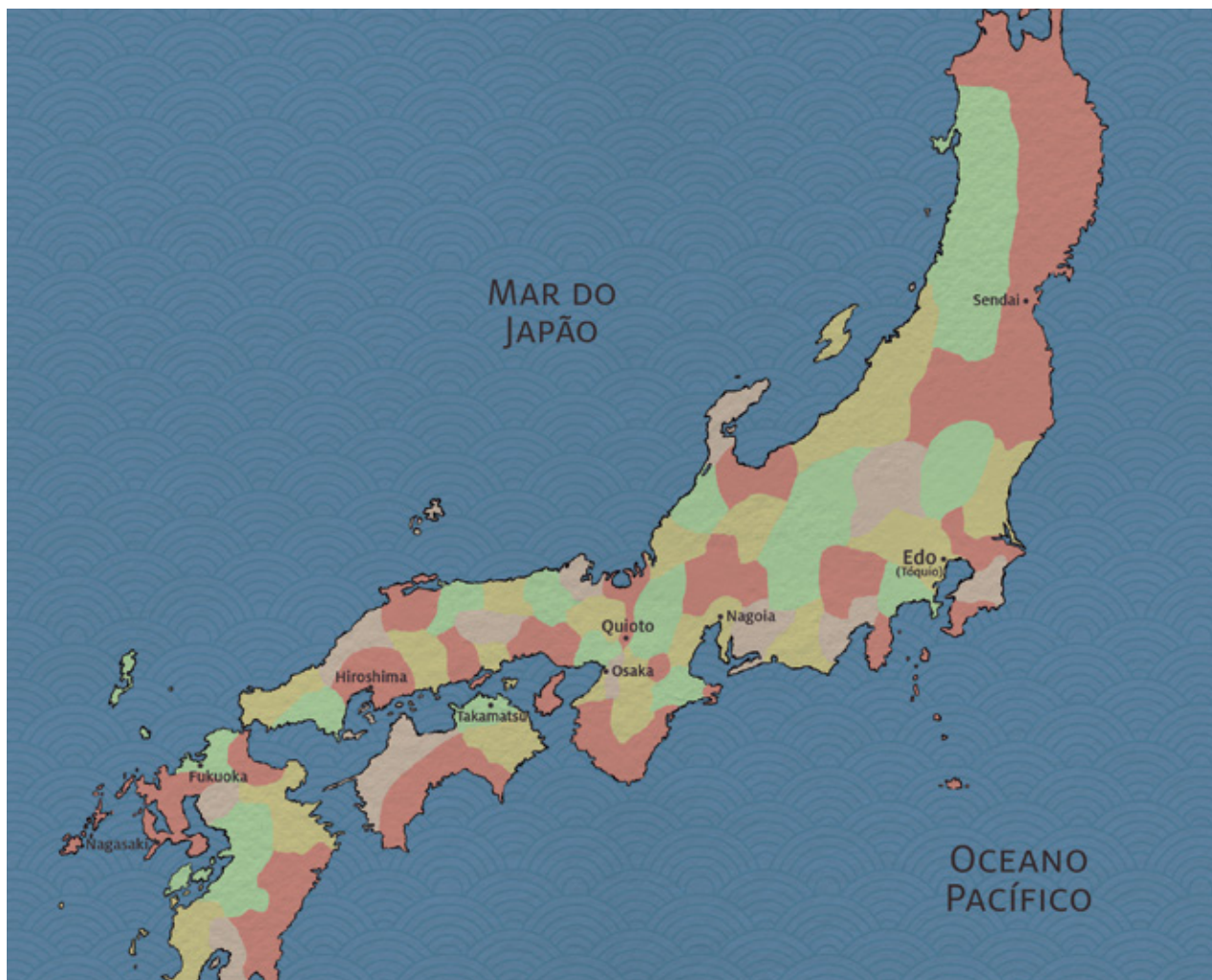
MAPA 10: A China e as esferas de influência estrangeiras em 1900



21. RÖHL, John. *The Kaiser and his Court: Wilhelm II and the Government of Germany*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996. p. 14, tradução nossa.

O Japão na era Meiji

MAPA 11: O Japão em 1853



Os descontentamentos de alguns grandes latifundiários (*daimiô* ou *daimyô*, 大名) e de seus clãs nos anos após a abertura feita em 1854 consistiram na principal força propulsora de questionamento da ordem política do xogunato, à época sob regência do 15º xogum, Tokugawa Yoshinobu. Entre os mais poderosos *daimiôs* insurgentes estavam o da província de Satsuma, da ilha meridional de Kyūshū, e os das províncias meridionais de Chōshū e Tosa, do outro lado do Mar Interno do Japão. Ambos senhores acumularam séculos de prosperidade com o comércio com outras ilhas do outro lado do Mar do Japão a oeste.

A humilhante abertura forçada em 1854 provocou grande debate sobre a crescente presença de estrangeiros (*gaijin*) e sua influência

numa sociedade habituada a conter a presença externa desde o século 17. O jovem e inexperiente xogum, Yoshinobu, no ápice da pirâmide política e militar, era visto como inepto frente aos desafios dessas mudanças. E o momento político fora aproveitado e articulado pelos mencionados líderes japoneses meridionais. A contestação toda, com o *slogan* “reverência ao Imperador, expulsão aos bárbaros” (*sonnō jōi*), visou retornar o poder político à tradicional figura do Imperador, depois de séculos afastado pelos Tokugawas, restrito a um papel apenas cerimonioso, religioso e longe da atuação política.

Nesse sentido, as tropas de Satsuma, Chōshū e Tosa, com o apoio de aliados imperiais iniciaram forte ofensiva política, e vários atentados e assassinatos de políticos e oficiais do xogunato foram realizadas culminando num turbulento período de instabilidade fratricida a partir de 1866. Dois anos depois, em 03 de janeiro de 1868, samurais primordialmente de Satsuma proclamaram a restauração imperial, conhecida na história como a Restauração Meiji (*Meiji Ishin*). As tropas do xogunato Tokugawa foram derrotadas quatro dias depois, o xogum se rendeu e em novembro do mesmo ano o jovem Imperador Meiji, Mitsuhiro, mudou-se da histórica cidade de Quioto, símbolo do passado imperial politicamente inócuo para o centro de decisão da nação na cidade de Edo, hoje conhecida como Tóquio (“a capital oriental”, em japonês).

A Restauração foi assim nomeada por retornar o poder às mãos imperiais depois de séculos de dominação militar dos xoguns. Foi ela inspirada em ideias confucianas que valorizam a tradição e lealdade. Foi, essencialmente, uma revolução conservadora em direção ao passado imperial. No entanto, objetivos inovadores foram expressos na promulgação da Carta de Juramento do Imperador Meiji²² de abril de 1868 nos seus artigos 4º e 5º: “os costumes nefastos do passado devem ser abandonados [...] [e] o conhecimento deve ser buscado pelo mundo a fim de fortalecer as fundações da regência imperial”. Consistiu, portanto, num perfeito exemplo de mistura da tradição com mudanças pretendidas.

As primeiras décadas do reinado de Meiji (1868–1912) foram um período de considerável entusiasmo por ideias inovadoras advindas do exterior, dada a incontestável superioridade bélica ocidental demonstrada nas Guerras do Ópio (1842 e 1856–1860) sobre a China. Nesse afã, buscou-se reformular toda a escrita japonesa a se adequar num alfabeto no fim do século 19, para purificar-se da sua herança chinesa. No final

22. THE CHARTER OATH (OF THE MEIJI RESTAURATION). Disponível em: <http://afe.easia.columbia.edu/ps/japan/charter_oath_1868.pdf>. Acesso em: 06 maio 2015.

das contas, nem as sílabas *kana* japonesas e nem os caracteres de origem chinesa (*kanji*) foram abandonados, mas todos foram incorporados à moderna língua vernácula japonesa.

Durante o século 19 a educação popular japonesa já havia feito consideráveis avanços. Em 1872, o governo estabeleceu um sistema nacional para universalizar o ensino. Até o final do período Meiji em 1912, quase todo japonês frequentou pelo menos seis anos de ensino. O governo controlava rigorosamente as escolas, assegurando o ensino da matemática, leitura e da formação moral, salientando a importância do dever do cidadão para com o “Imperador, o País e a Família”.

Nos momentos imediatos após a Restauração, foram pensados novos modelos constitucionais e institucionais do novo governo, buscando inspirações nos sistemas ocidentais. O governo japonês acabou adotando uma constituição inspirada, em boa parte, na da Alemanha, pois enxergou nela certas similaridades entre o papel reservado ao *kaiser* e o reservado ao Imperador Meiji, num sistema político mais centralizado e conservador. Em 1890, como um presente dado pelo Imperador, foi eleito um parlamento, a Dieta Imperial (*Teikoku-gikai*). Mas o direito de voto se restringiu a apenas 1% da população que atendia às condições da franquia²³. Apesar de ser a primeira nação a leste do Canal de Suez a adotar uma constituição moderna e uma legislatura eleita, o Japão ainda continuava, em essência, oligárquico.

Ademais, ainda permanecia um clima de incerteza e desconfiança com o novo poder. Muitos japoneses da região nordeste consideravam o novo governo como uma extensão de meridionais, resultando em rebeliões que foram prontamente reprimidas em julho de 1868. De fato, os domínios meridionais que lideraram a restauração, apesar de conterem apenas 7% da população nacional, compuseram 30% das lideranças políticas e por volta da metade dos maiores postos governamentais nacionais da era Meiji²⁴.

Em julho de 1869, as grandes propriedades latifundiárias dos *daimiôs* foram, por decreto imperial, transferidas para o governo central. Todos foram devidamente indenizados e ganharam o título de governadores. Dois anos depois, em 1871, contudo, seus títulos foram retirados e foram forçados a se mudar para Tóquio, o que resultou em um processo crescente de centralização política. Pessoas comuns poderiam adotar sobrenomes, andar a cavalo, viajar livremente dentro e fora do país e casar-se com samurais. Em 1873, o alistamento militar

23. ASIA FOR EDUCATORS. The Meiji Restoration and Reformation. Disponível em: <http://afe.easia.columbia.edu/special/japan_1750_meiji.htm>. Acesso em: 05 jun. 2015.

24. JANSEN, M. B. The Ruling Class. In: JANSEN, M. B.; ROZMAN, G. (Eds.). *Japan in Transition: from Tokugawa to Meiji*. Princeton Univ. Press, 1986. p. 89–90.

foi estendido a todos. Os impostos deveriam ser pagos monetariamente e não mais em arroz *in natura*. Os privilégios exclusivos da classe dos samurais foram gradativamente banidos a partir de 1870, como o direito de carregar duas espadas, o que gerou ressentimento e revoltas dessa classe como os que ocorreram em Saga (1874), Chōshū (1876) e Satsuma (1877). Foi nessas rebeliões que foi posta à prova a moderna tecnologia bélica ocidental e suas novas táticas de guerra adotadas pelo Governo Imperial contra as tradições dos samurais.

Se no aspecto político predominou o conservadorismo centralizador do novo governo, no aspecto econômico o Japão de Meiji empreendeu notável mudança modernizadora. Muito desse sucesso adveio da clara estratégia dos dirigentes políticos de manter a segurança e unidade nacional. Para tanto, era necessário antes de tudo modernizar a capacidade produtiva e militar da nação, visando resguardar de intervenções estrangeiras como ocorreu na China. A fim de atingir tal modernização produtiva, o orçamento público fora sanado e as dívidas internas resolvidas, afastando endividamentos externos e eliminando os onerosos estímulos da numerosa classe dos samurais, que foi extinta. Em 1871–1872, um novo sistema nacional monetário, baseado no iene, foi estabelecido e o sistema bancário foi remodelado nos moldes dos Estados Unidos. Em 1882, o Banco Central do Japão foi criado.

Houve debate sobre qual seria a estratégia para a geração de riqueza nacional. Alguns enfatizaram o livre comércio internacional e a agricultura. Mas prevaleceram aqueles que enxergaram na indústria nacional a chave para a geração de riqueza e produtividade nacional, determinando periódicos prazos de projetos de industrialização. A indústria seria a chave para o país não ficar dependente do mercado externo e das oscilações de preço e demanda de produtos primários.

Os primeiros passos à industrialização foram problemáticos, devido à resistência de um empresariado conservador, ao alto investimento inicial necessário e às baixas taxas alfandegárias de produtos estrangeiros estipuladas na abertura do mercado japonês em 1854. Mas o governo de Meiji persistiu em promover a nascente indústria nacional. Como exemplo, a fábrica Tomioka de fios de seda fora criada em 1872 para servir de exemplo e encorajamento para o empresariado, visando à ampla mecanização fabril. E outras fábricas posteriores foram criadas e administradas pelo governo. Isso resultou na pioneira prosperidade do setor têxtil no país e gerou as tão necessárias divisas estrangeiras ao exportar os fios de seda.

O governo imperial Meiji, ao fomentar a nascente indústria, buscou criar, administrar e privilegiar grupos empresariais que tinham

demonstrado alguma iniciativa industrial bem-sucedida como estratégia de sustentar, a médio prazo, o seu projeto modernizador. Na indústria naval, por exemplo, o grupo Mitsubishi, advindo da província de Tosa, foi favorecido por créditos e generosos apoios governamentais depois de ter sido bem-sucedido no fornecimento de transporte marítimo durante a expedição japonesa à ilha de Taiwan em 1874. O governo concedeu 13 navios a vapor ao grupo com subsídios anuais.

A Mitsubishi depois se tornou um dos exemplos de conglomerados chamados de *zaibatsu*, que dominaram o setor moderno da economia japonesa entre a Restauração Meiji e a Segunda Guerra Mundial. O termo *zaibatsu* pode ser traduzido como “senhor da riqueza” ou “círculo financeiro”. O processo aglutinador fora tamanho que até antes da Segunda Guerra Mundial somente quatro grandes *zaibatsu* chegaram a predominar na economia japonesa: Mitsubishi, Sumitomo, Yasuda e Mitsui. A economia mundial em fins do século 19 não era estranha a trustes, sindicatos e fusões de empresas. Nos Estados Unidos, por exemplo, em 1880, a Standard Oil controlava 90% do refino do petróleo estadunidense. Um *zaibatsu*, no entanto, raramente monopolizava um setor da economia, dado o incentivo governamental à competição em diversos setores, incluindo o bancário, o manufatureiro e o comercial.

O Japão, portanto, foi o primeiro país não ocidental a se industrializar. E isso se refletiu na estratégica área militar. Em 1880, o Japão já fabricava em massa seu primeiro rifle. Em 1899, um novo acordo com a Grã-Bretanha reviu os termos do Tratado Anglo-Japonês de Amizade de 1854 que prejudicavam a manufatura nacional em detrimento da entrada de produtos britânicos com imposto reduzido. Em 1895, o Japão entrou em guerra com a China por maior influência na Coreia e pela ilha de Taiwan. Em 1902, assinou outro tratado de cunho militar, aliando-se à Grã-Bretanha e, em 1905, derrotou na batalha de Tsushima a frota imperial russa por uma maior presença na região da Manchúria chinesa e na ilha Sacalina (Karafuto). Nesse ano, o Japão tinha demonstrado convincentemente sua reivindicação de ser uma potência mundial.

A Índia e a Revolta dos Cipayos

A Revolta dos Cipayos de 1857 não foi apenas uma rebelião de amotinados contra instruções militares de oficiais britânicos. As causas históricas são mais profundas e nos permitem entender as mudanças políticas na Índia desde o início do século 19.

MAPA 12: A Índia em 1765



A hegemonia britânica no subcontinente foi gradativamente afastando regentes locais hindus e muçulmanos, príncipes, rajás, nababos, *nizams* e líderes locais brâmanes no seu processo de hegemonia sobre o território indiano. O processo se iniciou desde a batalha de Plassey de 1757, que resultou em decisiva vitória britânica pela Companhia das Índias Orientais Britânicas (Ciob) sob comando de Robert Clive na região de Bengala²⁵. Posteriormente, embora não sem percalços, fora submetido o reino de Mysore²⁶, derrotando Hyder Ali Khan em 1769 e Fateh Ali Tipu, o “tigre de Mysore”, em 1799, este último aliado aos franceses na sua tentativa de ampliar sua presença no subcontinente. O outro grande contestador indiano, o reino marata²⁷, fora submetido pelos britânicos depois de três guerras, quando Baji Rao II foi derrotado em 1818.

Visando se fortalecer no país asiático, a formação das tropas anglo-índianas obedecia a um seletivo processo de alistamento militar de acordo com etnias categorizadas. Para servir em Bengala, no leste indiano, por exemplo, preferencialmente eram escolhidos *rajputs* do Rajastão²⁸ e *bhumibhars* do nordeste indiano. Muitos eram nobres com tradições guerreiras, o que

condizia com a importância estratégica conferida à Bengala onde primordialmente se encontrava o centro nervoso do domínio britânico na cidade de Calcutá. Tropas a servir em outras regiões, como mais ao sul em Madras (atual Chennai) e Bombaim (atual Mumbai), eram compostas de conscritos indianos de todas as outras castas não contempladas por Bengala.

Dito isso, os descontentamentos se avolumaram a partir de mudanças feitas no regimento militar. Sob o Governo-Geral de Warren Hastings em 1772, foram dadas diretrizes de mudanças no recrutamento das forças coloniais. Suspeitaram de que as castas superiores a serviço em Bengala,

25. Região oriental da Índia, na foz do rio Ganges, bastante povoada por hindus e muçulmanos com rica tradição histórica e literária, na sua língua, o bengali. Hoje, divide-se no estado federado indiano de Bengala Ocidental e o país independente de Bangladesh.

26. Reino histórico do centro e sul da Índia com o seu auge no século 18.

27. O Império Marata foi um estado hindu no centro-oeste da Índia entre 1674 e 1818, desbaratado após três guerras contras os britânicos (1775–1782, 1803–1805 e 1817–1818).

28. Estado indiano situado a noroeste, fazendo fronteira com o Paquistão a oeste. Os reinos hindus dos *rajputs* tradicionalmente eram aliados aos britânicos contra as pretensões hegemônicas dos Mogóis islamizados.

quando juntas, poderiam unir-se e conspirar contra o alto comando britânico. Para tanto, ordenaram-se deslocamentos rotativos das tropas em variadas regiões pelo país.

Para amainar o descontentamento, a administração de Hastings tolerou certas práticas rituais religiosas de acordo com a crença do recrutado em questão. Datas festivas, rituais e comportamentos religiosos eram observados no quadro militar. Diferentes castas hindus poderiam, por exemplo, almoçar devidamente separados. Carne de porco jamais era tratada e servida a tropas muçulmanas, e carne alguma a jainistas, entre outros. Com essas concessões, no entanto, a administração britânica evidenciou questões problemáticas, de delicada solução à época: criou-se um ambiente estratificado e alienado entre as múltiplas etnias e religiosos dentro de um quadro que deveria prezar pela extrema disciplina e igualdade. E aguçou-se, com o tempo, com esses consentimentos oficiais aos rituais, uma obediência à prática dos dogmas e rituais religiosos que iam além das premências militares.

A anexação imperial britânica da região de Oudh (Awadh), no centro-norte indiano ao longo do sagrado rio Ganges, em 1856, alarmou ainda mais a soldadesca hindu. Muitos indianos eram originários da região e se preocupavam com a futura situação de seus familiares e propriedades. Somada a isso, a crescente presença de missionários cristãos depois da conquista da região fora considerada como uma possível ameaça à integridade religiosa tradicional. Pois era bem conhecido o Édito de 1829 que baniu as práticas tradicionais como a autoimolação de uma viúva na pira funerária de seu falecido esposo, fidelidade essa esperada de uma mulher, para refletir a autoimolação praticada pela deusa hindu Sati (Dakshayani) depois da morte de seu esposo, o deus Xiva.

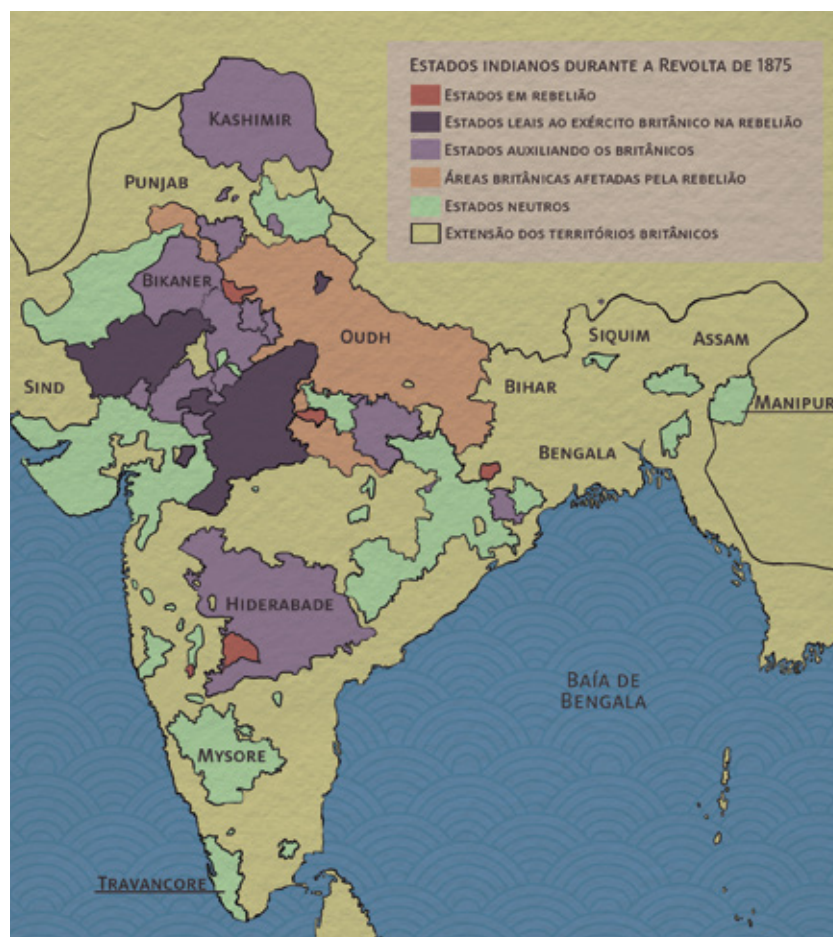
O longo envolvimento dos britânicos nas guerras de conquista a leste da Índia, na Birmânia, durante as Guerras Anglo-Birmanesas (1824–1885) foi outro motivo de contestação dos recrutados indianos. Além da extensa campanha em selva inóspita, deveriam as tropas ser transportadas por mar aberto até o destino da missão, o que se revelou problemático para muitos hindus, pois, de acordo com o antigo tabu hindu de *kala pani* (“água negra”), o cruzamento marítimo de longa duração cortaria o contato próximo com as águas sagradas da bacia do rio Ganges e com os seus familiares e conhecidos de casta. Muitos hindus temiam esse distanciamento, pois acreditavam que, com isso, perderiam suas respectivas *varnas* (condição de casta) e danariam sua reencarnação²⁹.

29. FISHER, Michael H. Crossing the Kala Pani to Britain for Hindu Workers and Elites. Disponível em: <<https://goo.gl/OOvrNO>>. Acesso em: 07 maio 2015.

Consideradas as condições acima, conjugadas com a proibição de qualquer indiano ao oficialato militar, o quadro nacional desandou em cruciais incidentes em 1857. Nesse ano, na administração britânica do Governador-Geral Lord Canning, resolveu-se padronizar o uso do rifle Enfield com uso de munições Minié, que, pelo seu calibre reduzido, exigiam embrulhamento lubrificado para correta passagem pelo cano da arma. O efeito foi devastador entre a população hindu e muçulmana após boatos de que a lubrificação da nova arma advinha de banha de porco e de boi.

Cientes do potencial destabilizador, as autoridades britânicas da Índia rapidamente procederam em desmenti-las, relatando a origem não animal da gordura. Mas os rumores prosseguiram ampliando-se, com a desconfiança de que, mais cedo ou mais tarde, todos iriam ter poluída a sua condição de casta (*varna*) com o manejo das munições engorduradas. As condições para as rebeliões estavam maduras.

MAPA 13: A Índia em 1857



Várias manifestações de descontentamento ocorreram no mês de abril de 1857 nas cidades de Agra, Allahabad e Ambala. Os primeiros grandes embates contra os europeus se deram em maio na cidade de Meerut, no estado de Uttar Pradesh, na bacia do rio Ganges. Depois de desobediências às instruções de tiro dadas por um oficial britânico, todos os soldados envolvidos foram presos. Num ato posterior, houve a revolta de outros soldados e populares que invadiram a prisão e libertaram os detidos. Na sequência dos eventos, 50 europeus foram mortos pelos amotinados em 10 de maio.

Na cidade de Délhi³⁰, a oeste, houve grande mobilização dos revoltosos, explosões foram ouvidas perto do arsenal militar e foram sistematicamente saqueadas as munições e armamentos estocados. Temendo pelas suas vidas, oficiais e civis britânicos na cidade se refugiaram na Torre Flagstaff da cidade e muitos prosseguiram para maior segurança na cidade próxima de Karnal a 120 quilômetros.

As notícias dos acontecimentos em Meerut e Délhi rapidamente se alastraram pelo país. O ambiente de alarme provocou a precipitada retirada de oficiais e funcionários da CioB de seus postos em busca de proteção. Em Agra, o abandono britânico favoreceu a ocupação rebelde do forte da cidade. Houve relatos de saques, desordens e crimes nas ruas, na ausência da ordem efetiva.

O comando britânico respondeu descoordenadamente aos eventos. Na província de Maharashtra, na costa oeste, houve aqueles que defenderam uma intervenção mais enérgica, discordando daqueles que viram a solução no diálogo da elite marata da região. Nas cidades de Benares e Allahabad, houve ineptidão das autoridades locais no desarmamento da população.

Apesar de a rebelião ter se alastrado, não houve, em contrapartida, comando unificado nas manifestações. Foram notórias, como exemplo, discussões e desavenças entre os rebeldes sobre quem deveria liderar a província de Maharashtra, muitos apoiando a volta do regente imperial dos maratas. Outros almejavam um governo republicano autônomo. E entre os muçulmanos indianos, houve clamores por *jihad* (luta, esforço, empenho em árabe) contra os infieis, com apelo apenas somente entre alguns xiitas milenaristas e artesãos muçulmanos com a desconfiança da imensa maioria sunita indiana.

30. Historicamente a cidade sempre foi referida como Délhi. Com as reformas urbanas britânicas de Sir Edwin Lutyens, após se tornar capital indiana no início do século 20, a parte central e meridional reformada da cidade ficou conhecida como Nova Délhi.

Da região noroeste, em Punjab e na Província Noroeste, na atual fronteira entre a Índia e Paquistão, ficou demonstrada significativa lealdade para com as autoridades britânicas por parte de *sikhs*³¹ e *pachtuns*³² para combater as rebeliões na pacificação de Délhi. Em Lucknow, na região de Oudh (Awah), foi malfadado o avanço dos rebeldes mesmo depois do sítio dos quartelões britânicos por quase seis meses em 1857 devido à resistência organizada pelo comissário britânico local, Sir Henry Lawrence (1806-1857).

Em Cawnpore (atual Kanpur), em Uttar Pradesh, no caso mais infame dos levantes, uma multidão enfurecida cercou a comunidade britânica local e 120 mulheres e crianças foram mortas e desmembradas. O episódio, conhecido como o Massacre de Bibighar, chocou a opinião europeia e enfureceu as autoridades em Londres, que decidiram reforçar a intervenção no país para reverter o quadro de instabilidade. Foram dadas ordens de execução sumária por enforcamento e morte por tiros de canhão. De fins de 1857, os britânicos iniciaram uma bem-sucedida contraofensiva. Em julho de 1858, foram assinados os tratados de paz e as rebeliões cessaram. Os últimos rebeldes foram presos e julgados em 1859.

Mais duradoura foi a percepção nos escritórios governamentais em Londres, no bairro de Whitehall, de repensar toda a sua política imperial sobre a Índia. Até 1858, cabia à Ciob administrar e comandar efetivamente a Índia, algo que deveria ser repensado. Com a aprovação da nova Lei do Governo da Índia de 1858, foi decretado o fim da administração da companhia, transferindo o controle para a Coroa Britânica. Para tanto, foi criado um novo departamento governamental, o Escritório da Índia (*Indian Office*), para supervisionar a gerência do país, e seu diretor, o Secretário de Estado para a Índia, seria o encarregado de formular as novas diretrizes. O antigo posto de Governador-Geral da Índia da Ciob foi extinto e criou-se o título de Vice-Rei da Índia, cargo executivo máximo para implementar as novas políticas e servir de diálogo entre as autoridades indianas e Londres. Um novo governo nasceu para administrar a Índia.

Visando a mudança com o passado, as autoridades britânicas buscaram integrar as elites indianas no próprio corpo administrativo da Índia e, para coibir qualquer tentativa unificada de resistência no futuro, depuseram o último imperador da dinastia dos Mogóis em 1857. Foi prevista a realização de periódicos concursos para acesso aos cargos públicos

31. Seguidor da religião do siquismo, resultado sincrético do hinduísmo e islamismo surgido no século 16 com Guru Nanak (1436–1539). Eles são maioria principalmente no Punjab e nas cidades fronteiriças com o Paquistão, região onde se localizam suas cidades sagradas de Lahore e Amritsar.

32. Numeroso grupo étnico e linguístico praticante do Islã no Paquistão e Afeganistão.

indianos, com exceção dos alguns postos máximos a serem nomeados pelo Vice-Rei da Índia. Almejaram com isso acalmar maiores suspeitas de ocidentalização sobre o país.

No geral, a mesma estrutura burocrática da Ciob foi mantida pelo Vice-Reinado. No entanto, houve mudanças de atitude do governo britânico com relação à religião e economia indiana. Na religião, perceberam que houve excessiva interferência anterior nos rituais e práticas religiosas no passado. Na economia, buscaram manter a estrutura social de produção intacta, sem a pretensão de introduzir novos produtos e mecanismos de produção que poderiam romper a tradicional relação entre camponeses e latifundiários. No geral, portanto, o novo governo anglo-indiano de 1858 buscou o conservadorismo, para manter a ordem tradicional e a dominação britânica imperial.

No nível político, o novo governo reconheceu a necessidade de consultar e dialogar com as elites locais indianas. Com a criação de novos cargos administrativos (“os colarinhos brancos indianos”) e concursos, o governo sinalizou a possibilidade de incorporação de membros da elite na estrutura administrativa do país, a ser supervisionada apenas a nível nacional por representantes britânicos. A nova concorrência, visando entrar no Serviço Civil da Índia (*Indian Civil Service*), foi um dos propulsores para a abertura de universidades pelo país, e uma nova classe média floresceu nas grandes cidades. E foi dessa camada social que efervesceu a ideia de uma Índia independente.

O Vietnã e a Indochina Francesa

Aos quinze anos de idade o futuro imperador vietnamita Gia Long (Nguyễn Ánh, 1762–1820) (FIG. 13) conheceu e formou laços de amizade com um missionário católico francês, Pigneau de Behaine. Missionários europeus já frequentavam a costa vietnamita e o Sudeste Asiático desde o século 16, mas a proeminência francesa na corte imperial de Huế³³ foi inédita.

Além da unificação vietnamita, o governo de Gia Long caracterizou-se por adotar a educação e moral confuciana nas escolas e na corte. De Hanói, no norte, o imperador mudou a capital mais para o sul, em Huế. Fez amplo uso de conselheiros franceses para modernizar a defesa do país e, em deferência ao seu antigo amigo, tolerou a presença e atuação de missionários católicos franceses.

33. Capital imperial vietnamita da dinastia Nguyen até 1945 com a abdicação de Bao Dai e a sua fuga para o sul, em Saigon (atual Cidade de Ho Chi Minh), com a ajuda dos franceses.

FIGURA 13: O Imperador Gia Long



Fonte: <https://goo.gl/TcQ4Lj>

Os sucessores dele, contudo, não manifestaram igual benevolência. Em 1825, o imperador sucessor Minh Mang, preocupado com a acentuada influência estrangeira no reino, decretou um édito contra o cristianismo. Aos conselheiros e missionários franceses, em sua maioria, foi dada ordem de expulsão. Em contrapartida, a França deu aviso ao imperador de não perturbar seus cidadãos no reino asiático e, em 1847, navios franceses apareceram e bombardearam a baía de Da Nang³⁴.

O próximo imperador vietnamita, Tu Duc (Tự Đức) (1829–1883), respondeu oferecendo recompensas pela captura e morte de qualquer europeu em atividade religiosa. A Igreja Católica intercedeu junto ao governo de Paris, mas a reação aos vietnamitas foi postergada por mais de uma década devido aos eventos turbulentos na França em 1848, à participação na francesa na Guerra da Crimeia (1853–1856) e às instabilidades políticas internas até a ascensão de Napoleão III em 1852.

A decisão francesa de invadir o Vietnã foi feita em julho de 1857. Uma força-tarefa de 14 navios e cinco mil homens desembarcou em Da Nang em agosto de 1858. E, mal decorrido um dia, tomaram controle da cidade, rebatizando-a como “Tourane”. No entanto, o progresso inicial francês foi estancado, pois não tinham navios de fundo chato para navegar o Rio Perfume (*Sông Hương*) acima até a capital Hué. Pior que isso, nenhum prometido reforço chegou aos franceses no local, pois a atenção de Paris se voltou para a Segunda Guerra do Ópio contra a China (1856–1860). Além disso, com o tempo, as doenças tropicais começaram a fazer suas vítimas entre os franceses aquartelados e sitiados pelas tropas vietnamitas.

O comandante francês, Almirante Rigault Genouilly, decidiu então abandonar Da Nang e prosseguir rumo ao sul vietnamita, tomando Saigon em 1859, principal cidade na foz do Rio Mekong e importante produtora de arroz. Mas Tu Duc recusava admitir a derrota e logo Saigon foi sitiada até 1861, quando a guarnição francesa finalmente recebeu reforços advindos da China e de apoio de tropas espanholas vindos das Filipinas. A partir de então, a ofensiva se tornou contra os vietnamitas, com os franceses capturando três províncias meridionais do delta do rio Mekong. Incapazes de resistir à superior tecnologia bélica europeia, Tu Duc se rendeu e no Tratado de Saigon de 1862 passou as províncias ocupadas à administração francesa. A região então passou a ser administrada como Conchichina.

Um ano depois, não satisfeito, o governador da Conchichina, La Grandière, expediu um contingente em direção oeste, ao reino do Camboja. Sob a mira de um revólver, o imperador cambojano Norodom assinou a

34. Histórica cidade portuária no litoral central do Vietnã localizada a 80 quilômetros de Hué.

transferência de sua vassalagem do reino da Tailândia (Sião à época) para a França em 11 de agosto de 1863. Sob os termos do tratado, a monarquia cambojana continuaria a existir, mas com a aceitação de um residente-geral francês na capital Phnom Penh, e com o controle francês das relações com o estrangeiro, do comércio e das forças militares.

Os franceses tinham planos em tornar a Conchichina como base para adentrar via o Rio Mekong o sudoeste da China, região produtora de afamado chá, e buscar rendimentos comerciais. Em 1866 a 1868, o explorador Francis Garnier (1839–1873) subiu a montante do rio e voltou com a notícia de que era navegável apenas até o Laos. Em contrapartida, o mercador francês Jean Dupuis realizou a façanha de navegar toda extensão do Rio Vermelho, no norte vietnamita, trazendo consigo uma carga da China em 1873. Tentou ele, tempos depois, retornar rio acima, mas foi detido pelas autoridades locais em Hanói retendo a sua carga de sal. Francis Garnier foi então mandado com sessenta homens para resgatar Dupuis e, uma vez feito isso, decidiu tomar controle da cidade e reivindicar toda a região norte vietnamita — conhecida à época como Tonquim — para a França. Sua aventura durou pouco tempo, pois alguns meses depois ele foi morto em batalha contra uma gangue de vietnamitas e chineses, chamados de “Bandeiras Negras”. A campanha de conquista de Tonquim foi suspensa. Mesmo porque, em 1871, a França tinha sofrido uma derrota humilhante na Guerra Franco-Prussiana (1870–1871), e não estava na agenda política nenhuma nova campanha militar a ser mandada para Saigon.

O imperialismo francês ganhou renovado fôlego depois de dez anos de recuperação econômica interna e com um novo clima político prevalecente. Em abril de 1882, uma força de 250 homens foi mandada para Hanói, em Tonquim, sob o comando do capitão Henri Rivière, oficialmente a reprimir os “Bandeiras Negras” que dominavam boa parte da cidade à época. Quando Rivière sofreu o mesmo destino de Garnier na Batalha da Ponte de Papel (Cầu Giấy) em 19 de maio de 1883, a Câmara dos Deputados em Paris imediatamente aprovou uma intervenção massiva a controlar todo o Tonquim.

Uma força expedicionária chegou ao delta do Rio Vermelho em agosto de 1883, enquanto outra frota bombardeou a cidade de Hué ao sul, provocando a morte do Imperador Tu Duc. A corte vietnamita na cidade rapidamente rendeu todo o país aos franceses. Uma frente antifrancesa foi organizada por insubmissos vietnamitas, que, com ajuda imperial chinesa, persistiram em focos de resistência. Mas, em 1885, as forças navais francesas ocuparam diversos portos no litoral e a ajuda chinesa decidiu se retirar para seu próprio solo. Guerrilhas continuaram a fustigar e boicotar a presença francesa até a virada do século quando foram em grande parte suprimidas.

MAPA 14:

A Expansão Francesa na Indochina (em roxo)



Os atos finais da conquista francesa na região, nomeada como Indochina Francesa a partir de 1887, foram as campanhas a tirar do reino tailandês (Sião) o controle sobre o Laos, em 1893, seguido pelas anexações, supostamente a coibir uma crise local, de territórios siameses fronteiriços³⁵ ao Laos e Camboja em 1904 e 1907. Os franceses viviam o auge do seu imperialismo asiático.

As Índias Holandesas e as Possessões Britânicas no Sudeste Asiático

Rumo a leste da Índia, a Coroa Britânica buscou um ancoradouro no Sudeste Asiático para abrigar sua frota da Marinha Real e da Ciob dos ventos das monções nos meses de inverno na região oriental do Oceano Índico. Uma base foi assegurada na ilha de Penang³⁶ por Francis Light, um oficial naval que a ganhou de presente do sultão de Quedá em 1785 ao ajudá-lo contra os ataques de piratas indonésios.

O sultão generosamente ofertou a base com esperanças de que a Marinha Real Britânica pudesse controlar e deter os seus inimigos em Quedá. Antes do falecimento de Light em 1794, a colônia britânica de Penang foi reforçada com fortalezas, homens armados e uma comunidade chinesa residente para servir de mão de obra local. No entanto, a ilha não oferecia condições excelentes de ancoragem esperada,

como em Malaca sob controle dos holandeses mais ao sul. Para sanar tal situação, Sir Thomas Raffles (1781–1826) (FIG. 14) fundou, em 1819, na ilha de Cingapura³⁷, um ancoradouro de primeira classe. Foi o resultado de ter persuadido o sultão de Johon, no sul da península Malaia, a lhe conceder permissão de ocupação para os navios da Ciob.

Quando os holandeses, nos eventos da Europa da época, caíram sob dominação de Napoleão Bonaparte em 1806, o regente holandês Guilherme V fugiu para as ilhas britânicas e residiu no distrito de Kew em Londres. No que ficou conhecido como as Cartas de

FIGURA 14: Sir Thomas Raffles



Fonte: <http://goo.gl/csp7UF2>

35. Battambang, Sisophon e Siam Nakhon. Nesta última região se encontra o complexo de ruínas de Angkor, maior legado histórico do Império Khmer (802–1401).

36. Ilha situada na costa noroeste da península Malaia, parte continental da Malásia.

37. Cingapura situa-se no extremo sul da península Malaia.

Kew, o monarca instruiu os seus oficiais coloniais a entregar aos britânicos as bases holandesas na Ásia. Com isso, a Ciob procedeu a reivindicar as possessões das Índias Orientais Holandesas (VOC, *Vereenigde Oostindische Compagnie*, sigla em holandês), mas a princípio houve viva resistência na entrega da principal cidade holandesa na ilha de Java, Batávia, futura Jacarta.

Para administrar os novos territórios adquiridos, Raffles foi designado como governador de Java em 1811. Explorando os desentendimentos entre britânicos e holandeses na ilha, o líder javanês local, Hamengkubuwono II (1750–1828), tentou recuperar o trono na região central de Java. Mas a tentativa foi malfadada devido à sua incompreensão da crucialidade de se cooperar com a administração de Raffles, força determinante na ilha. Em 1812, as tropas britânicas, com uso de cipaio indianos e rivais de Hamengkubuwono II, tomaram de assalto a histórica cidade de Yogyakarta.

O impacto dessa conquista foi enorme, pois fora a primeira ocasião de deposição forçada de um membro da realeza javanesa para o exílio. Isso explicou a cólera dos levantes da ilha contra a restabelecida administração holandesa em 1825 diante dos clamores de Pangeran Dipangara, atacando Yogyakarta por cinco anos consecutivos com quase 200 mil javaneses e oito mil holandeses mortos.

Raffles foi, anos depois, considerado um administrador liberal e flexível às autoridades locais com aguda visão estratégica nos anais da história colonial britânica, assegurando a presença britânica em regiões cruciais para a segura passagem marítima interoceânica. A administração holandesa, em contrapartida, quando no poder nas ilhas indonésias a partir de Java, impôs um centralizado comando de cultivo forçado de produtos lucrativos no mercado internacional. Seu sistema, conhecido como *cultuurstelsel*, concebido pelo Governador-Geral Johannes van den Bosch (1780–1844), designou um quinto da mão de obra javanesa e 66 dias por ano para cultivar safras exportáveis para as autoridades holandesas. O lucro estava no objetivo final desse sistema, ainda mais para ajudar a reerguer a Holanda depois das Guerras Napoleônicas. As safras impostas e vendidas forneceram 19% de todo o orçamento nacional da Holanda na década de 1840, que chegou a crescer 31% nas duas décadas seguintes³⁸.

Com o retorno da ordem europeia pós-napoleônica em 1815, o governo britânico concedeu, em negociações, aos holandeses a reocupação das suas Índias Orientais (ilhas indonésias, essencialmente Java), com a condição

38. BECK, Sanderson. Indonesia and the Dutch 1800–1950. Disponível em: <<http://www.san.beck.org/20-11-Indonesia1800-1950.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

de ter, em troca, os portos de Malaca e o seu reconhecimento sobre Cingapura. Garantiu-se assim pleno domínio estratégico nos corredores navais que dão acesso ao Oceano Pacífico, à China e ao Japão, grandes mercados promissores. A Grã-Bretanha reinava sozinha nos mares da região.

Por outro lado, sob o Tratado Anglo-Holandês de 1824, a ilha de Bornéu, ao norte da ilha de Java e a leste da península Malaia, nunca foi foco de atenção das autoridades e companhias holandesas. A mudança notável nesse quadro sobre a região setentrional de Bornéu foi resultante de um empreendimento particular de um britânico que acabou criando uma dinastia.

Em 1881, foi concedida a exploração exclusiva da ilha para a Companhia Britânica do Norte de Bornéu, visando com isso não onerar os cofres públicos britânicos e afastar a presença de estrangeiros sobre a região, como tinha sido constatado com alguns alemães e belgas. A exceção dada foi para o Governo Espanhol somente para perseguir e desarticular rebeldes muçulmanos com alguma ligação étnica com as ilhas meridionais das Filipinas. Os espanhóis, nesse sentido, ao longo do século 19, dedicar-se-iam a reprimir e consolidar sua dominação nas Filipinas sobre eventuais rebeldes anticristãos nas ilhas meridionais de Mindanao e Pallawan. Os espanhóis, ao final do século, perderiam as ilhas frente aos EUA em 1898³⁹, quando estes assumem a administração filipina sob a administração geral do oficial Arthur MacArthur Jr., pai de Douglas MacArthur, futuro *gainjin shogun*, generalíssimo do Japão após 1945.

FIGURA 15: Sir James Brooke



Fonte: <http://goo.gl/xuFrX3>

Um extremo exemplo de empreendimento particular britânico foi a criação do reino de Sarawak em Bornéu por Sir James Brooke (1803–1868) (FIG. 15). Nascido na Índia Britânica, filho de um oficial da Ciob, Brooke tinha se entediado das rotinas comerciais e buscou aventura ao comprar uma embarcação própria com vinte tripulantes e seguiu para Cingapura, chegando lá em 1839. Sua inspiração veio do governo de Raffles em Java, antes da retomada dos holandeses, que tinha apontado uma nova maneira

39. Após a Guerra Hispano-Americana de 1898, em que a Espanha abre mão de Cuba e cede aos EUA as suas possessões coloniais de Porto Rico, Guam e as Filipinas.

de governar com a associação e colaboração entre asiáticos e europeus. Ele mesmo assim se expressou, em típico jargão da época:

A experiência de se desenvolver um país através da residência de poucos europeus com a assistência de regentes nativos nunca foi honestamente experimentada antes; e isso me parece, sob alguns aspectos, mais desejável do que a posse por alguma nação estrangeira... Acima de tudo, isso garante a autonomia e respeito dos regentes nativos e poderá contribuir para a civilização de seus habitantes por terem maior poder de decisão local do que por decisões vindas do estrangeiro⁴⁰.

A política de um mínimo envolvimento britânico em Bornéu deu alento aos experimentos de Brooke. Ele então se mudou para sua futura capital, Kuching, onde ajudou a controlar uma rebelião contra o sultanato próximo de Brunei com a ajuda de malaios aliados. Rajá Muda Hassim, o sultão herdeiro ficou tão grato pela ajuda crucial que, em 1835, nomeou Brooke como governador vitalício e hereditário da região de Sarawak. Assim foi iniciada a dinastia dos Brookes, os “rajás brancos”. Em Kuching, a simples e excêntrica personalidade de James Brooke a residir numa típica casa local marcou a sua administração com forte convivência e respeito aos nativos locais⁴¹.

A intervenção britânica na Malásia (estritamente a península Malaia hoje, pois não incluía partes setentrionais da ilha de Bornéu) somente ocorreu nos anos de 1870, quando distúrbios entre mineradores providenciaram aos britânicos uma oportunidade de intervenção. A designação de “residentes” — título usado pela Ciob — para aconselhar regentes malaios em todos os assuntos exceto religião e costumes, resultou em um período de paz e ordem sem anexação formal.

Típica foi a atitude de Sir Frank Swettenham (1850–1946), que acabou se tornando o governador dos Estreitos — ilha de Penang, Malaca e Cingapura. Ele era compromissado com a modernização da região através de investimentos e obras em comunicações e transporte marítimo. Mas esses projetos beneficiaram somente as empresas britânicas

40. BROOKE, James Sir. *The Private Letters of Sir James Brooke, K.C.B., Rajah of Sarawak: narrating the events of his life, from 1838 to the present time.* v. 1. London: Richard Bentley, 1853. p. 176, tradução nossa. Disponível em: <http://seasiavisions.library.cornell.edu/catalog/seapage:214a_188>. Acesso em: 11 jun. 2015.

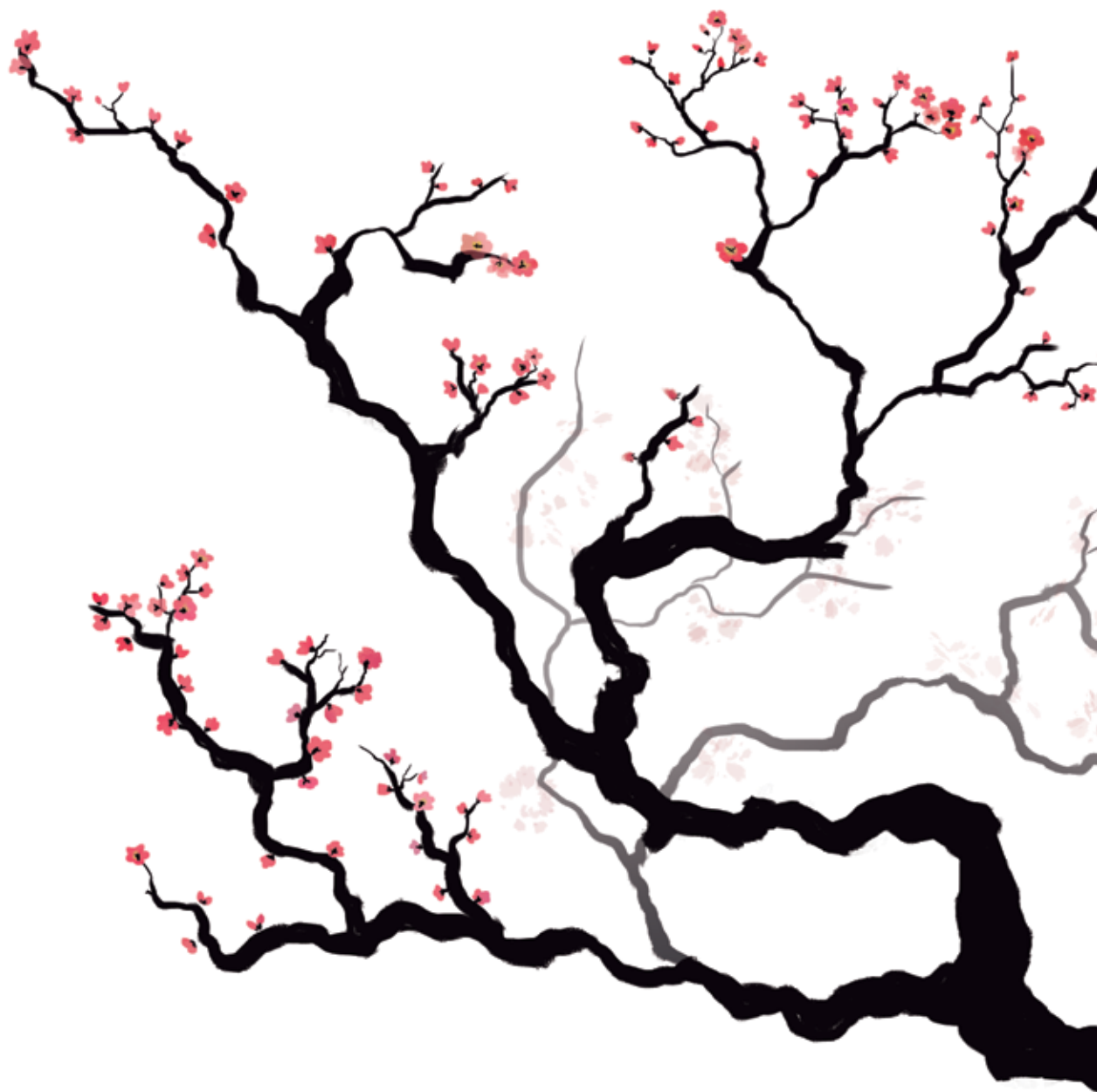
41. Cf. BARLEY, Nigel. *White Rajah*. London: Time Warner, 2002.

e norte-americanas envolvidas; ao capitalismo global, e não aos nativos locais. Além do mais, Swettenham defendia que o ensino da língua inglesa nem deveria ser dado aos malaio, mesmo sendo o essencial necessário para o andamento das obras projetadas. Aos chineses o governador recomendou uma relação amigável, nada além disso, enxergando neles o espírito empreendedor e industrial necessário para o pleno funcionamento mercantil das vilas e cidades malaio. Em relação aos indianos, que vieram para trabalhar em grande parte no cultivo da borracha, a separação física deles do resto da população claramente definiria sua posição social.

Portanto, eis como se encontrava a administração britânica no Sudeste Asiático em fins do século 19. Tinham assegurado os portos de significado estratégico, como em Penang, Malaca e Cingapura. Incentivaram e organizaram a imigração chinesa e indiana a conviverem com os nativos malaio, esses em boa parte islamizados. Na ilha de Bornéu, ao menos no norte, a família Brooke governava dinasticamente em Sarawak, em decorrência do presente dado pelo sultão de Brunei.

MAPA 15: As Índias Holandesas (vermelho) e as possessões britânicas no Sudeste Asiático (roxo), de 1867 a 1946







3

Nacionalismo na Ásia

Durante a primeira metade do século 20, o leste e sul asiáticos atravessaram intenso período de mudanças diante da sua situação colonial. Se no começo do século o domínio europeu parecia ser incontestado, as duas guerras mundiais minaram qualquer pretensão de continuidade imperial sobre a Ásia. Lideranças nacionalistas asiáticas na Índia, China, Indonésia, Vietnã entre outros souberam articular as suas forças locais com o apelo nacional para negociarem, ou até mesmo lutarem, contra as suas ex-metrópoles. O Japão chegou mesmo a desafiar a ordem internacional no seu expansionismo. Ademais, o contexto internacional nascente depois de 1945 apontava para um cenário entre americanos e soviéticos mais interessados em futuras alianças com as independências asiáticas.

Gandhi e a Efervescência Indiana

A cerimônia de coroamento do rei Jorge V na cidade de Délhi marcou o ápice da autoridade britânica na Índia em 1911. O soberano recebeu um séquito incontável de regentes, príncipes e governantes. A pompa e a circunstância do evento indicaram a ampla aclamação de uma dominação de quase dois séculos desde a vitória britânica na Batalha de Plassey em 1757. Mas o que poucos notaram meses após as festividades foi o atentado contra o Vice-Rei, Lord Hardinge. Ao transferir a capital indiana de Calcutá para Délhi, o referido governante britânico fez uma entrada com cerimônias de Estado na cidade e uma bomba foi arremessada em sua direção por um radical bengali, Rash Behari Bose, que defendia a plena autonomia política da Índia.

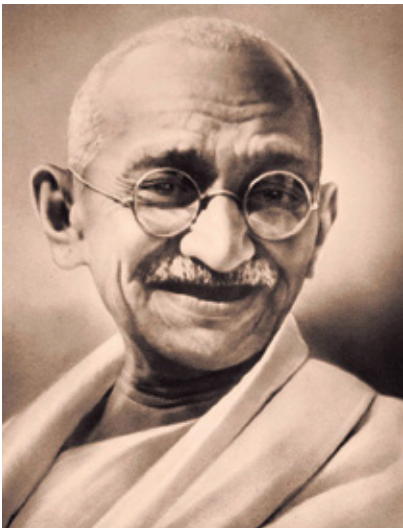
O Império Britânico se estendia por quase um quarto do globo terrestre à época, e abarcava acima de um quarto da população mundial. De acordo com Lord Curzon, Vice-Rei da Índia de 1898 a 1905, o império representava o que havia de melhor na humanidade. Ele não compartilhava a ideia de conceder autonomia política aos indianos. Declarava ele que os indianos instruídos manifestavam desinteresse pela justiça e gerências do país. Era o vestígio mais claro do espírito paternalista imperial vitoriano.

Entretanto, os britânicos tinham que se defrontar com as crescentes demandas dos movimentos nacionalistas. Antes mesmo de Gandhi, o partido do Congresso Nacional Indiano (CNI), fundado em 1885, que agregou todos aqueles que almejavam a independência do país, já tinha em seu quadro numerosos afiliados advindos da classe média urbana indiana — intelectuais, políticos, empresários e lideranças religiosas. A atitude abrasiva de Curzon encorajou ainda mais o sentimento sectário

do partido e tornou-se o centro nevrálgico crítico de toda a dominação colonial. Um ano após a saída de Curzon da Índia, a Liga Muçulmana foi fundada em 1906, mais um sinal de que o sistema político arranjado pós-rebeliões de 1857 estava ruindo.

Certo alívio no ambiente político foi sentido com as concessões de reforma constitucional em 1917. No que ficou conhecido como as Leis Montagu-Chelmsford, devido ao nome do Secretário de Estado da Índia, Edwin Montagu, e do Vice-Rei em ofício, Lorde Chelmsford, o programa ofereceu um “governo responsável” na forma de uma democracia representativa limitada. Aparentemente, as concessões britânicas pareceram substanciais: três de sete ministros no Conselho Executivo do Vice-Rei seriam indianos, mas careciam em suas prerrogativas de decisão decisiva, pois somente contemplavam em seu poder as áreas de educação, saúde pública, agricultura e irrigação. Assuntos de segurança, economia, relações estrangeiras e militares permaneciam nas mãos de britânicos.

FIGURA 16: Mohandas Karamchand Gandhi



Fonte: <https://goo.gl/ozK4Cb>

O retorno de Gandhi à Índia em 1915 transformou esse quadro tímido e receoso de avanço à autonomia política. Filho de um ministro-chefe local (*diwan*) de um dos menores principados da Índia, Porbandar na região de Gujarate⁴², Mohandas Karamchand Gandhi (1869–1948) (FIG. 16) completou seus estudos graduando-se em Direito em Londres. Fracassado em prosperar num escritório em Bombaim (Mumbai), ele partiu para trabalhar com mercadores indianos na costa leste da África do Sul (União Sul-Africana à época), onde a crescente ordem segregacionista na sociedade aguçou-lhe o senso de injustiça. Seu método de desobediência civil foi em parte uma resposta visando explorar as contradições jurídicas e sociais liberais do Império Britânico e constranger as autoridades, além de visar unir as aspirações de todos aqueles dominados sejam hindus ou muçulmanos. O preconceito racial serviu de anátema para Gandhi, conceito com o qual ele decidiu na Índia explorar ao considerar a ampla marginalidade social da casta dos intocáveis (*dalits*) na Índia, aos quais referia como “filhos de Deus” (*harijan*). Alguns membros do partido do CNI consideraram isso como algo irrelevante, outros como uma agressão desnecessária aos dogmas hinduístas. A sensibilidade de Gandhi era histórica e social, com pouco cinismo para a política usual.

O método de Gandhi de desobediência civil, a resistência passiva, que ele chamava de *satyagraha* (“verdadeira força”, “firmeza” em híndi) revelou-se tão efetiva em romper a autoridade britânica local que ele chegou,

42. Gujarate ou Guzerate é um dos mais ricos estados indianos, situado a oeste, fazendo fronteira com o Paquistão no seu norte.

ingenuamente, a sugeri-la aos judeus na Alemanha na década de 1930. A força maior de Gandhi, contudo, foi ter conseguido apelar a um enorme contingente populacional camponês e tradicional e fazer-se entender, na linguagem deles, sobre a sua precária condição marginal numa Índia em transformação. E foi a escala numerosa de protestantes que se tornou um problema que não poderia ser ignorado pela opinião pública britânica e mundial. Motins e rebeliões ganharam *momentum* a partir de 1919 em Délhi, Ahmedabad e no Punjab. Apesar de deplorar saques e incêndios culposos, assim como ataques aos europeus, Gandhi culpou ultimamente as forças policiais na provocação das desordens. Mas a violência irrompida inspirada pelos seus clamores foi muito além de sua política pacifista e controle, como a figura mítica do Golem, que fora criada para um propósito e que depois assumiu uma incontrolável força própria.

O episódio mais violento dos embates ocorreu na sagrada cidade dos *sikhs* de Amritsar, no Massacre de Jallianwala Bagh em 1919. Animados com o que foi visto como iminente colapso do Império Britânico, multidões foram às ruas e confrontaram as forças policiais, incendiaram prédios públicos, cortaram fios telegráficos e de telefone, e meia dúzia de europeus foram mortos nas ruas. Quando o General Reginald Dyer chegou com os reforços depois de ter sido informado das desobediências à ordem pública, reuniu um destacamento frente aos manifestantes civis desarmados em Jallianwala Bagh e abriu fogo contra a multidão, matando 379 protestantes e ferindo mais de 1200. Amritsar fora completamente intimidada, mas o episódio se tornou um incontido ressentimento contra a administração colonial pelos nacionalistas indianos. Na Câmara dos Comuns em Londres, a ação de Dyer foi descrita nas palavras de Winston Churchill como memoráveis sem paralelos na história moderna do Império Britânico. Foi forçado para a aposentadoria e presenteado com 26 mil libras esterlinas da época, além de uma espada dourada com a inscrição “Defensor do Império”⁴³.

Nas décadas de 1920 e 1930 o CNI manteve a pressão para uma Índia independente. Descontente com a desgastante direção política do partido, Gandhi passou a liderança em 1940 para Jawaharlal Nehru (1898–1964). No mesmo ano, o carismático e popular hinduísta bengali Chandra Subhas Bose (1897–1945), cujo temperamento mercurial Gandhi sempre desaprovou, abandonou o partido por considerar inócuo o protesto pela não violência. Nehru ficou igualmente angustiado pela atitude de Bose em explorar as possibilidades no contexto da Segunda Guerra Mundial e

43. THOMSON, Andrew S. *The Empire Strikes Back? The impact of imperialism on Britain from the mid-nineteenth century*. London: Routledge, 2005. p. 135.

chegou mesmo a oferecer apoio e ajuda a Hitler⁴⁴. Gandhi, mais uma vez na sua ingenuidade, sugeriu que a única solução para lidar com a próxima ameaça japonesa vinda do leste, pela Birmânia (Mianmar), a partir de 1942, seria uma campanha de completa não cooperação pacifista.

Aparentemente, Gandhi desconheceu a aprovação da Lei do Governo da Índia de 1935 no Parlamento Britânico, lei que concedeu ampla autonomia política interna às províncias antes administradas pelos britânicos, encorajou a formação de uma federação das províncias indianas contempladas e introduziu eleições diretas para mais de 35 milhões de indianos. Mas já nessa época, nos andamentos finais da Segunda Guerra Mundial, as suas convicções celestiais e espirituais parecem ter predominado. Simbolicamente, e como um tributo ao grande líder, a bandeira da Índia independente escolheu como emblema central o *chakra* de Asoka (*dharmachakra*), roda de 24 raios que simboliza o *dharma*, o ensinamento de Buda sobre o caminho espiritual para a Iluminação. Tal como o imperador indiano Asoka, Gandhi esperava prevalecer pela não violência contra qualquer forma de vida.

Suas convicções pacifistas não se coadunaram com o clima confrontacionista no caminho da independência indiana e as turbulências nacionalistas no universo diversificado da Índia. Gandhi, em sua atitude de conciliação para com todos do espectro religioso no país, hindus, muçulmanos, budistas, *sikhs*, jainistas, zoroastrianos, entre outros, se comportou como um asceta afastado do ambiente mundano dos corredores do poder. Mas sua força histórica transcendeu a isso e serviu de inspiração por gerações nas convicções de milhões de indianos. Foi, pois, com certa ironia que, na sua procissão funerária, o corpo desse pacifista fosse carregado numa carreta de artilharia. “Gandhi”, escreveu um admirador na ocasião, “tirou o manto de tigre do povo indiano, mas não a sua natureza tigrina”⁴⁵.

O Império do Sol Nascente

Após a Crise da Bolsa de Nova Iorque de 1929, boa parte da economia capitalista global entrou em recessão. A Ásia não ficaria indiferente. Os reflexos políticos foram a ascensão de partidos políticos mais centralizados e dirigistas. No Japão, surpreendentemente, os efeitos da crise foram

44. THOMSON, Mike. Hitler's secret Indian army. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3684288.stm>. Acesso em: 10 jun. 2015.

45. ADAMS, Jad. *Gandhi. Naked ambition*. London: Quercus Books, 2010. p. 301.

mitigados, mas o cenário parlamentar, na chamada democracia Taishō, sustentada desde 1868, sucumbiu diante de um avanço de um regime ultranacionalista e militarista.

A indústria japonesa recuperou-se devido à forte desvalorização do iene, que tornou os produtos japoneses mais competitivos globalmente, a uma diminuição da taxa básica de juros e a um incremento dos gastos do governo em obras públicas. Como efeito, as exportações japonesas duplicaram entre 1930 e 1936⁴⁶. Mas o efeito global da crise foi a maior proteção dos mercados nacionais, o que ameaçava as exportações japonesas e incentivou a percepção necessária de a nação assegurar um espaço a ser controlado com recursos energéticos e minerais para o seu autossustento. Nessa visão, a rica região mineral chinesa da Manchúria foi considerada vital para a sobrevivência econômica japonesa.

O argumento econômico para a autossuficiência fora reforçado com as lições estratégicas militares decorrentes da Primeira Guerra Mundial, que parecia apontar um futuro cada vez mais protecionista e competitivo na ordem internacional. Para tanto, era necessário, em caso extremo, um plano nacional visando à guerra total, concretizado no Estado de Defesa Nacional. Esse plano vislumbrou aumento significativo em gastos militares e industriais para assegurar a defesa dos interesses nacionais. Em 1934, o Japão rompeu os acordos com Londres e Washington, que limitavam sua frota naval, e, em 1937, iniciou a construção dos que seriam os maiores navios de guerra da época, os da classe Yamato.

Ideologicamente, o Estado japonês iniciou uma intensa campanha de valorização da figura imperial nas escolas do país. O Estado seria organizado com base na religião xintô (Shintō, 神道), enfatizando o mito da descendência divina imperial da deusa solar Amaterasu. Essa ideia era conjugada com uma missão divina de expansão japonesa para ilhas e regiões vizinhas na Ásia. Essa política ideológica atingiu seu ápice no final da década de 1930, quando mais de dois milhões de cópias dos Princípios Cardinais da Política Nacional foram publicados e incluídos como leitura obrigatória nas escolas japonesas⁴⁷. Esse senso de unicidade fora explorado com o intenso uso da mídia de massa propagando a idealização dos valores tradicionais japoneses — chamado de *kokutai* (国体) — contra as nefastas influências estrangeiras ocidentais do individualismo, ganância e desarmonia.

46. SHIZUME, Masato. *The Japanese Economy during the Interwar Period: Instability in the Financial System and the Impact of the World Depression*. Disponível em: <<https://goo.gl/SQOytZ>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

47. KITAGAWA, Joseph Mitsuo. *Religion in Japanese History*. New York: Columbia Univ. Press, 1990. p. 246–247.

Em 1930, o primeiro-ministro Hamaguchi fora assassinado pelas suas iniciativas pacifistas de limitação dos gastos militares de acordo com os ditames da Liga das Nações no qual o país era membro fundador. No ano seguinte os esforços do governo civil em pôr fim à ocupação da Manchúria provaram ser impopulares, a ponto de derrubar a própria administração nacional. Em 15 de maio de 1932, um grupo de oficiais militares invadiu o gabinete do então primeiro-ministro Inukai Tsuyoshi e o matou. Incrivelmente, o Ministro da Guerra e o Chefe da Polícia Militar do país louvaram as atitudes dos militares envolvidos clamando-os de “patriotas”. A onda de assassinatos e desobediência militar atingiu o clímax em 26 de fevereiro de 1936, quando a Primeira Divisão do Exército, em Tóquio, amotinou-se. Os rebeldes ocuparam vários prédios governamentais da capital e assassinaram o ex-primeiro-ministro Saito, o Ministro das Finanças Takahashi e o Inspetor-Geral de Educação Militar Watanabe nas suas residências. O primeiro-ministro incumbente Okada por pouco escapou dos amotinados. Depois dos incidentes, os rebeldes proclamaram num manifesto suas motivações virtuosas visando recuperar o prestígio nacional.

Nesse ponto, o governo civil já se encontrava bastante debilitado e intimidado pelos atos organizados dos militares. Em 1940, não houve maioria partidária para garantir governabilidade no parlamento japonês, renunciando a paralisação democrática do governo frente a um setor militar cada vez mais presente e atuante no país. Uma nova era de militarismo ultranacionalista se iniciava.

No aspecto externo do Japão, na Manchúria, os japoneses consideraram-se como mantenedores da ordem e harmonia popular frente a poderosos líderes chineses locais, os chamados “senhores da guerra”. Argumentava-se haver uma natural afinidade cultural e histórica entre os povos do Leste Asiático, professando a ideia de uma “coprosperidade” entre todos. Como exemplo, a criação da Associação Concórdia na Manchúria (no Estado de Manchukuo, entidade criada pelos japoneses) foi intencionada para garantir a coordenação dos nativos locais com a devida supervisão japonesa, com base em princípios de harmonia confucionista. Nesse argumento, uma ampla frente pan-asiática era visada⁴⁸. Mas, com o tempo, tais ideais na prática não esconderam a pretensa superioridade racial nipônica com relação aos manchurianos e chineses.

48. MIMURA, Janis. *Planning for Empire: Reform Bureaucrats and the Japanese Wartime State*. Ithaca, New York: Cornell Univ. Press, 2011. p. 58.

Mesmo a despeito de enorme investimento na indústria, o Estado de Manchukuo resultou em *deficits* para o orçamento japonês. A estratégia de se integrar uma região asiática para tornar o Japão autossuficiente falhou. Na verdade, após as invasões ao território chinês a partir de 1937, a economia nipônica entrou para uma fase emergencial, de modo a atender os esforços de guerra em frentes cada vez mais ampliadas na Ásia. E, ironicamente, ficou cada vez mais dependente dos recursos importados do mercado dos EUA e do exterior.

Um dos efeitos mais imediatos para a economia japonesa diante dos seus esforços de guerra foi demonstrado na Lei de Mobilização Nacional de fevereiro de 1938, ao impor racionamento e outras medidas de austeridade a toda sociedade. No referido ano, a gasolina foi rigorosamente racionada. Arroz, fósforos, açúcar e carvão se juntaram à lista em 1940 e, em maio do mesmo ano, as lojas foram impedidas de vender qualquer bem não essencial.

Internacionalmente, o Japão assinou em 1936 um pacto anti-Comintern com a Alemanha de Hitler e formalizou aliança com os países do Eixo, a Alemanha e Itália, em 1940. Decidiu, após fracassos militares em 1939 em Nomonhan, na Mongólia, assinar um pacto de não agressão com Stalin, da União Soviética, que foi respeitado quase até o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945.

O Japão almejava, ao assinar aliança com os países do Eixo, fazer com que outros países relutassem em intervir contra eles na Ásia e, primordialmente, cortassem a linha de assistência e fornecimento para a China. Com isso em vista, em julho de 1941, o avanço nipônico aproveitou-se da ocupação nazista na França e ocupou toda a Indochina Francesa, focalizando a região costeira do Vietnã. A França foi incapaz de resistir e passou a colaborar com as forças invasoras. Por sua vez, a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e a Holanda passaram a boicotar economicamente o Japão, notavelmente na venda de metais e petróleo, algo com efeito devastador para a economia nipônica. Em 1940, 80% do fornecimento petrolífero da nação asiática provinham da economia norte-americana⁴⁹. A alternativa ao fornecimento americano se daria pela ocupação da ilha de Java, atual Indonésia, à época parte das Índias Holandesas.

A decisão de declarar guerra aos EUA, a partir de 1941, parece não fazer sentido, portanto. Mas, no referido ano, as reservas petrolíferas japonesas estavam consideravelmente baixas para a mobilidade de sua frota naval e aérea no Pacífico e de suas forças terrestres no Leste Asiático. Se

49. RECORD, Jeffrey. *Japan's Decision for War in 1941: some enduring lessons*. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2009. p. 8.

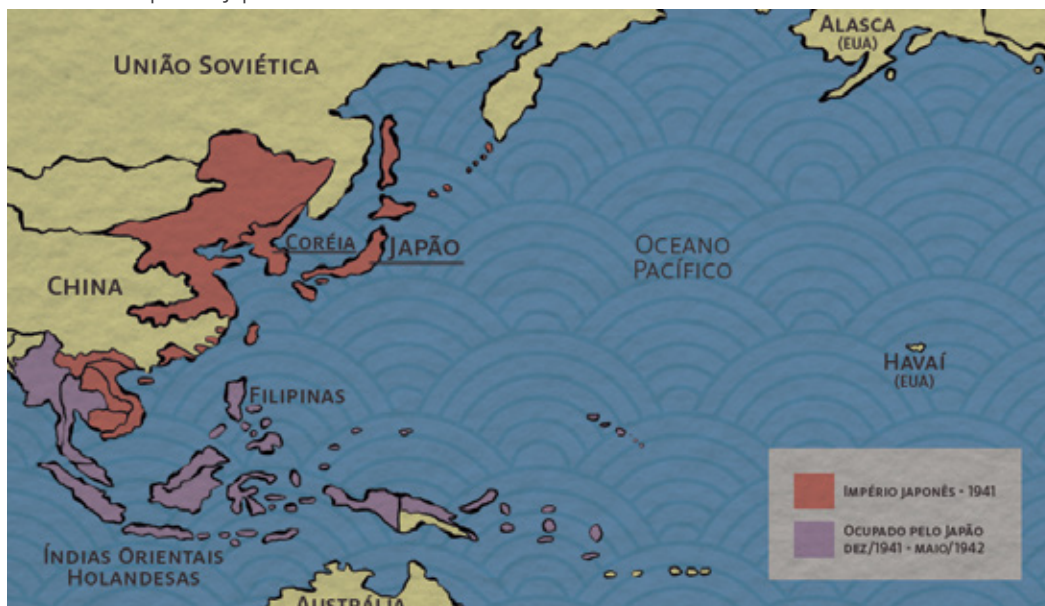
almejasse alguma vitória duradoura na região, o governo japonês teria que agir rápido para ocupar e fortalecer suas posições de defesa antes da chegada das forças norte-americanas vindas do leste do Pacífico. Uma decisão imperial foi tomada em 05 de novembro de 1941: ir para a guerra caso não houvesse nenhum acordo com as lideranças em Washington. Em dezembro, a Marinha Imperial Japonesa decidiu mobilizar sua frota visando paralisar as forças dos Estados Unidos num ato de inesperada ofensiva à sua frota do Pacífico com base no Havaí. Em 07 de dezembro atacaram Pearl Harbor.

O ataque produziu estupor e inicial paralisação do Alto Comando em Washington. Um ataque simultâneo à Malaia Britânica (atual península continental da Malásia), passando pelo território neutro da Tailândia, também foi empreendido com sucesso, provocando confusão e consternação entre os aliados antifascistas na Segunda Guerra Mundial. A Hong Kong britânica caiu no dia de Natal de 1941 e, no dia seguinte, Manila, capital das Filipinas controladas pelos EUA, foi declarada cidade aberta para não sofrer maiores danos das tropas japonesas. De Malaia, os japoneses prosseguiram despercebidos no seu avanço terrestre rumo à maior base naval britânica na Ásia, Cingapura. A cidade britânica caiu nas mãos japonesas em 08 de fevereiro de 1942. Em 09 de março, o maior prêmio visado, a ilha holandesa de Java, com seus ricos recursos de petróleo, borracha e estanho, se rendeu. Em maio, os últimos redutos dos EUA nas Filipinas, na ilha de Corregedor, foram submetidos. Rumores de que haveria uma massiva invasão na Índia Britânica e o norte australiano começaram a circular.

O Japão precisava apenas de mais algumas vitórias para garantir sua linha de defesa diante de uma eventual contraofensiva dos Aliados⁵⁰. Essas últimas vitórias, no entanto, não chegaram a tempo. Todos os porta-aviões norte-americanos escaparam ilesos do ataque em Pearl Harbor. Em 08 de maio de 1942, uma força tarefa dos EUA interceptou uma força invasora japonesa que se dirigia a Port Moresby, na ilha da Nova Guiné. Na batalha subsequente do Mar de Coral, entre a Austrália e a Papua Nova Guiné, os japoneses foram forçados a cancelar sua invasão. Em junho, os japoneses conseguiram invadir as ilhas Aleutas, no Alasca, território estadunidense. Mas foi um ato muito mais de distração dentro do plano maior de desarticular a força naval dos EUA no Pacífico.

50. Aliança antifascista da Segunda Guerra Mundial, liderada pelos Estados Unidos, União Soviética e Grã-Bretanha, com a aliança de rebeldes franceses, holandeses e chineses nacionalistas do Kuomintang.

MAPA 16: A Expansão Japonesa em 1942



Graças aos esforços de inteligência militar com a quebra do código japonês, a frota dos EUA conseguiu sua primeira significativa vitória nas ilhas Midway, no Pacífico, em 04 de junho de 1942. A partir de então, o Império Japonês foi se revelando uma colcha de retalhos. Submarinos norte-americanos penetraram as águas japonesas com facilidade e iniciaram uma campanha de afundamento no fornecimento de petróleo japonês. Como resultado, a indústria japonesa começou a paralisar suas atividades, incapaz de fornecer peças de reposição e munição à campanha de guerra.

A contraofensiva terrestre começou na ilha de Guadalcanal, nas ilhas Salomão, em agosto de 1942, expulsando as forças japonesas em fevereiro do ano seguinte. A partir dali, as forças japonesas começaram a entrar numa tendência de retração contra as forças terrestres dos Aliados comandadas pelo General Douglas MacArthur (1880–1964) (FIG. 17) vindos do sul, a partir da Papua Nova Guiné, retomando as Filipinas, atravessando as ilhas do Pacífico das Marianas até Okinawa, na região meridional do Japão.

Diante da inquestionável superioridade industrial dos EUA, os japoneses empreenderam sua maior batalha naval no Golfo de Leyte, nas Filipinas, onde, em outubro de 1944, foram decisivamente derrotados pelos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Em desespero, os japoneses passaram com maior frequência a táticas suicidas, na ofensiva aérea de kamikazes (“vento divino” em japonês), frente aos navios aliados. Em novembro de 1944, os bombardeios aéreos contra cidades japonesas começaram

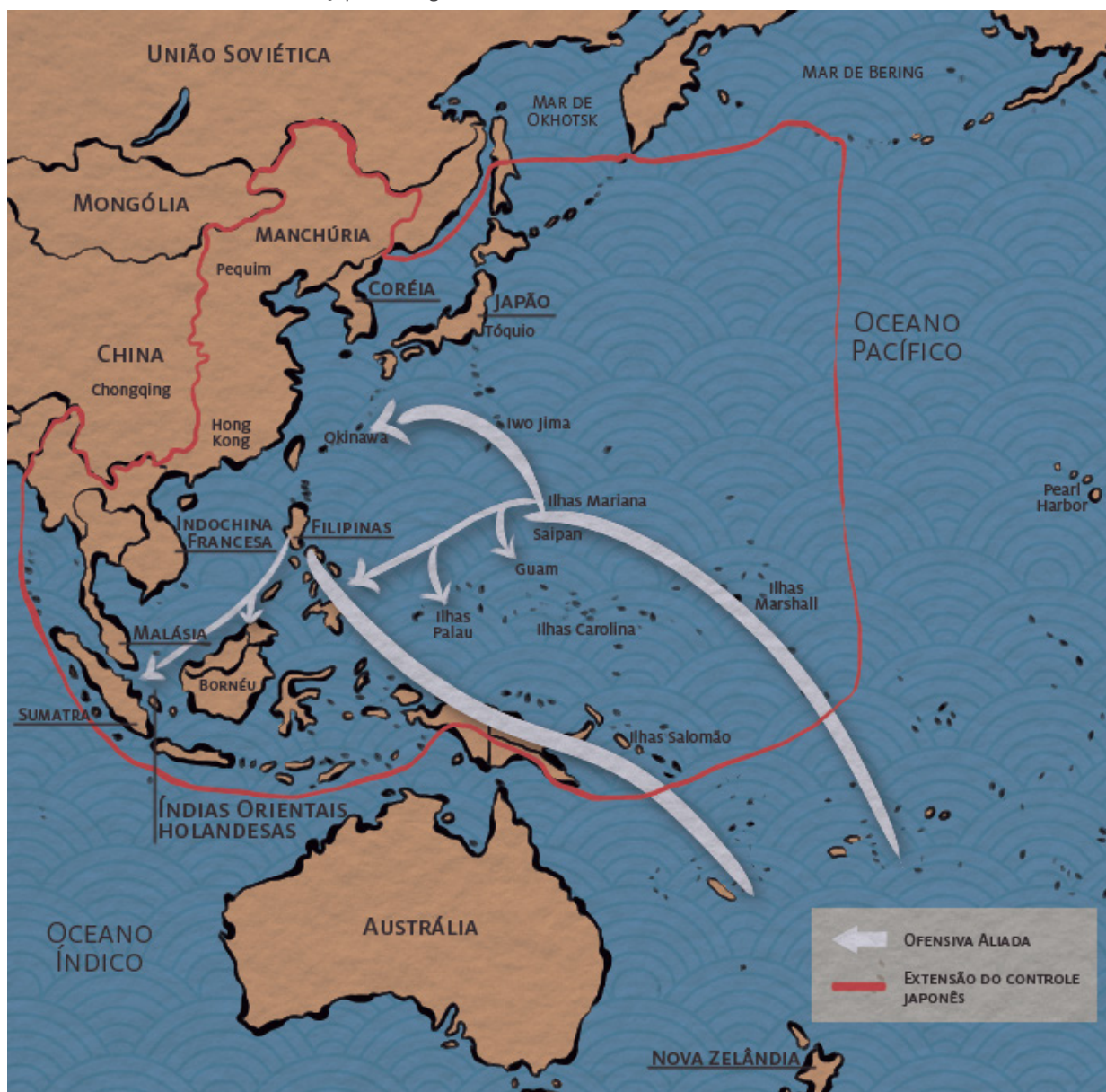
FIGURA 17: General Douglas MacArthur



Fonte: <https://goo.gl/j3ollr>

com o uso dos aviões de longo alcance, os B-29, com base nas Ilhas Marianas. Ao todo, estimadas 66 cidades foram incendiadas entre muitas construções tradicionais japonesas de madeira. Somente a cidade imperial de Quioto foi poupada, pelo seu inegável símbolo histórico. Pouco depois, o espaço aéreo japonês fora dominado. Mas a rendição incondicional exigida pelo Comando Aliado, decidido na Conferência de Casablanca em 1943, permanecia inaceitável pelas autoridades japonesas. Algumas lideranças japonesas apostavam ainda no espírito resiliente do povo e na sua suprema lealdade ao Imperador Hirohito.

MAPA 17: A Ofensiva Aliada contra o Japão na Segunda Guerra Mundial

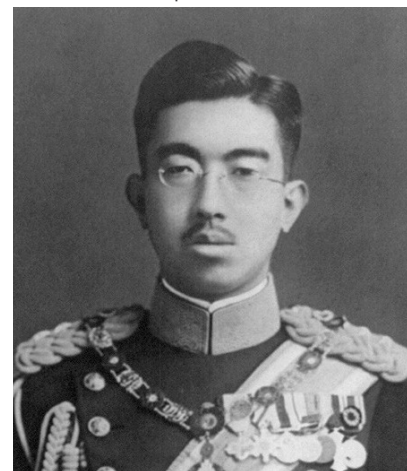


Diante da intransigência japonesa com o aval do imperador, os Aliados prosseguiram numa nova ofensiva para forçar a rendição da ilha asiática. Em 06 de agosto de 1945, uma nova arma de destruição, a bomba atômica, foi lançada sobre a cidade de Hiroshima. Dois dias depois, a União Soviética decidiu romper sua neutralidade e passou a avançar sobre a Manchúria. No dia 09 de agosto, uma segunda bomba atômica foi lançada por aviões norte-americanos na cidade de Nagasaki. Até o dia 10, o governo japonês ainda não tinha se pronunciado claramente sobre a sua decisão de rendição, pois permaneciam irredutíveis no quesito preservação da família imperial no país. A resposta dos EUA, aprovada pelo governo britânico e soviético, foi de concordância com esses termos, para garantir a permanência da família imperial japonesa, porém “submetidos ao Comandante do Conselho Supremo das Forças Aliadas”⁵¹, isto é, ao General Douglas MacArthur.

A decisão foi um choque para muitos militares japoneses. Depois de considerável debate, o Imperador Hirohito (FIG. 18) decidiu em pessoa se render em 14 de agosto. Gravou uma transmissão em áudio para a população japonesa e, uma noite antes da transmissão da mensagem, um grupo de oficiais militares tentou destruir a gravação. O grupo falhou e, em 15 de agosto de 1945, o povo japonês, atônito, ouviu a voz do imperador pela primeira vez na sua linguagem formal palaciana, eufemisticamente evitando a humilhante palavra “rendição”, expressando os últimos eventos da guerra como “não favoráveis ao Japão” e clamando ao povo que, no futuro, “suportasse o insuportável”⁵². O Japão em sua longa história nunca fora derrotado de maneira tão fulminante, e talvez essa tenha sido a sua tragédia, de não saber a hora da rendição.

Ao final da Segunda Guerra Mundial, assinados os termos a bordo do navio norte-americano USS Missouri em 02 de setembro de 1945, o Japão saiu arruinado, sofrendo estimados dois milhões e 700 mil mortos. Poucos poderiam supor que, nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial, o Japão e o Leste Asiático reemergiriam como uma das zonas mais dinâmicas do planeta em termos econômicos. A China foi a que mais sofreu com as invasões nipônicas, resultando em torno de 20 milhões de mortes⁵³, sua economia e indústria arruinadas, humilhada socialmente e dividida politicamente por duas forças internas.

FIGURA 18: O Imperador Hirohito



Fonte: <http://goo.gl/rSqwZe>

51. U.S. NATIONAL ARCHIVES & RECORDS ADMINISTRATION. Japanese Surrender Document - Instrument of Surrender. Disponível em: <http://www.archives.gov/exhibits/featured_documents/japanese_surrender_document/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

52. DOWER, J. W. *Embracing Defeat: Japan in the Wake of World War II*. New York: W. H. Norton, 1999. p.33-39.

53. ANDERSON, Duncan. *Nuclear Power: The End of the War against Japan*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/nuclear_01.shtml>. Acesso em: 16 jun. 2015.

Os Turbulentos Anos Chineses

A derrota frente aos japoneses em 1895 devastou a autoconfiança chinesa, e do que restou frente aos ocidentais. Diante disso, em 1891 e 1897, o reformista Kang Youwei (1858–1927) publicou duas obras controversas argumentando que os clássicos confucianos foram distorcidos em compilações do século 1 d.C. Essa tentativa de revigorar o sábio Confúcio revelava um mal-estar da época frente às tradições.

A novidade (*xin*, 新) repentinamente se tornou moda nos anos iniciais do século 20 na sociedade chinesa, a começar pelas políticas reformadoras da dinastia Qing e as “novas escolas”, “nova cultura”, movimentos intelectuais como no Movimento Quatro de Maio e epitomizado no periódico “Nova Juventude”⁵⁴. Como parte das mudanças, a Imperatriz Cixi decretou o fim da prática de amarrar os pés femininos — prática dolorosa em voga na corte desde a Dinastia Song (960-1279) — e a abolição do tradicional sistema imperial de exames em 1905, um golpe fatal a toda a classe dos mandarins. No mesmo ano, uma comissão foi mandada ao Japão, Estados Unidos e Europa por oito meses para estudar os seus modelos de governo. Ao retornarem, um programa de reforma constitucional foi anunciado em 1908, incluindo a criação de assembleias representativas provinciais e a promessa de uma transição a um autogoverno.

Mas essas reformas não foram suficientes. As “novas escolas” se transformaram em templos e academias confucianas que permaneceram afastados da acessibilidade universal não muito diferente das suas antecessoras imperiais. O eleitorado nas eleições provinciais de 1909 não abrangeu mais do que 1% da população⁵⁵. O novo modelo constitucional se inspiraria no do Japão de Meiji e da Alemanha imperial, pois a autoridade era mais centralizada, condizente com a estrutura de poder dos Qings. Os anseios dos líderes rebeldes eram liberais, mas nos moldes anglo-americanos. Ademais, o número de nobres e príncipes Qing atuantes no governo à época aumentou, em vez de incluir maior participação da sociedade sem ligações com a família imperial. E o mais perigoso de tudo, a percepção política e social na China, na virada do século, começou a enxergar o Estado como um antro de “estrangeiros manchus”, evocando a origem étnica da dinastia Qing no século 17.

54. LEE, Ou-fan Lee. *Shanghai Modern: the flowering of urban culture in China, 1930–1945*. Cambridge: Harvard University Press, 1999. p. 44.

55. GOLDMAN, Merle; GORDON, Andrew (Eds.). *Historical Perspectives on Contemporary East Asia*. Cambridge: Harvard University Press, 2000. p. 190.

Em detrimento dos “estrangeiros” no poder, a sociedade chinesa gradativamente começou a conceber-se em termos de nação, em torno de uma suposta essência étnico-histórica *han* (漢), algo inconcebível na longa história chinesa de pluralidade e interações de povos. A China imperial sempre fora muito mais produto de uma estrutura de Estado e poder do que uma expressão nacional. Ficou, então, clara a influência das ideias nacionalistas advindas do Ocidente que tinha se infiltrado no meio político e intelectual chinês, do qual se destacou o Dr. Sun Yat-sen (1866–1925).

Sun Yat-sen era um cantonês (de Cantão, Guangzhou), de longe dos centros tradicionais de cultura de língua chinesa. Falante de dialetos locais, ele decidiu estudar língua inglesa em 1887 nas ilhas havaianas. Completou seus estudos em Medicina. Diante dos desafios de uma nova China, Sun esperava organizar um Estado republicano nos moldes dos EUA.

Sun buscou organizar sociedades revolucionárias a partir do exterior, indo residir no Japão, mas sempre contando com massivo apoio de comunidades chinesas nos EUA e países europeus. E foi com esses fundos que Sun começou a ganhar notoriedade na China a partir de 1905, sob o grupo Aliança Revolucionária (*Tongmenghui*). Nos próximos anos, o grupo passou a empreender inúmeros atos terroristas como o ocorrido na cidade industrial chinesa de Wuhan no curso médio do rio Yangtzé em 1911. No caso, todos os envolvidos foram presos após uma explosão aparentemente acidental e alguns líderes foram executados pelas autoridades locais. O desfecho do incidente foi extremamente impopular e houve motins de militares locais. Diante das ameaças de instabilidade social, o governador imperial local decidiu fugir da cidade. Foi o início da Revolução Nacionalista ou Republicana na China.

As rebeliões se alastraram para outras quinze províncias na região, na maioria na China meridional, historicamente a região mais dinâmica economicamente e ativamente envolvida no comércio internacional. E longe do centro da corte e das tradições políticas ao norte, em Pequim. Em 1911, essas províncias rebeldes se declararam independentes da dinastia Qing. Negociações posteriores entre as partes foram levadas a cabo na cidade de Xangai (Shanghai). Sun Yat-sen, nesse meio tempo, estava nos EUA, no Colorado, e leu a respeito das rebeliões em um jornal. Eventualmente conseguiu aportar à China, quando foi apontado como presidente temporário da Nova República, título que conservou por 45 dias, pois Sun decidiu passar a presidência a outro líder, Yuan Shikai (1859–1916).

Yuan fora figura crucial no comando e controle das Forças Armadas da China. Nas rebeliões, apesar da inspiradora figura de Sun, era Yuan quem os militares rebeldes seguiam na lealdade. Em fevereiro de 1912,

a imperatriz Cixi abdicou do trono e Yuan tornou-se o primeiro presidente oficial da República da China, com promessas de restaurar a grandeza chinesa perdida aos “estrangeiros manchus”.

Não fora apenas a dinastia Qing que veio ao fim em 1912. Todo um sistema imperial de mais de dois séculos foi junto. E, com isso, muito da China tradicional. Até a escrita chinesa passou por reformulações para a forma vernácula atual, mais simplificada. Muitos chineses enfileiraram-se para cortar os rabos de cavalo dos cabelos impostos pelos Qings, além da adoção de roupas ocidentais. Tudo que vinha da tradição era visto com certo repúdio por ser reflexo de uma época humilhante na história chinesa. No caso mais ilustrativo, houve adoção do terno mais ocidental, embora com adaptações ao gosto chinês, usado por Sun e popularizado por Mao Tsé-Tung. O calendário ocidental fora adotado, mas as festividades chinesas ainda deveriam seguir o calendário lunar.

Significativos foram também os protestos sociais nesse período de mudanças na China. O Movimento de Quatro de Maio foi um protesto estudantil contra as condições injustas impostas à China após a Primeira Guerra Mundial, mesmo com a sua participação ao lado dos aliados vitoriosos. O descontentamento adveio da concessão da ex-base alemã em Shandong para os japoneses, ignorando os pleitos da delegação chinesa na Conferência de Paz de Versalhes de 1919 de reintegrar a província ao Estado chinês.

As manifestações consequentes desse movimento foram enormes. Grandes atos patrióticos foram expressados nas grandes cidades. Um novo entusiasmo e senso de renovação social visando a uma “nova ordem” e “nova cultura” de uma geração foram os mantras da época. Convites eram feitos a intelectuais ocidentais pelos departamentos universitários chineses. John Dewey e Bertrand Russell deram palestras na Universidade de Pequim entre 1919 e 1921. As ideias de individualismo, feminismo, sufrágio universal e anticonfucionismo se tornaram voga nos meios acadêmicos e midiáticos.

O Japão à época se tornou referência para muitos que o enxergaram como uma solução aos problemas de adaptação asiática ao mundo moderno ocidental. Muitos estudantes chineses foram estudar em Tóquio. No entanto, após a Primeira Guerra Mundial e a anexação de Shangdong, o Japão passou a ser visto com desconfiança devido a suspeitas de expansionismo no leste asiático. O Ocidente começou a ser considerado como traidor depois das decisões de Versalhes em 1919. Apesar de viva admiração ao republicanismo, líderes estudantis e intelectuais, como Chen Duxiu (1879–1942), apreciavam mais os ideais revolucionários franceses de 1789 do que o próprio *establishment* político francês após

1919. Chen depois se tornaria o primeiro líder do Partido Comunista Chinês (PCC), fundado em 1921. Mas até então o interesse chinês pelo comunismo permanecia confinado a círculos intelectuais restritos, somente ganhando maior apelo social após os eventos políticos da década de 1930, como veremos mais adiante.

Em suma, nas décadas após o advento da República em 1911, a China até 1928 iria atravessar um processo de intenso debate sobre adaptação e nova ordem política. O desejo generalizado era antes de regenerar a força nacional e preservar o fervor patriótico. Nesse sentido, forças republicanas, nacionalistas e comunistas tenderam a se expressar mais em termos de centralização e unidade nacional do que em termos doutrinários conflitantes de liberdade, igualdade e participação política. Foi emblemática a frase proferida por Sun Yat-sen quando considerou os chineses como “areia movediça” e que a solução para todos seria mais disciplina do que liberdade. Tal disciplina seria algo crucial num momento em que a China desandava para uma época de desunião entre 1916 e 1928.

Posteriores à Revolução Republicana, eleições nacionais foram organizadas e uma Assembleia Constituinte foi formada em 1912. As eleições foram relativamente calmas, e um partido com fortes teores ocidentais, refletindo os desejos da época, emergiu como o vencedor: o Kuomintang (abreviado como KMT) ou o Partido Nacionalista. O presidente da República, Yuan Shikai, ficou alarmado com o sucesso político do partido e a sua participação foi suspeita na morte da liderança jovem do partido em 1913. Um ano depois, Yuan ordenou o fim da organização política e ordenou dissolver a legislatura eleita. Em 1915, Yuan procedeu na centralização do poder, declarando-se imperador, para criar uma nova dinastia. Manteve o ofício por apenas 83 dias, pois muitos dos seus oficiais militares objetaram uma ressurreição imperial. Um ano depois, deposto do poder e traído por seus aliados mais próximos no seu projeto de unificação imperial pós-Qing, Yuan veio a óbito.

A sua morte, efetivamente, deu início a um período de turbulência e focos de poder que competiram pela hegemonia no país. Até 1928, autoridades locais sustentadas no poder por líderes militares, empresários, gângsteres do submundo do crime e políticos agiram como soberanas na condução governamental. Câmaras de comércio de grandes cidades possuíam até mesmo suas próprias forças militares, conduziam obras públicas e negociações internacionais. Xangai, por exemplo, a maior cidade chinesa à época, era pulverizada em distritos com autoridades próprias — a dos bairros dos estrangeiros mantinha inclusive autonomia jurídica e fiscal. Outros bairros da cidade eram comandados por líderes do

narcotráfico, como o notório Du Yuesheng (1888–1951), líder da Ganguê Verde, que se elegeu presidente da Câmara Municipal e diretor da Bolsa de Valores de Xangai. No interior do país, houve incidentes decorrentes da desordem pública que provocaram escândalo na opinião internacional. Na província de Shangdong, no litoral nordeste da China, em 1923 bandidos descarrilaram um trem de passageiros e mantiveram sob cativo vinte estrangeiros ocidentais, entre eles um membro da família Rockefeller.

Mas o essencial de tudo foi a gradativa desunião de lealdades militares após o colapso da dinastia Qing e a morte de Yuan Shikai em 1916. A sua morte demonstrou como ele era figura única entre muitos militares chineses. E como a rede de alianças feitas por ele se desfez. Passaram à proeminência líderes chamados “senhores da guerra” em várias regiões. E nenhum entre eles chegou a prevalecer sobre os demais. O cenário conduzia à fragmentada desordem e a fragilidade nacional.

Entre esses “senhores”, o mais notório foi Zhang Zuolin (1875–1928) da Manchúria, região além da Grande Muralha no nordeste chinês. O local, rico em ferro e carvão, recursos propícios para se criar indústrias de base, era alvo de conquista nos planos dos japoneses de expansão e industrialização no leste asiático. Frente a isso, Zhang começou a negociar com os nipônicos visando preservar sua autonomia, chegando a empregar 50 conselheiros deles no seu exército. Em 1928, após maiores desentendimentos com oficiais residentes do Exército Japonês, Zhang foi assassinado. E após um pretexto para invasão num incidente na cidade de Mukden, o Japão passou a ocupar a Manchúria a partir de 1931.

Nesse meio tempo, no sul da China, Sun Yat-sen, liderou um movimento revolucionário a partir de Cantão (Guangzhou). Com o apoio de muitos ex-deputados nacionais eleitos, oficiais do Exército e da Marinha, articulou-se para chegar ao poder do KMT. O partido também passou a receber considerável apoio tático dos comunistas chineses e, a partir de 1923, de conselheiros vindos da União Soviética, para organizar um governo nacional dotado de Forças Armadas unificadas e modernas. Entre os jovens líderes comunistas que se coligaram ao KMT, sob orientação de soviéticos, estavam Mao Tsé-Tung (1893–1976) (FIG. 19) e Zhou Enlai (1898–1976).

O KMT prosseguiu organizando um exército nacionalista para combater as forças centrífugas regionais. Para tanto, foi criada uma Academia Militar numa região de Cantão conhecida como Whampoa. Essa instituição, com forte orientação inicial dos soviéticos, foi única na China a integrar à formação militar dos seus oficiais a doutrinação política. O primeiro comandante dessa academia, após três meses de treinamento

FIGURA 19: Mao Tsé-Tung.



Fonte: <https://goo.gl/wgUAKL>

em Moscou, foi Chiang Kai-shek (1887–1975) (FIG. 20), que sucedeu no comando do KMT após o falecimento de Sun Yat-sen em 1925. Chiang lançou, um ano depois, uma grande ofensiva na direção norte do país e, em 1928, alcançou êxito em reunificar o país. A era da desunião nacional entre os “senhores da guerra” chegava ao fim.

Os comunistas chineses, ainda integrados ao KMT, extraíram boa parte de seu apoio e força social de sindicatos urbanos e organizações de camponeses. Chegaram mesmo a ter controle de sindicatos e do governo de Xangai antes da chegada das tropas do KMT. E isso começou a preocupar Chiang que, em abril de 1927, antes mesmo na reunificação nacional, se desentendeu com lideranças comunistas coligadas e atacou sindicalistas e trabalhadores da cidade. Estimados 25 mil comunistas foram mortos nos primeiros meses desse expurgo. Chiang Kai-shek, a partir de então, passou a adotar uma postura cada vez mais anticomunista.

Reunificado o país, o KMT estabeleceu a nova capital em Nanquim (Nanjing), mas a maior parte do país permanecia, efetivamente, longe do controle efetivo do novo governo central. A China passara a ser um país unipartidário, e os outros partidos políticos foram declarados ilegais, inclusive os comunistas. Chiang, nesse propósito, planejava um período de tutela a preparar a sociedade chinesa para formas de autogoverno a adotar, no futuro, a democracia.

Após a quebra de alianças com o KMT e o expurgo de Xangai, o Partido Comunista Chinês (PCC), ao longo da década de 1930, deu início a um período introspectivo de reformulação organizacional. Atuando na ilegalidade, era necessário um comando centralizado para organizar e disciplinar seus membros. Os comunistas identificaram as suas forças sociais — trabalhadores urbanos e camponeses — e neles passaram a se apoiar, livrando-se de toda a influência externa que pudesse comprometer a sua unidade partidária. Membros soviéticos atuantes como conselheiros para supervisionar o partido foram gradativamente sendo afastados, pois cresceram as discordâncias sobre o momento propício para a tomada do poder pelos comunistas. Um exército próprio e disciplinado sob comando do partido foi criado, o Exército Vermelho.

As primeiras experiências comunistas sob as novas diretrizes foram dadas em Jiangxi, no sudoeste chinês, onde Mao, com o apoio do Exército Vermelho, passou a redistribuir as propriedades rurais para favorecer os empobrecidos camponeses locais. E com o sucesso desse episódio, iniciou um amplo processo de recrutamento de guerrilheiros e partidários pelo país. Desde então, o interior da China se tornou o bastião primordial do poder do PCC.

FIGURA 20: Chiang Kai-shek

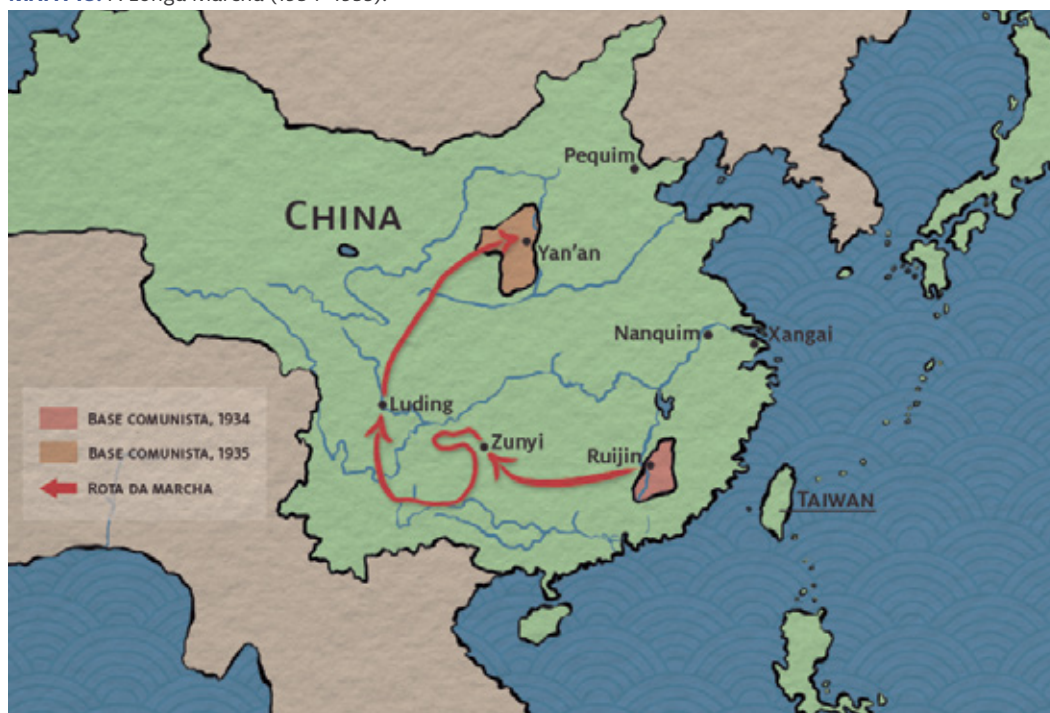


Fonte: <http://goo.gl/A7riSF>

Diante disso, por volta de 1935, a liderança efetiva do PCC passou a orbitar gradativamente em torno de Mao Tsé-Tung, Zhou Enlai e Zhang Wentian. Passaram os comunistas então a angariar maior visibilidade e apoio nacional, evidenciando a corrupção de aliados locais do KMT e dos seus excessos fiscais e trabalhistas sobre os trabalhadores e camponeses. Guerrilhas e milícias locais foram organizadas com o Exército Vermelho, visando enfraquecer a presença militar do Exército Nacionalista. Um cenário de guerra civil estava se formando.

Chiang, ciente do sucesso do PCC no sudoeste interiorano do país, buscou então organizar uma ampla ofensiva contra os comunistas. Antes de serem achados, contudo, os 86 mil comunistas e soldados do Exército Vermelho, em outubro de 1934, conseguiram furar o bloqueio do KMT e iniciaram naquela que ficou conhecida na história chinesa como a Longa Marcha (1934–1935) (MAPA 18). Esta inicialmente consistiu numa marcha para fugir das forças nacionalistas. Com o passar dos meses e com a resiliência demonstrada, os participantes começaram a ganhar notoriedade nacional e a atenção de chineses de regiões marginalizadas pelo regime do KMT. O destino final se deu na província de Shaanxi no árido noroeste chinês, outra base comunista, depois de 370 dias de marcha e nove mil quilômetros percorridos. Os feitos do PCC começaram a ganhar estaturas heroicas na mentalidade popular chinesa.

MAPA 18: A Longa Marcha (1934–1935).



O incidente da Ponte Marco Pólo (Ponte Lugou)⁵⁶, nos arredores de Pequim, deflagrou formalmente as hostilidades sino-japonesas em 07 de julho de 1937. E as invasões prosseguiram rumo ao sul, para incluir a devastadora conquista de Nanquim em dezembro de 1937, resultando em milhares de mortos, mutilados e estupros contra homens, mulheres, idosos e crianças, naquele que ficou conhecido como o Massacre de Nanquim⁵⁷.

A reticência de Chiang em se unir em frente comum com os comunistas contra os japoneses era tamanha que foi necessário armar seu sequestro na sua visita em dezembro de 1936 à cidade de Xi'an, em Shaanxi. Depois de detido, sua liberdade foi condicionada à tática colaboração com o Exército Vermelho, visando fortalecer uma frente unida interna antijaponesa. O cenário chinês providenciou, pois, um breve interlúdio na luta fratricida entre o KMT e o PCC, e disso resultou uma frente unida apesar das colaborações precárias e desconfianças mútuas.

Os japoneses, nesse ínterim, avançaram a partir do norte e do litoral. Em 1941, as maiores cidades chinesas, centros industriais e urbanos, principais portos e aeroportos estavam sob seu controle. O KMT, essencialmente de base urbana, procurou refúgio em cidades do interior, indo reagrupar-se em 1938 em Chongqing, em Sichuan, na parte centro-ocidental da China, cidade estrategicamente bem guarnecida de defesa pelos seus entornos montanhosos. Permaneceram lá quase isolados, mantidos apenas com a tênue linha de suprimentos fornecidos pelos Aliados na Segunda Guerra Mundial vindos do sudoeste através das selvas da Birmânia britânica (atual Mianmar). Os comunistas chineses, ao contrário, encontraram ampla base de apoio e suprimento de guerra entre as comunidades de camponeses, espalhando sua resistência em forma de guerrilhas pela vastidão interiorana chinesa.

Houve espetacular avanço japonês sobre a costa chinesa e o Sudeste Asiático, humilhantemente derrotando as forças britânicas, como na tomada da Malásia e Cingapura em 1942, contando com a colaboração rendida de franceses na Indochina e ocupando as Índias Holandesas. No entanto, o comando japonês começou a se defrontar com uma frente de batalha cada vez mais ampliada e longas linhas de suprimentos a serem mantidas. E o seu esforço de guerra começou a se tornar extenuante demais depois da contraofensiva dos EUA a partir das ilhas de Midway no Pacífico e da batalha de Guadalcanal em 1942. A tendência estratégica japonesa iniciou, então, uma retração das

56. Ocasão em que as tropas japonesas estavam nos arredores executando exercícios militares de rotina, que foram interpretados como ação ofensiva por parte de soldados chineses em vigilância resultando em troca de tiros.

57. CHANG, Iris. *The Rape of Nanking: the forgotten Holocaust of World War II*. New York: Basic Books, 1997.

suas tropas visando a preservação das suas ilhas frente ao avanço dos EUA. A fragilidade da presença nipônica na China foi sendo evidenciada.

Nessa tendência, as tropas do KMT, com o apoio dos EUA e dos Aliados na Segunda Guerra Mundial, passaram a reocupar de volta as grandes cidades litorâneas chinesas a partir de 1943. Junto com isso, os comunistas do PCC também passaram a ampliar onde possível os seus territórios a partir do interior. As dificuldades maiores do KMT em estender seu domínio de volta por toda a China adveio de terem sido eles a primeira linha de frente de combate aos japoneses, com seus efeitos militares devastadores. Além disso, o partido herdou um país desestruturado em termos urbanos e industriais, um cenário arruinado para reerguimento da sua economia. A China encontrava-se em forte recessão, com hiperinflação e desemprego, socialmente humilhada e desconfiada do esforço de guerra do KMT frente aos japoneses. O PCC, em contrapartida, encontrando-se aninhado no interior e com amplo apoio do campesinato devido à carismática liderança de Mao, lidou com um cenário promissor de renovação e esperança na percepção de seus apoiadores. Foram vistos por eles como os grandes vencedores da guerra.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1947, já era notável a popularidade do Exército Vermelho, em comparação com o KMT, na China. Conjugado com isso, Stalin tinha declarado guerra ao Japão nos meses finais da Segunda Guerra Mundial e passou a ocupar a Manchúria, onde iria sistematicamente pilhar a base industrial japonesa ali criada e levá-la por vagões de trem para a Sibéria. A região foi depois concedida ao comando comunista do PCC.

Os atos finais do KMT e do avanço do PCC se deram nos anos seguintes. Até 1949, Mao tinha ampliado sua presença a partir do interior e engolfou as grandes cidades ao longo do rio Yangtzé e o das Pérolas (Zhu Jiang). Vindos da Manchúria, as tropas do PCC, agora chamadas de Exército de Libertação Popular, tomaram controle de Pequim. Em 1º de outubro de 1949, Mao proclamou o nascimento da República Popular da China na Praça da Paz Celestial (Tiananmen). As forças do KMT de Chiang, cercadas em algumas cidades litorâneas, passaram a bater em retirada organizando um massivo transporte de seus aliados e apoiadores para seu último reduto seguro, a ilha de Taiwan, proclamando ali a República da China em dezembro. Estimados dois milhões de chineses foram no esteio dessa transferência, carregando consigo o que podiam dos seus investimentos, reservas cambiais e quase três mil contêineres de tesouros históricos retirados da Cidade Imperial de Pequim⁵⁸.

58. GLUCK, Caroline. Taiwan's Museum of Treasures. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/6335469.stm>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

O Nacionalismo no Sudeste Asiático

A ofensiva japonesa tomou de assalto toda a situação dos países no Sudeste Asiático a partir de 1941. A presença colonial ocidental e seu prestígio entraram em colapso com as decisivas derrotas em Hong Kong, Filipinas, Malaia (hoje parte peninsular da Malásia), Cingapura, Birmânia (atual Mianmar) e Indonésia. Masanobu Tsuji, oficial responsável pela campanha coordenada pelo General Yamashita Tomoyuki na Malaia, comentou depois da vitória japonesa sobre as forças britânicas e aliados locais: “conquistamos esplendidamente em termos militares”⁵⁹. De fato, o avanço das tropas japonesas, advindas do norte da península Malaia, da Indochina Francesa e da Tailândia, com quem tinham assegurado neutralidade, foi uma das campanhas mais notáveis da Segunda Guerra Mundial. Os estrategistas britânicos, concentrados nas campanhas europeias contra Hitler, não conceberam uma coluna ofensiva terrestre dos japoneses pela Malaia, em terreno florestal, a bicicleta que tomou de surpresa Cingapura pela retaguarda em fevereiro de 1942. Fora a maior derrota britânica na história, rendidos 60 mil militares britânicos, australianos e indianos. Winston Churchill acriminosamente considerou o episódio como “o maior desastre, [...] a maior capitulação na história militar britânica”⁶⁰.

Na Indonésia, diante da incapacidade holandesa derrotada no teatro europeu, a realidade da ocupação japonesa logo se evidenciou, com a dura imposição de cotas a serem produzidas para alavancar o esforço de guerra japonês, principalmente na extração petrolífera e de borracha. Da Malaia, as minas de estanho foram essenciais para o fabrico industrial japonês de peças de maquinaria e munições. Nas Filipinas, com a retirada dos EUA a partir de 1942 até 1945, a administração nipônica tratou com brutalidade as forças aliadas locais aliadas aos EUA, como em Bataan em que cerca de 20 mil prisioneiros filipinos e alguns norte-americanos foram forçados a caminhar por quase 100 quilômetros.

Do ponto de vista das lideranças asiáticas, o avanço nipônico abriu um cenário de possibilidades políticas novas visando uma maior autonomia frente às metrópoles europeias em retirada. Em julho de 1942, as lideranças japonesas na Indonésia decidiram resgatar Sukarno (1901–1970) (FIG. 21) da prisão imposta pela administração holandesa e o mandaram

FIGURA 21: Sukarno.



Fonte: <https://goo.gl/Pu1CSQ>

59. TSUJI, Masanobu. *Japan's Greatest Victory, Britain's Worst Defeat*. New York: De Capo Press, 1997. p. 121.

60. BBC ON THIS DAY. 1942: Singapore forced to surrender. Disponível em: <<http://goo.gl/8ubL9h>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

de volta para a ilha de Java, em Jacarta, onde se reencontrou com outros líderes nacionalistas como o muçulmano Mohammad Hatta (1902–1980). Reuniram-se com o comandante japonês, o General Hitoshi Imamura, quando foi pedida ajuda para o apoio do povo indonésio na administração japonesa. Falando de Tóquio, para onde fora convidado, Sukarno proclamou a independência da República da Indonésia em 17 de agosto de 1945. Sem intenção, o Japão tinha incendiado as lideranças do país para um futuro autônomo.

Com a França em armistício contra a ocupação nazista desde junho de 1940 sob o regime de Vichy, a Indochina Francesa passou a tomar uma posição de neutralidade diante do avanço de tropas japonesas vindas da China meridional, de Guangxi. Em 29 de julho de 1941, foram negociados entre Benoist-Méchin e os japoneses os termos dos Acordos de Darlan-Kato⁶¹: essencialmente fora garantida a permanência das tropas nipônicas na Indochina, além da oferta de apoio e suprimentos na sua campanha de guerra, apesar de terem ocorrido desavenças e conflitos entre as partes ao longo da Segunda Guerra Mundial. Mas foi na forma de guerrilhas no interior norte vietnamita que nasceu a maior resistência da região. Em 1941, Ho Chi Minh (Nguyễn Sinh Cung) (1890–1969) fundou a Liga *Viet Minh* para organizar uma frente de resistência popular contra a dominação francesa e japonesa.

A Tailândia (Sião até 1939 e entre 1945 e 1949) adotou neutralidade na Segunda Guerra Mundial, manifestada pelo objetivo do general Phibun (Plaek Phibunsongkhram) (1897–1964) em garantir a soberania de seu país, preferindo cooperar com a ofensiva japonesa, uma ameaça mais imediata, do que os combater. De fato, as tropas japonesas fizeram uso do acordo assinado em 21 de dezembro de 1941 e atravessaram o território tailandês visando alcançar território colonial britânico na Birmânia a oeste e em Malaia ao sul. Em janeiro de 1942, o governo tailandês declarou guerra aos britânicos e aos EUA, sob insistência de Tóquio. Como recompensa, em agosto de 1943, o Japão concedeu-lhes o retorno do controle de quatro províncias malaias na sua fronteira meridional⁶². Após a Segunda Guerra Mundial, com a rendição japonesa, o governo tailandês reorientará sua política na região buscando o apoio do governo dos EUA para reprimir movimentos comunistas no Sudeste Asiático.

61. NAMBA, Chizuru. *Français et Japonais en Indochine, 1940–1945: colonisation, propagande et rivalité culturelle*. Paris: Karthala, 2012. p. 38.

62. Quedá, Perlis, Kelantan e Terengganu.

Na Birmânia, lideranças locais nacionalistas buscaram oportunisticamente aliar-se aos japoneses visando a expulsão da administração britânica. Aung San (1915–1947) (FIG. 22), principal líder da resistência birmanesa, foi capturado em 1940 em Amoy (Xiamen), no litoral sul da China, dominada pelos japoneses, quando buscava apoio à sua causa política e fora mandado para Tóquio⁶³. Retornou ao seu país no ano seguinte com promessas de cooperação e apoio japonês visando o enfraquecimento da região oriental da Índia Britânica. Depois das ofensivas aéreas japonesas em fins de 1942, as forças de Aung San ocuparam boa parte do sul da Birmânia. Mas a lua de mel entre as duas partes durou pouco, pois os japoneses passaram a administrar todo o país diretamente. Traído, Aung San declarou na ocasião: “se os britânicos sugaram nosso sangue, os japoneses quebraram nossos ossos”⁶⁴. Com a derrota japonesa na guerra em 1945, o governo de Londres começou a rever sua política colonial na Birmânia. Três meses antes da negociada independência do país, Aung San fora metralhado por paramilitares em 19 de julho de 1947. O início da sua independência birmanesa deu amostra da violenta desunião entre os grupos étnicos que compõe o país.

FIGURA 22: Aung San.



Fonte: <http://goo.gl/gLvjqU>

63. SMITH, Martin. *Burma – Insurgency and the Politics of Ethnicity*. London: Zed Books, 1991.

64. LACROIX, Frederick E. *The Sky Rained Heroes: A Journey from War to Remembrance*. Austin: Synergy Books, 2009. p. 215.



4

Ásia Independente

MAPA 19: A Ásia Independente no Século 20.



Com as independências após a Segunda Guerra Mundial, os governos asiáticos adentraram um novo período de desafios. Entre os mais prementes estavam questões de consolidação da unidade nacional diante de problemas de diversidade histórica (Índia e Paquistão), de interesses internacionais a fracionar a nação (Coreia e Vietnã), busca por autonomia própria e isolamento internacional (China e Coreia do Norte) ou mesmo um período de intensa reformulação política, não necessariamente democrática, que resultou em significativo desenvolvimento sustentado (Japão e Tigres Asiáticos). Ao final, os países asiáticos inseriram-se decisivamente numa nova ordem internacional ao fim da Guerra Fria.

A Guerra da Coreia

No desfecho da Segunda Guerra Mundial, com vitória à vista de soviéticos e americanos no Leste Asiático, foi decidido o futuro do sucumbente Império Japonês. Dentro desse âmbito, a península coreana, colônia japonesa desde 1910, foi dividida para ser ocupada ao norte do Paralelo 38 pela Rússia soviética. Ao sul, visando resguardar as ilhas japonesas a leste, a região seria administrada pelos EUA.

No norte coreano, os soviéticos advindos da Manchúria e interessados em ter um aliado apoiaram e treinaram, sob a liderança de Kim Il-Sung (1912–1994), o Exército Popular Norte-Coreano (EPNC), equipando-os com tanques e artilharias. Ao sul, a situação caótica depois da retirada japonesa resultou numa administração local sob a presidência de Syngman Rhee (1875–1965), cujo propósito declarado era o de manter a unidade coreana a qualquer custo. Como resultado do desinteresse dos EUA, preocupados com outras regiões nos anos iniciais da Guerra Fria, o exército sul-coreano, treinado pelos norte-americanos, consistiu basicamente numa milícia armada, sem tanques, nem aviões de combate e uma artilharia limitada.

Após anos de incidentes na fronteira ao longo do Paralelo 38, a República da Coreia (ou Coreia do Sul) foi invadida pelo EPNC em 25 de junho de 1950. Contaram antes com o aval de Stalin junto com promessas de intervenção direta por parte dos chineses comunistas. Pelo lado de Washington, o Pentágono foi pego de surpresa. Na medida em que os norte-coreanos avançaram ao sul, esmagando qualquer resistência, o governo em Washington desesperadamente convocou o Conselho de Segurança da ONU invocando o desrespeito dos norte-coreanos aos princípios da Carta das Nações Unidas. Foi então aprovada pelos membros da sessão, com a ausência boicotada da União Soviética, uma força internacional sob comando do General MacArthur a mandar uma assistência militar aos sul-coreanos. MacArthur caracteristicamente interpretou a sua entrada bélica como “o último presente de Marte a um velho guerreiro”⁶⁵.

Persistentemente, os norte-coreanos continuaram o seu avanço mais para o sul da península, visando tomar o estratégico porto de Pusan na costa sul coreana. Em 27 de junho de 1950, Rhee evacuou suas forças de Seul. No final do mês, as forças sul-coreanas foram reduzidas de 95 mil homens para apenas 22 mil⁶⁶. Frente a uma derrota iminente, foram mandadas apressadamente tropas americanas do Japão que eram mais treinadas para a supervisão da ordem pública do que o combate. Em comparação, as tropas norte-coreanas, além de motivadas com a súbita ofensiva, eram veteranas de combate dos conflitos com os japoneses na Segunda Guerra Mundial, treinadas e equipadas pelos soviéticos. Nesse quadro, somente o porto de Pusan conseguiu ser mantido pelos americanos para servir de cabeça de ponte para futuros reforços.

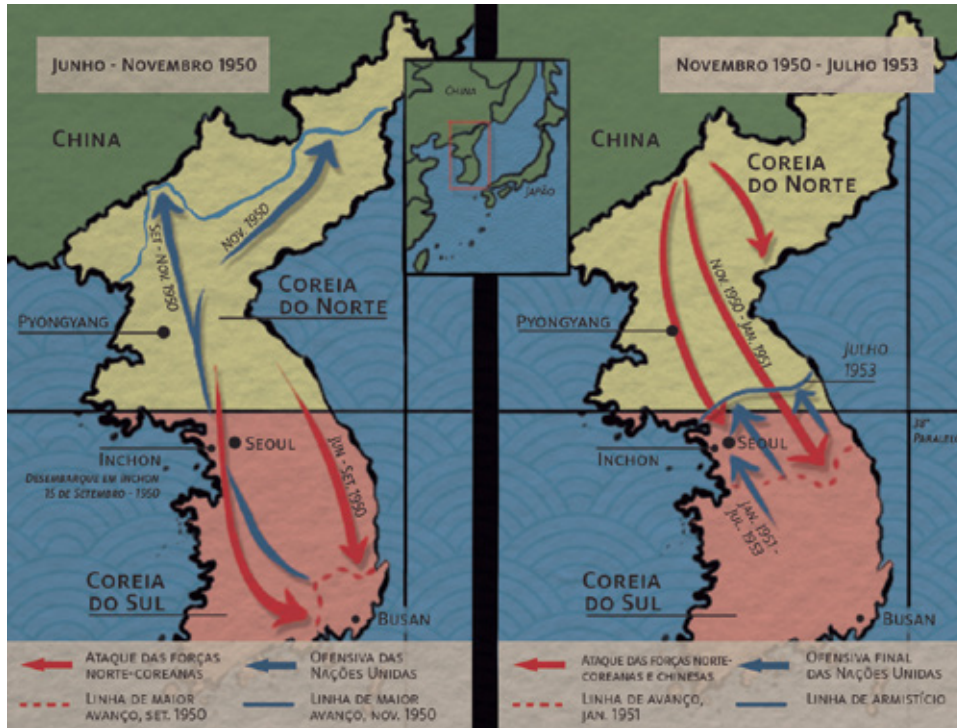
65. WEINTRAUB, Stanley. MacArthur's War – Korea and the Undoing of an American Hero. Disponível em: <<https://goo.gl/CGtcxb>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

66. WEBB, William. The Korean War: The Outbreak. Disponível em: <<http://www.history.army.mil/brochures/KW-Outbreak/outbreak.htm>>. Acesso em: 23/6/2015.

Em meados de setembro de 1950, o General MacArthur executou um ousado plano ao desembarcar duas divisões a 240 quilômetros na retaguarda do inimigo no porto de Inchon. Conseguiram cortar as comunicações das tropas norte-coreanas ao sul, iniciaram intensos bombardeios aéreos e perseguiram as tropas do EPNC para o norte do Paralelo 38. E foram além disso, chegando a avançar quase até a fronteira com a China ao longo do rio Yalu, provocando a ira de Mao, que sinalizou uma intervenção armada imediata nos conflitos visando defender seu território e aliados. Em outubro de 1950, MacArthur encontrou-se com o presidente dos EUA, Harry Truman, garantindo-lhe vitória completa na guerra antes da chegada do Natal. Em novembro, Pequim decidiu lançar sua ofensiva a partir da sua fronteira terrestre.

Como resultado dessa nova ofensiva chinesa, com estimados 300 mil homens veteranos de combate adequadamente vestidos para o rigoroso frio e mantidas a sua linha de suprimento, a frente de defesa sul-coreana e aliados recuaram para o sul do Paralelo 38, até Seul, nos dias finais de 1950. Na primavera de 1951, os aliados conseguiram se assegurar novamente ao longo do Paralelo, mesmo com as ofensivas chinesas. Nos dois anos seguintes, os conflitos permaneceram basicamente em torno dessa área limítrofe, com ambos os lados fortificando suas posições, usando artilharia, minas e cercas farpadas a conter o avanço inimigo.

MAPA 20: A Guerra da Coreia (1950–1953).



Com o impasse, foram abertos os canais de negociação visando o armistício que se prolongou por dois anos. O principal ponto de discórdia foi o destino de milhares de prisioneiros comunistas capturados e detidos na ilha de Koje na costa da Coreia do Sul. Enquanto os negociadores comunistas foram irredutíveis na exigência do retorno dos prisioneiros, milhares deles não quiseram ser repatriados. Ao final, foi dada aos prisioneiros a escolha entre a repatriação ou o asilo político. Em julho de 1953, a calmaria voltou aos campos de combate coreano, e milhares de prisioneiros de guerra de ambos os lados foram retornados. Uma zona desmilitarizada na fronteira foi estabelecida, todas as forças militares se retiraram das suas posições de combate e uma comissão da ONU supervisionou o armistício.

Em certo sentido, a Guerra da Coreia (1950–1953) foi uma guerra civil coreana com participação estrangeira. O contexto inicial da Guerra Fria agravou os ânimos internacionais. Stalin permaneceu irredutível no seu apoio a Kim Il-Sung e no avanço da EPNC até a sua morte em março de 1953. Mao, recém-chegado ao poder, queria dar mostras ao mundo da potência da nova China. MacArthur, comandante dos EUA e aliados, almejou mais uma vitória além do Japão para ganhar visibilidade política e concorrer nas eleições dos EUA em 1952, no qual fracassou na sua candidatura republicana.

Ao final da guerra, foram estimados 373 mil civis sul-coreanos e mais de 137 mil militares mortos. Pelas fontes ocidentais, estima-se que os chineses perderam 400 mil homens, incluindo o filho de Mao, e quase meio milhão de feridos. Os norte-coreanos, por sua vez, perderam 215 mil, pouco mais de 300 mil feridos e quase 100 mil capturados ou desaparecidos⁶⁷.

O legado deixado pela guerra foi a problemática divisão da nação coreana em duas partes. Ao sul, Syngman Rhee governou a devastada Coreia do Sul até 1960, não permitiu qualquer oposição política de esquerda e fechou a Assembleia Nacional. Em 1960, após protestos sociais no país, Rhee abdicou de sua reeleição. Dois anos depois subiu à presidência o General Park Chung-hee (1917–1979), que continuou com a repressão de dissidentes políticos, atividades suspeitas de norte-coreanos e programou reformas econômicas substanciais voltadas às exportações, com a ampla oferta de capitais japoneses e norte-americanos, resultando no espetacular desenvolvimento do país a partir de fins da década de 1970.

Ao norte do Paralelo 38, a Coreia de Kim Il-sung seguiu como um legado stalinista. O país gradativamente se isolou de outros regimes socialistas,

67. CUMMINGS, Bruce. *The Korean War: A History*. New York: Modern Library. 2011. p. 35.

exceto a China, e desenvolveu sua própria ideologia política de autossustentação nacional, Juche (주체). Alimentou, ao longo das décadas posteriores, provocações do outro lado da fronteira coreana no uso de espiões e agentes e desenvolveu capacidade bélica para barganhar sua posição de força no contexto regional. Kim Il-sung foi sucedido, em 1994, por seu filho Kim Jong-il, que continuou na mesma linha política. O regime atual do país caracteriza-se como um dos mais fechados do mundo, sob comando dos descendentes de Kim Il-Sung, sempre buscando articular-se entre o alto comando militar, para desprezar sua sociedade civil e reprimir duramente qualquer oposição independente.

A China Vermelha

Ao subir ao poder em outubro de 1949, Mao partiu logo, em dezembro, para sua primeira viagem internacional, para Moscou, para celebrar o septuagésimo aniversário de Joseph Stalin. Ao final da visita, apesar de não ter recebido a esperada atenção, voltou com empréstimo de US\$ 300 milhões e um programa de assistência técnica e militar. A nova aliança preocupou as autoridades em Washington com a perda irreparável no leste asiático diante do avanço comunista. Somente em fins da década de 1960 a percepção do governo dos EUA iria mudar a respeito da China.

No aspecto interno chinês, depois de décadas de desintegração nacional e conflitos civis, a ordem do dia do PCC era restaurar a ordem nacional. Para tanto, foi instituída uma nova moeda, o *renminbi* (“dinheiro popular”, também conhecido como *yuan*) visando controlar as finanças combinado com a fixação de preços de *commodities*. O resultado foi a gradativa estabilização econômica e financeira do país.

No nível ideológico, a maioria dos membros do PCC buscou adequar a doutrina marxista clássica para as peculiaridades chinesas. O apelo maior do partido foi entre os camponeses que eram explorados por latifundiários. E foi nisso que o partido buscou adequar o comunismo, almejando confiscar grandes propriedades de terra e redistribuí-las. Naturalmente, os confiscos envolveram algum elemento de arbitrariedade, pois dependeram de vontades políticas de comissários e oficiais locais do partido. Mas, no geral, houve um quadro de significativa transferência latifundiária no país para pequenos proprietários rurais e indivíduos sem terras até 1952⁶⁸.

68. BRAMALL, Chris. Chinese Land Reform in Long-Run Perspective and in the Wider East Asian Context. Disponível em: <<http://goo.gl/klueqh>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

Uma industrialização ampla foi outro objetivo do PCC, que adotou a estratégia soviética de planejamento central e a série de planos quinquenais stalinistas, o primeiro deles implementado a partir de 1953. Apesar dos dados estatísticos serem pouco confiáveis dessa época, o Primeiro Plano Quinquenal parece ter surtido efeito de considerável industrialização. Ademais, em segunda visita a Moscou em 1957, por ocasião dos quarenta anos da Revolução Bolchevique, Mao expressou entusiasmo pelo lançamento do primeiro satélite artificial da história, o Sputnik, ao declarar: “os ventos orientais estão prevalecendo sobre os ventos ocidentais”. O comunismo parecia ser invencível e inevitável para o futuro da humanidade. Depois da visita, Mao chegou a anunciar o objetivo da economia chinesa de ultrapassar a britânica em quinze anos⁶⁹.

O entusiasmo de Mao baseou-se num plano nacional de industrialização e desenvolvimento com forte teor voluntarista popular ao invés de novas formas gerenciais, tecnologias, investimentos de capital ou decisões de uma tecnocracia centralizada ao estilo soviético. Mao costumava, nessa visão, citar a história de um idoso incapacitado que, através de sua persistência e vontade, carregou pedra por pedra e moveu uma montanha. Foi essa sua crença em superar todos os obstáculos que caracterizou a sua política do Grande Salto Adiante a partir de 1958.

A expectativa de Mao e da cúpula do PCC seria uma transição genuína ao comunismo, através de experiências coordenadas por eles em comunidades rurais organizadas nesse sentido. O modelo seria amplificado e aplicado às esferas industriais e militares. As unidades produtivas, grupos de pessoas supervisionados por um comissário ou membro do partido, seriam as células do sistema a competirem entre si para atingir a meta estabelecida por Pequim. As mulheres também integrariam as unidades laborais, o que as libertava das amarras da tradição.

O Grande Salto Adiante foi anunciado no começo de 1958 e as primeiras comunas experimentais entraram em vigor em abril. Por volta do outono, quase toda a China rural foi convulsionada por essa forma de comunização. Em pouco tempo, o Grande Salto começou a se tornar um desastre. Entre os casos mais calamitosos estava o plano de dobrar a produção de aço e ferro na China em apenas um ano. Por volta de 90 milhões de pessoas foram mobilizadas nessa iniciativa nacional, mas, por não haver uma coordenação central planejada, a maioria não tinha

69. TEIWES, F. C.; SUN, W. *China's Road to Disaster: Mao, Central Politics, and Provincial Leaders in the Unfolding of the Great Leap Forward, 1955–1959*. Armonk, New York: M.E. Sharpe, 1999. p. 70–71.

nenhum conhecimento e assessoria adequada na produção da cota estabelecida e no uso inadequado de equipamentos improvisados para a fundição do aço.

Mais impactante foi a agricultura. Por ter sido abolida a propriedade privada, muitos fazendeiros preferiram sacrificar seu gado a entregá-los ao coletivo. Muitos sentiram pouco incentivo ao trabalho nas fazendas comunitárias. Exaustos ou confusos nas mobilizações de campanhas voluntaristas, foram comuns os casos de colheitas desperdiçadas e desviadas para apodrecerem. Campanhas para eliminar pragas de colheitas, como os pardais, produziram ondas de insetos. Desmatamento, erosão do solo e outros danos formaram o quadro ambiental resultante de outras campanhas. Ao fim de 1958, a carência de oferta de itens alimentícios básicos começou a ficar aparente. Ao fim, foi estimada a morte de no mínimo 20 milhões de pessoas, de acordo com fontes oficiais, mas provavelmente muito mais, de desnutrição durante a fome causada pelo Grande Salto Adiante entre 1958 e 1962⁷⁰.

As críticas algumas vezes eram bem-vindas por Mao, mas por vezes o líder furiosamente reagia contra os discordantes. Criou-se em torno dele um ambiente cada vez mais relutante em reportar algo que pudesse desagradá-lo⁷¹, pois havia a ambição natural das pessoas em sempre aparentar-se bem-sucedidas mesmo que apresentando relatórios falsos e manipulados — lembrando que a China à época era em grande parte sem televisão e rádio, já que as comunicações de massa eram pouco desenvolvidas. Portanto, poucos tiveram a percepção das limitações e falhas dos projetos de mobilização.

Um dos poucos casos de crítica na alta cúpula foi quando o Ministro da Defesa, Peng Dehuai, em 1959, no encontro partidário em Lushan, província de Jiangxi, ousou apontar em carta privada as violações básicas da economia do Grande Salto Adiante. Mao fez com que a carta fosse publicada e buscou denunciá-lo como “elemento burguês”. Mao, após o episódio e almejando preservar sua imagem, decidiu deixar a direção do governo — mas continuou retendo vitaliciamente o cargo mais poderoso de Presidente do Comitê Central do PCC até sua morte em 1976. Seus aliados no governo reorientaram as desastrosas políticas introduzindo novas medidas a revigorar a economia.

70. BRANIGAN, Tania. *China's Great Famine: the true story*. Disponível em: <<http://goo.gl/x8ORv1>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

71. BECKER, Jasper. *Hungry Ghosts: Mao's Secret Famine*. London: Holt Paperback, 1998.

A retirada estratégica de Mao da visibilidade pública nesses anos decorreu da sua forte suspeita dos altos membros do PCC, de “revisio- nistas” e “seguidores do capitalismo” (走资派), que supostamente visa- vam sabotar sua revolução. Essas suspeitas foram o que motivaram a sua próxima grande campanha, A Grande Revolução Cultural Proletária em 1966. A campanha começou com a apresentação de uma peça teatral histórica, A Demissão de Hai Rui do Cargo (海瑞罢官), que retratava a demissão injusta de um oficial da Dinastia Ming por um imperador dês- pota. A peça tinha sido escrita pelo vice-prefeito de Pequim, Wu Han, que foi interpretada como uma crítica alegórica a Mao. O Grande Timo- neiro respondeu ao organizar uma campanha visando desacreditar a peça, forçando o autor a publicar uma autocrítica e confissão em 1965.

Pela primavera de 1966, Mao, sua esposa, e um círculo de seguidores radicais passaram a encorajar jovens estudantes a irem às ruas para pro- mover a nova visão maoísta da revolução quando famosamente declarou aos estudantes: “estão certos em se rebelarem”. Muitos dos estudantes organizaram-se em grupos chamados de Guardas Vermelhos. Em junho, as aulas nas escolas chinesas em grande parte foram suspensas e milhões de estudantes foram liberados para se juntarem às novas mobilizações. Foi concedido a eles transporte gratuito e muitos se dirigiram à Pequim na esperança de terem um vislumbre do “Grande Sol Vermelho”, Mao. Foi uma espécie de contragolpe popular organizado contra o *establishment* construído no PCC desde 1949. O que subjazia a Revolução Cultural foi a disputa pelo poder, em que Mao intencionava recuperar o controle sobre a direção do partido. Em atos públicos calculados, Mao, aos 72 anos de idade, eletrificou os ânimos da juventude chinesa em julho de 1966 ao realizar a façanha de nadar vários quilômetros no rio Yangtzé⁷².

As perseguições a dissidentes dentro da estrutura do partido se inten- sificaram a partir de julho de 1966, com a Guarda Vermelha a servir de tropa de choque. Entre os mais proeminentes perseguidos foi o Presi- dente do PCC, Liu Shaoqi, e um membro sênior do partido, Deng Xiao- ping. Liu, expulso do partido em 1968, morreu de pneumonia no chão de sua cela de prisão no ano seguinte como um “inimigo do povo”⁷³.

A Revolução Cultural, ao final, trouxe uma radical reestruturação de poder dentro da China comunista. Em 1969, quase metade dos membros do Politburo (政治局), o Comitê Executivo do PCC, e mais da metade do

72. SPENCE, Jonathan. *The Search for Modern China*. New York: W.W. Norton and Co., 1990. p. 605.

73. CHANG, Jung. *Wild Swans: Three Daughters of China*. New York: Touchstone, 2003. p. 391.

Comitê Central foi expurgada. Antes disso, elementos mais radicais da Guarda vermelha provocaram combates nas ruas. Em setembro de 1967, Mao convocou o Exército de Libertação Popular, como era chamada a institucionalizada força pública de Estado, para reprimir as desordens e restaurar a ordem pública. Até 1976, mais de 16 milhões de estudantes foram mandados para vilas rurais remotas⁷⁴. Com isso, foi almejado quebrar a unidade estudantil e mostrar aos estudantes elitistas a dura vida do campo.

O relacionamento com os soviéticos tomou uma guinada após a morte de Joseph Stálin em 1953, quando Mao começou uma campanha de denúncias aos dirigentes do Partido Comunista da União Soviética como revisionistas e traidores dos princípios da revolução. Mao, com isso, ambicionava ser a principal figura do comunismo mundial. Em 1960, houve uma ruptura completa entre os dois países, e os soviéticos retiraram toda a sua ajuda e conselheiros da China. Em 1962, quando ocorreram conflitos de fronteira entre a Índia e a China, o Kremlin apoiou o lado indiano. Na década de 1960, foram os soviéticos os maiores aliados das forças norte-vietnamitas comunistas, ao sul da fronteira da China. Os chineses se sentiram gradativamente acuados com a política soviética.

A China e a União Soviética compartilhavam a maior fronteira terrestre do mundo, por volta de 6700 quilômetros. E ao longo da fronteira, houve um incremento da presença e movimentação de divisões militares soviéticas, subindo de 25 em 1969 para 45 em 1973. Junto com isso, vários incidentes ocorreram na fronteira, sendo o mais sério deles o que aconteceu em março de 1969 na ilha de Damansky (Zhenbao, 珍宝岛) ao longo do rio Ussuri, que separa o nordeste da Manchúria da URSS. Começou com uma emboscada chinesa que acabou matando 35 soldados soviéticos. Os soviéticos responderam mandando tanques e artilharia ao local. Decorridas algumas semanas o *Premier* soviético tentou ligar para Mao, mas o operador chinês rudemente desligou a ligação e não mais completou a chamada. Por volta de 1969, muitos dirigentes chineses enxergaram os soviéticos como a maior ameaça militar, mais do que os distantes norte-americanos. As condições de distensão, *détente*, com Washington foram propícias.

Desde 1949, Washington tinha adotado uma postura de apoio ao regime de Chiang kai-shek e o Kuomintang (KMT), que se refugiaram para a ilha de Taiwan. As comunicações com a China comunista eram indiretas, pela embaixada em Varsóvia, na Polônia. Mas as condições históricas dos EUA eram adversas em boa parte da Ásia. No final da década de 1960,

74. SPENCE, Jonathan. *The Search for Modern China*. New York: W.W. Norton and Co., 1990. p. 638.

havia quase meio milhão de homens americanos na guerra do Vietnã sem qualquer perspectiva de desfecho dos conflitos em 1969. A China, ao norte da fronteira do Vietnã, parecia ser a única aliada em potencial a assumir os combates para a retirada dos EUA dos conflitos. Portanto, tanto Nixon quanto Mao viram a oportunidade em 1971 de estreitarem suas relações bilaterais, o que culminou na visita do presidente dos EUA a Pequim em fevereiro de 1972. Cautelosamente, evitou-se no encontro a delicada questão de Taiwan, conforme foi expressado no Comunicado de Xangai. Portanto, a década de 1970 marcou uma nova era entre a China comunista e os EUA.

Em nove de setembro de 1976, Mao Tsé-Tung, que sofria há anos de uma doença neurodegenerativa (esclerose lateral amiotrófica), faleceu. Logo após sua morte, houve uma tentativa de golpe por parte de um grupo composto de sua esposa e três de seus colegas mais radicais, a chamada Gangue dos Quatro. Mas houve um bem-sucedido contragolpe organizado por altos oficiais militares que prenderam a Gangue em suas residências. O cenário no país, após isso, foi de reconciliação com aqueles que foram perseguidos e destituídos durante a era Mao e a Revolução Cultural. Em torno de três milhões de pessoas detidas voltaram à vida pública. Os horrores e excessos da Revolução Cultural começaram a vir à tona, serem publicados e discutidos. A vítima mais célebre, Deng Xiaoping (1904–1997), membro sênior do PCC desde a década de 1920 e participante da Longa Marcha, estava ativo na política novamente e propôs amplas reformas econômicas e tecnológicas visando revigorar a China.

Por volta de 1978, Deng chegou ao poder supremo dentro da PCC, apesar de nunca ter reivindicado algum título ou cargo semelhante ao de Mao, visando evitar o culto de sua personalidade. Almejou, antes de tudo, reformas econômicas para aumentar a qualidade de vida do cidadão chinês. Procedeu, aos improvisos, autorizando pequenas atividades locais no setor agrícola. Em 1979, após uma seca, decidiu tolerar a compra de produtores com base no preço de demanda do mercado. Apesar de ter recebido críticas dos membros do PCC local, o experimento deu certo ao revigorar a atividade agrícola. As comunas foram, então, gradativamente deixadas de lado, e concentrou-se no incentivo ao plantador de vender o seu produto a ser demandado pelo mercado. No geral, a produção de grãos na China em 1978, 304 milhões de toneladas, passou para 407 milhões em 1984, numa taxa de crescimento de 4,8% anuais comparados com 2,4% anuais entre 1952 e 1978⁷⁵.

75. LIN, Justin Yifu. Rural Reforms and Agricultural Growth in China. Disponível em: <<http://economics.lse.ac.uk/courses/ec307/L/lin.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

As reformas industriais foram um desafio maior. As lideranças chinesas ficaram relutantes em despejar a mão de obra empregada nas fábricas estatais no mercado. Foi mais fácil permitir a abertura de novas empresas fora do âmbito estatal. Decorridos alguns anos, por volta de 1992, a China já se apresentava como uma economia de mercado e, em 1997, 25 milhões de trabalhadores saíram de empresas estatais em busca de melhores salários no mercado. No início do século 21, o perfil do país foi assim caracterizado por um analista do *Financial Times*: “a China hoje é muito menos socialista do que qualquer país na Europa”⁷⁶.

Para os comunistas ortodoxos, alguma forma de propriedade estatal dos meios de produção era considerada fundamental. E isso implicou algum gerenciamento centralizado da economia. Deng era caracteristicamente um pragmatista e estava aberto aos experimentos estratégicos diante do pífio desempenho histórico da economia chinesa ao longo do século 20. As forças de mercado foram promovidas na China, na busca por lucros, e até Bolsas de Valores foram toleradas, mas o comando político ainda permaneceu nas mãos do PCC.

O interesse ideológico pelo marxismo gradualmente foi se deteriorando após a morte de Mao. Mas em vez das forças de mercado do capitalismo serem consideradas como vitoriosas em cima do fracasso do passado, as novas instituições, costumes e expectativas se ergueram em bases preexistentes do período comunista. Muitos dos novos arranha-céus de Xangai, por exemplo, foram construídos por investidores de Hong Kong que arrendaram os terrenos do governo municipal, que ainda conserva a sua propriedade. E talvez o caso mais emblemático: um terço de todo empreendimento privado na China pertence a membros do PCC⁷⁷.

Em termos de crescimento econômico, as reformas de mercado desde 1978 foram notavelmente bem-sucedidas. Apesar de a maioria da população chinesa ser considerada pobre pelos padrões das economias mais desenvolvidas, por volta de 400 milhões de chineses saíram da condição de miséria e a estrutura das grandes cidades do país foi transformada em pouco tempo. Em fins do século 20, a China tinha mais aparelhos de televisão do que qualquer outro país no mundo. No início do século seguinte, era a China que tinha o maior número de telefones celulares e o maior número de usuários de Internet. Em 2008, a China ultrapassou os EUA e

76. KYNGE, J. *China Shakes the World: A Titan's Rise and Troubled Future – and the Challenge for America*. Boston: Houghton Mifflin, 2006. p. 99.

77. GORE, Lance. *The Chinese Communist Party and China's Capitalist Revolution: the political impact of market*. Abingdon, Oxon: Routledge, 2011. p. 65.

se tornou o maior mercado de automóveis e o terceiro maior mercado de artigos de luxo do globo terrestre⁷⁸.

É, portanto, um enorme paradoxo o fato de um dos regimes comunistas remanescentes no mundo apresentar sinais vigorosos de uma economia de mercado. A explicação, obviamente, é que a China não é essencialmente comunista no sentido estrito do termo. As razões para o seu crescimento econômico se deram mais por um afrouxamento do controle central; um foco obsessivo generalizado no crescimento econômico e lucro; uma larga oferta de mão de obra barata e qualificada; e generosos investimentos estrangeiros, implicando uma crucial abertura ao mercado e capital internacionais⁷⁹. Se, na era de Mao, as humilhações do passado influenciaram as decisões rumo ao fechamento do país em termos isolacionistas e autosuficientes, na era de Deng a China abriu-se para as oportunidades de uma economia voltada para a exportação e investimento internacional.

A abertura trouxe não apenas novos investimentos, mas também novas ideias. A ciência ocidental foi adotada entusiasticamente pelas universidades chinesas na era pós-Mao, promovendo uma geração de tecnocratas em que a maioria dos líderes dentro do PCC teve alguma formação universitária em cursos nas áreas de engenharia e de ciências naturais com grades curriculares com forte teor de pesquisas e métodos ocidentais. Caracteristicamente, no começo do século 21, todos os integrantes do mais alto comitê do PCC, o Comitê Permanente do Politburo, são engenheiros de formação.

Por outro lado, se o espetacular crescimento chinês desde Mao abriu uma nova era de oportunidades para alguns, para muitos a mudança tirou-lhes as garantias sociais do passado. A rápida urbanização criou uma grande classe de trabalhadores migrantes que comumente enfrentam discriminação e vivem em abjetas condições de moradia e trabalho. Bairros históricos e suas comunidades (*hutongs*, 胡同), como em Pequim, são destruídos para darem lugar à construção de amplas estradas, *shopping centers* e hotéis internacionais. Aos moradores, quase nunca devidamente indenizados, resta o deslocamento para a periferia e a precária inserção no mercado de trabalho, como taxistas, garçons, prostitutas e trabalhadores no mercado negro.

As mudanças econômicas também incitaram questionamentos políticos. Desde a ascensão de Deng à liderança do PCC, uma geração de

78. LAMPTON, D. M. *The Three Faces of Chinese Power: might, money and minds*. Berkeley: Univ. of California Press, 2008. p. 84.

79. *Ibid.*, p. 89.

reformistas ocupou cargos nacionais para desenharem uma nova estratégia nacional. Na década de 1980, um desses líderes, Hu Yaobang (1915–1989), foi designado como sucessor de Deng e, como Secretário-Geral do PCC, ocupava o maior cargo político oficial do país. Em 1987, Hu Yaobang começou a ser acusado por membros linha-dura de ser complacente demais com as demonstrações estudantis sob influência de ideias consideradas “burguesas e liberais”, e Hu foi destituído do seu cargo. Outro reformista e *protégé* de Deng, contudo, ocupou o cargo, Zhao Ziyang (1919–2005), e uma nova tentativa de intervenção linha-dura provou ser desastrosa dessa vez.

Na manhã de 15 de abril de 1989, Hu Yaobang morreu no hospital em decorrência de um infarto cardíaco. Mais tarde, no mesmo dia, estudantes em luto começaram a se agregar nas ruas e praças de Pequim. Com o passar dos dias, estimados 200 mil estudantes e protestantes se aglomeraram na Praça de Tiananmen. Suas vozes e protestos continuaram mesmo depois do funeral e clamores por reformas políticas a complementar as reformas econômicas foram cada vez mais manifestadas. Como expressou um verso anônimo escrito em cartazes nos protestos: “aqueles que deveriam ter morrido vivem; aqueles que deveriam ter vivido morreram”⁸⁰.

Um editorial do jornal oficial, o Diário do Povo (人民日报), em 26 de abril de 1989, ameaçou os estudantes com duras represálias em caso de continuação dos protestos, e os protestantes responderam com desafio. No dia seguinte, uma grande marcha estudantil partiu dos *campi* universitários nos subúrbios a noroeste de Pequim e os estudantes prosseguiram rompendo as barricadas policiais, celebrados pelos espectadores no local. Ao mesmo tempo, na Praça Tiananmen, ocorreram eventos de comemoração de aniversário dos setenta anos das demonstrações do Movimento Quatro de Maio, famosa ocasião que simbolizou o questionamento estudantil e intelectual das decisões do Tratado de Versalhes, que pôs termo à Primeira Guerra Mundial em 1919. Em 13 de maio, ocupações estudantis permanentes começaram a aparecer na referida praça manifestando-se com greves de fome.

Tais demonstrações de protesto já teriam seu significado num contexto de mudança histórica da China, mas seu efeito foi amplificado por coincidir com o primeiro encontro de cúpula entre soviéticos e chineses após três décadas. Em 16 de maio, Mikhail Gorbachev, Secretário-Geral do

80. MINZHU, Han [pseudônimo] (Ed.). *Cries for Democracy: Writings and Speeches from the 1989 Chinese Democracy Movement*. Princeton Univ. Press, 1990. p. 6.

Partido Comunista da União Soviética, em Pequim foi perseguido e inundado por milhares de jornalistas estrangeiros na ocasião. Como resultado, as demonstrações estudantis na Praça Tiananmen foram o assunto mais coberto na história da China comunista — pelo menos até as Olimpíadas de Pequim de 2008. Em 17 de maio, havia cerca de um milhão de protestantes e sua presença ofuscou o histórico encontro sino-soviético.

No dia 18 de maio, Zhao Ziyang resolveu visitar os estudantes em greve de fome e assegurou-lhes que os objetivos do PCC eram os mesmos dos protestos. Ao mesmo tempo, Deng, pressionado por membros linha-dura, tomou decisão de intervir nas manifestações na capital. Depois do fim da Cúpula Sino-Soviética, as transmissões ao vivo por satélite das manifestações foram proibidas e, em 20 de maio, foi declarada lei marcial. Um ultimato foi dado aos estudantes: dispersem imediatamente ou serão movidos pela força. Quando tropas se movimentaram em direção à Tiananmen, encontraram barreiras humanas e barricadas por cidadãos pequineses. Resultou desse primeiro encontro a volta da ofensiva militar diante dos protestantes.

Muitos no PCC viram com certa simpatia as manifestações estudantis. Há rumores de que até 800 mil membros do PCC participaram ativamente das manifestações nas 123 cidades chinesas em 1989. Os simpatizantes incluíram altos membros do partido, com o aval do próprio Secretário-Geral, Zhao Ziyang. Para tanto, Zhao não compareceu às reuniões em que foi decretada a lei marcial. Em 25 de maio, o *Premier* foi destituído do ofício e colocado em prisão residencial até a sua morte em 2005⁸¹.

Os clamores em 1989 incluíram, especialmente, críticas cada vez mais amplas contra a corrupção governamental, decisões arbitrárias de dirigentes e juízes, o limite ao direito de expressão e a frustração diante das reformas em termos políticos. Havia também motivações não tão nobres, de graduados universitários com empregos públicos que viam seus ganhos salariais em defasagem, em comparação os vultosos rendimentos da nova classe empresarial do mercado chinês, muitos sem qualquer formação acadêmica⁸². Os símbolos adotados nas manifestações em 1989 reviveram o espírito de Quatro de Maio de 1919, na sua fascinação aos ícones ocidentais, como a adoção da “Deusa da Democracia”, que foi erguida em Tiananmen, inspirada pela Estátua da Liberdade dos EUA. Um dos cartazes proclamava “dê-me liberdade ou dê-me morte”, uma alusão clara aos princípios da Revolução de Independência dos EUA.

81. PU, Bao; CHIANG, R.; IGNATIUS, A. (Eds.). *Prisoner of the State: the secret journal of Zhao Ziyang*. New York: Simon & Schuster, 2009.

82. FEIGON, L. *China Raising; the meaning of Tiananmen*. Chicago: Ivan R. Dee, 1990. p. 110.

Diante desse cenário, os dirigentes comunistas chineses, com olhos atentos aos eventos no Leste Europeu, que caminhava para uma transição pós-soviética em 1989, junto com o aval de Deng (que, apesar de ser pragmático, conservava uma admiração leal ao PCC), decidiram intervir decisivamente contra as manifestações visando manter o controle do poder. Em quatro de junho, milhares de tropas de combate da 27ª Divisão do Exército vieram de fora de Pequim e com eles tanques e carros blindados se dirigiram durante a madrugada à Tiananmen. Por volta de uma hora da manhã, a estátua da “Deusa da Democracia” foi derrubada e, por volta de 04h30min da manhã, os estudantes remanescentes na praça foram retirados. Nesse avanço, estimadas centenas, talvez milhares, de pessoas foram feridas e mortas. Tanques e carros blindados patrulharam as ruas da capital após a intervenção a evitar um maior conflito civil.

Três dias depois, a cúpula do PCC decidiu expurgar dentro do quadro do partido elementos “contrarrevolucionários”, simpatizantes das manifestações de 1989. O *status quo* dominado pelo PCC permaneceu desde então. Líderes estudantis e manifestantes foram perseguidos e permaneceram vigiados até os dias de hoje. Qualquer manifestação, expressão ou escrita a respeito dos eventos de 1989 é terminantemente proibida pelo PCC até a atualidade, podendo resultar em demoradas sessões de interrogatórios, detenção e deportação do país. Por outro lado, diante dos avanços econômicos desde 1978, o partido permanece incontestemente no poder, visto por muitos como o responsável pela prosperidade econômica. Em 2008, uma pesquisa da *Pew Research Center* chegou à conclusão de que a satisfação chinesa era uma das mais altas do mundo, com 86% da população expressando satisfação com a direção nacional⁸³.

A China, hoje, decorridas décadas de considerável crescimento de seu setor produtivo, encara problemas prementes que poderão resultar num cataclismo maior. Os problemas maiores são o esgotamento dos seus recursos naturais, a crescente desigualdade econômica e a corrupção endêmica. Talvez o ponto mais crítico seja a oferta cada vez mais precária dos seus recursos hídricos, principalmente na árida região norte do país, em que a água está se tornando escassa. No geral, a rápida industrialização chinesa acarretou sérias consequências para o meio ambiente. Pequim, localizado perto dos ventos áridos do norte e rodeada por cadeia de montanhas, guarda uma péssima fama da qualidade do seu ar em determinados meses do ano. Decorre isso do seu característico ar seco,

83. THE PEW GLOBAL PROJECT ATTITUDES. The 2008 Pew Global Attitudes Survey in China. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/files/pdf/261.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

agravado com a emissão de duzentas usinas de energia movidas a carvão na região e com uma frota estimada em cinco milhões de carros. Em janeiro de 2013, a sua qualidade do ar foi comparada a uma área reservada para fumantes, com 900 partes de partículas por milhão menores que 2,5 milímetros, quarenta vezes o recomendado pela Organização Mundial da Saúde⁸⁴. Visando reverter esse quadro, a China é hoje o maior investidor em fontes de energia ecologicamente corretas no mundo.

A Índia de Nehru e Além

Quando a Índia se tornou independente em agosto de 1947, uma série de desafios ainda estava a ser resolvida. O mais grave deles referia-se a como adequar a unidade de um país com imensa diversidade étnica e cultural. No processo de emancipação, a maioria dos hindus agremiou-se em torno do partido do Congresso Nacional Indiano (CNI), principal porta-voz da autonomia indiana frente às autoridades britânicas. Mas a numerosa comunidade muçulmana desconfiava dessa associação, temendo pela sua vida numa Índia independente.

Entre os partidos muçulmanos no pleito de independência indiana destacou-se a figura de Mohammad Ali Jinnah (1876–1948), advogado de formação clássica britânica, natural da cidade portuária de Carachi, atual Paquistão. Referido pelos paquistaneses hoje como “Pai da Nação” (*Baba-e-Qaum*, em urdu), Jinnah iniciou sua vida política dentro do CNI, inspirado por Gandhi, e atuou junto com Jawaharlal Nehru (1889–1964). Mas, em 1920, após desavenças com outros partidários, resolveu resguardar os direitos dos muçulmanos na Índia Britânica⁸⁵.

Por volta de 1940, Jinnah constatando o avanço no processo de autonomia negociada da Índia, resolveu apoiar uma política de criação de um Estado muçulmano em regiões onde eram maioria, conforme se expressou na Declaração de Lahore. Após a Segunda Guerra Mundial, Jinnah rompeu qualquer compromisso de unidade indiana sonhada por Gandhi e, em 14 de agosto de 1947, se tornou o primeiro presidente do Paquistão independente. A Índia atravessava o que se convencionou chamar de

84. THE ECONOMIST. China and the environment – the East is grey. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/briefing/21583245-china-worlds-worst-polluter-largest-investor-green-energy-its-rise-will-have>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

85. A Índia Britânica ou o “Raj Britânico” era uma ampla estrutura política federativa de províncias e presidências governadas pelos britânicos e de principados sob sua suserania que incluía o que hoje é a Índia, Paquistão, Bangladesh e Mianmar.

a “Partição”. Como resultado desse processo, seis milhões de muçulmanos indianos se deslocaram ao Paquistão, fugindo por medo de represálias e arbitrariedades. Pelo outro lado, milhões de paquistaneses não muçulmanos, muitos deles *sikhs*, procuraram refúgio na região noroeste indiana atual do Punjab. Ao todo, estimados 14 milhões de muçulmanos, hindus e *sikhs* foram deslocados, consistindo na maior migração forçada da história⁸⁶.

MAPA 21: A Partição da Índia, 1947.



86. UNITED NATION HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). The State of the World's Refugees 2000: Fifty Years of Humanitarian Action – Chapter 3: Rupture in South Asia.

Na Índia, após a independência em 15 de agosto de 1947, permaneceram problemas de integração política. Os chamados “Estados principescos” ou principados indianos, mais de 500 deles, permaneceram com ampla autonomia política interna acordada com as autoridades britânicas antes da independência. Cada um deles deveria ser convencido a se juntar à unidade do novo país. O caso da Caxemira provou ser especialmente problemático. O nó górdio apresentou-se nos eventos da independência, ocasião em que foi reconhecido, no artigo 370 da constituição indiana, um *status* especial da região. O regente da Caxemira à época, o marajá hindu Hari Singh, governava sobre uma população de maioria muçulmana. O Paquistão independente almejou, com isso, controlar toda a província, instigando e equipando os locais para uma eventual secessão. Os conflitos, inicialmente, se estenderam até 1948, quando foi acordada no âmbito da ONU a realização de um plebiscito na região, algo que permanece contestado pelos dois países até hoje.

Ao problema da desunião política e da diversidade cultural assomou-se o problema dos direitos tradicionais das castas na sociedade hindu. Os mais tradicionais e ortodoxos, como nos partidários da *Rashtriya Swayamsevak Sangh* (RSS, “Organização Patriótica Nacional” em híndi) almejaram criar um Estado hinduísta, a respeitar as leis dos Vedas, dos costumes e das castas separadas, algo essencialmente problemático para se adequar numa sociedade democrática laica.

E havia o problema do desenvolvimento em um país no qual, em 1947, a maioria dos indianos vivia em aldeias agrícolas no interior, dependentes do regime das monções para o cultivo e criação de gado. Estava claro, portanto, que havia necessidade de amplas políticas industriais e urbanas a serem feitas na Índia após a sua independência. Em 1950, foi criada uma Comissão de Planejamento visando um plano adequado de desenvolvimento. Houve, neste, um amplo entendimento do que ficou conhecido como uma adoção de “economia mista”, em que o Estado e as iniciativas privadas desempenhariam funções complementares para aumentar a produção e os empregos no país. A Comissão definiria até que ponto o governo e as empresas deveriam participar dos empreendimentos em conjunto. Em 1956, foi elaborado um plano quinquenal para enfatizar o desenvolvimento da indústria de base, como o aço, e a construção de grandes usinas hidrelétricas.

Uma das mais cruciais realizações políticas da Índia foi a adoção de uma constituição democrática universal, elaborada e escrita entre dezembro de 1946 e novembro de 1949. Nos encontros da Assembleia Constituinte, as várias tendências centrífugas da nação foram manifestadas

e negociadas. Ao final, foi bem-sucedido um caráter plural e laico do Estado, de modo a respeitar a diversidade linguística e cultural do país. Por um período de adaptação de quinze anos, a língua oficial do governo seria o inglês, para depois também ser adotado como língua nacional do Estado o híndi, no alfabeto devanágari⁸⁷. A resistência em adotar apenas duas línguas oficiais provocou uma onda de indignação entre os indianos, principalmente os de regiões com longa tradição literária própria, como o tâmil, malaiala, télugo e canará⁸⁸. Falando na Assembleia, o deputado de Madras, atual Chennai na província de Tamil Nadu, T. T. Krishnamachari, chegou a ameaçar em sessão plenária a separação da região sul do resto do país. Por fim, decidiu-se, na parte XVII da constituição indiana⁸⁹, reconhecer mais de vinte línguas oficiais regionais⁹⁰. O episódio serviu, pois, de testemunho da longa e diversificada história indiana.

Talvez o mais notório contribuinte para a construção de uma constituição democrática e universal foi o Dr. B. R. Ambedkar (1891–1956), presidente do Comitê de Redação da Constituição. Na sua fala final à Assembleia Constituinte, Ambedkar enfatizou que a democracia política deve vir acompanhada por uma democracia social e econômica. Foi de sua responsabilidade a remoção de qualquer empecilho de desigualdade entre indianos de classes sociais e castas diferentes. Foram reconhecidos seus esforços universalistas de incorporar na participação política minorias historicamente excluídas no país, entre eles mulheres e *dalits* (casta dos intocáveis).

Em termos políticos, a Índia de 1952 e 1964 foi dominada pelo CNI na liderança parlamentar de Nehru. Seu governo, no âmbito interno, caracterizou-se fundamentalmente por assegurar a unidade nacional, passando a gerir a incorporação de principados autônomos anteriores à independência, a estender os direitos políticos e sociais a minorias indianas excluídas, a criar instituições de ensino básico e superior pela nação, a promover uma inicial industrialização nacional e uma política central planejada.

87. Escrita de origem sânscrita e brâmica, da família indo-europeia, evidente desde os Éditos de Asoka do século III a.C. O alfabeto devanágari é adotado oficialmente hoje na Índia e Nepal e amplamente usado no sul e sudeste da Ásia, além da comunidade hindu e budista mundial.

88. Línguas de origem dravidiana de origem não sânscrita faladas e escritas no centro e sul da Índia e Sri Lanka.

89. THE CONSTITUTION OF INDIA. Disponível em: <<http://india.gov.in/my-government/constitution-india/constitution-india-full-text>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

90. Assamês, bengali, bodo, canará, caxemira, concani, dogri, guzerate, maithili, malaiala, manipuri, marata, nepali, oriá, panjabi, sânscrito, santali, sindi, tâmil, télugo e urdu, além de outras línguas regionais que eram faladas, mas não reconhecidas como oficiais pelo Estado da Índia.

Na política externa, nas décadas de 1950 e 1960, dentro do contexto da Guerra Fria, Nehru decidiu aliar-se a uma postura independente frente aos EUA e à URSS, juntando-se com o Egito, Iugoslávia, Indonésia e Gana no Movimento dos Países Não Alinhados desde 1955. Foi adotada uma postura independente e crítica com relação à criação de Israel na Palestina e com a invasão de britânicos, franceses e israelenses na Península do Sinai em 1956. Contudo, a invasão chinesa ao Tibete e a supressão dos movimentos estudantis na Hungria em 1956 não foram condenados por Nehru, demonstrando certo viés com relação a Moscou e Pequim. Com relação ao Paquistão, Nehru empreendeu conflitos armados em 1947, capturando 60% da província de Caxemira e Jannu e perdendo o restante ao país vizinho. Em 1961, invadiu e incorporou a colônia portuguesa na cidade de Goa, e no ano seguinte entrou em conflito de fronteira com a China na região dos Himalaias, o que deixou indefinidas até os dias atuais as remotas regiões de Aksai Chin a oeste e Arunachal Pradesh a leste.

Nehru morreu em 1964 e sucedeu-o Lal Shastri brevemente como primeiro-ministro. Os conflitos com o Paquistão voltaram em 1965, sem desfecho de fronteira. Em 1966, Indira Gandhi (1917–1984), filha de Nehru, subiu ao poder. Durante seu governo, houve crescente inflação e desaceleração do crescimento econômico indiano e forte desvalorização da rúpia indiana. Diante dos crescentes protestos nacionais, dos partidos de oposição e de movimentos de secessão dentro da unidade indiana, como em Nagaland, Indira polemicamente decretou Estado de Emergência em 1975. Com relação ao Paquistão, foi no governo de Indira que houve levantes significativos no Paquistão Oriental (hoje Bangladesh), na foz do rio Ganges, resultando em intensa guerra civil e discreta ajuda indiana à separação do país em 1971, conferindo-lhe grande popularidade.

O partido do CNI não conseguiu assegurar-se no poder em 1977, voltando Indira à proeminência política entre 1980 até o seu assassinato em 1984. Houve, nesse íterim, manifestações de independência na Índia entre os *sikhs* no Punjab e levantes populares na afastada região a leste de Assam. O CNI escolheu como líder seu filho, Rajiv Gandhi, em 1984. Este iniciou, gradativamente, uma série de reformas liberalizantes da economia indiana, com a tendência de aproximação com Washington. Em 1991, Rajiv foi assassinado em Tamil Nadu, no sul indiano, por uma bomba detonada por separatistas tâmeis do Sri Lanka.

No pós-Guerra Fria, a Índia conseguiu conservar-se como a maior democracia no mundo desde a sua independência. Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, o governo dos EUA buscou alianças com os governos indiano e paquistanês visando coibir organizações

terroristas na região. Em 2004, Manmohan Singh do CNI, um *sikh punjabi*, subiu ao poder sinalizando acordos de integração com o Paquistão e a parcial retirada de tropas indianas da Caxemira. Em 2014, o partido Bharatiya Janata (BJP), de origens pró-hinduístas, sob Narendra Modi, ganhou maioria parlamentar e ambicionava estreitar laços asiáticos com a China e países da região.

Apesar da sua democracia sustentada, o cenário contemporâneo na Índia permanece conflitivo em termos latentes em quatro eixos principais⁹¹. Um primeiro eixo é o sistema de castas (*varnas*), forma identitária de muitos indianos, principalmente no meio rural, que pode obstaculizar a plena participação política e igualdade na sociedade. O segundo eixo é a linguagem. A língua híndi consiste na língua mais falada no país, com 400 milhões de falantes. Mas há uma plethora de outras, como télugo, tâmil, malaiala, bengali etc., que contam com alfabeto próprio e uma longa tradição literária. Resulta num desafio indiano manter coesão cultural diante de tal diversidade. O terceiro eixo é a religião, sendo que a 80% da população indiana declaram-se como hindus e têm a segunda maior comunidade muçulmana do mundo, por volta de 140 milhões, 13% da população, ficando atrás apenas da Indonésia⁹². Ademais, há significativa comunidade de cristãos, *sikhs*, budistas e jainistas. Como a fé consiste num pilar fundamental de identidade humana, permanecem latentes as diferenças nesses termos em situações de crise no país. Por último, temos as classes socioeconômicas. Há imensa disparidade nesse sentido na Índia, com alguns empresários fabulosamente ricos em contraste com 26% da população, 300 milhões de pessoas, vivendo abaixo da linha de pobreza, um potencial perigoso que pode servir de conflitos e mudanças políticas futuras.

A leste da Índia, no atual Mianmar, a tendência à desagregação em bases étnicas no país resultou em 1962 num governo militar do General Ne Win por 26 anos. Em 1988, depois de décadas de ambiente ditatorial e repressão às expressões políticas, houve manifestações pelo país que foram duramente reprimidas e foi decretada lei marcial. Em 1990, foram realizadas as primeiras eleições democráticas do país e o partido da Liga Nacional pela Democracia (LND) de Aung San Suu Kyi (1945–presente), filha de Aung San, ganhou 81% dos assentos parlamentares, mas os

91. GUHA, Ramachandra. *India after Gandhi* – the history of the world's largest democracy. London: Macmillan, 2007. p. xix.

92. THE REGISTRAR GENERAL & CENSUS COMMISSIONER, INDIA, MINISTRY OF HOME AFFAIRS, GOVERNMENT OF INDIA. Census of India: Religious Composition. Nova Délhi, 2001. Disponível em: <<http://goo.gl/7ZPfdR>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

resultados foram condenados e revertidos pela junta militar no poder⁹³. Em 1997, Mianmar ensaiou uma gradual abertura ao exterior, integrando a Associação dos Países do Sudeste Asiático (Asean, em inglês), e um tímido rumo à democracia com a saída da junta militar do poder em 2011. Entretanto, Aung San Suu Kyi, principal porta-voz da oposição e líder da LND, que permaneceu 15 anos aprisionada entre 1989 e 2010, ainda é impedida de se candidatar à presidência.

A Longa Guerra do Vietnã

No dia 30 de agosto de 1945, Ho Chi Minh chegou a Hanói para proclamar a independência da República Democrática do Vietnã. Diante de meio milhão de vietnamitas na Praça Ba Dinh, Ho anunciou que “todos os homens são criados iguais e todos são dotados de direitos inalienáveis, entre eles a vida, a liberdade e a busca pela felicidade”, ecoando as palavras de Thomas Jefferson na Declaração de Independência dos Estados Unidos da América.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo francês do almirante Decoux na Indochina colaborou com as forças do Eixo⁹⁴. Os japoneses usaram os portos e suprimentos indochineses para seu avanço rumo às possessões britânicas na península Malaia e Cingapura. Com a França libertada em março de 1945 do jugo nazista, os japoneses removeram Decoux do poder e o imperador vietnamita Bao Dai (1913–1997) foi colocado no trono na cidade imperial de Hué e um gabinete de ministros francófilos em Hanói. Essa instalação política provou ser bastante impopular entre a população vietnamita com esperanças de liberdade colonial. As forças no interior do país, entre elas a principal, a Liga Para a Independência do Vietnã (*Viet Minh*), gradualmente se instalaram entre as comunidades rurais e contaram com certo apoio inicial dos aliados americanos no seu esforço de combate aos japoneses em 1945.

Bao Dai foi forçado a abdicar do trono em 25 de agosto de 1945. As forças comunistas do *Viet Minh* conseguiram capturar Hanói com apenas mil homens, mas no sul as tentativas de controle comunista foram mais problemáticas pois eram mais desarticuladas entre facções rivais e careciam de uma figura de liderança como Ho Chi Minh. A cidade de

93. ASEAN INTER-PARLIAMENTARY MYANMAR CAUCUS (AIPMC). The 1990 Elections in Myanmar – 15 years waiting.

94. Aliança anticomunista e antiliberal formada antes da Segunda Guerra Mundial entre a Alemanha, Itália, Japão e outros aliados.

Saigon, atual Cidade de Ho Chi Minh, entrou em caos entre forças rivais a controlar a região, entre comunistas, britânicos, franceses e vietnamitas anticomunistas.

No norte, contudo, o sucesso comunista foi notável. Sua força e resiliência basearam-se fundamentalmente no apoio de camponeses rurais, estratégia elaborada desde cedo por Ho Chi Minh e pelo seu general Vo Nguyen Giap (1911–2013). Este último foi talvez a melhor personificação das táticas maoístas adaptadas ao meio rural vietnamita, na sua ênfase no ensino das doutrinas políticas nas comunidades rurais. Dentro de apenas um ano, a organização militar do *Viet Minh*, o Exército de Libertação Popular (ELP) cresceu para 10 mil membros, com ativa participação feminina.

Na derrota dos japoneses, vieram a indefinição dos EUA com relação ao país, mais focados na China ao norte e a intransigência francesa em mudar sua postura colonial. O General Leclerc retomou e governou Saigon com a ajuda britânica a partir de 1945, mas o interior era dominado pelo *Vietn Minh*. Ademais, no norte vietnamita, o ELP aumentava sua força com o suprimento de armas e munições de comunistas chineses advindos da fronteira norte, e também do que tinham capturado combatendo os japoneses. Em dezembro de 1946, os vietnamitas do norte já possuíam 4500 metralhadoras, 40 mil rifles e 60 mil soldados⁹⁵.

Ho tentou negociar autonomia do norte vietnamita frente à Indochina, pois sabia que com a independência do norte inevitavelmente a nação vietnamita iria seguir-lhe mais cedo ou mais tarde. O governo francês, por sua parte, objetivando maior barganha, decidiu mandar, no início de 1946, tropas que desembarcaram em Haiphong, no litoral próximo a Hanói. As negociações entre as partes se iniciaram em 16 de março de 1946, ao tempo em que Giap incrementou as tropas da ELP no norte e no sul do país. Ho apresentou-se como o lado suave e carismático dos rebeldes frente aos franceses na mesa negociadora.

O fagulho que iniciou os conflitos entre as partes adveio de um desentendimento sobre o confisco de óleo de motor no porto de Haiphong. Na resistência contra as tropas francesas, 20 soldados franceses foram mortos em 20 de novembro de 1946. A resposta francesa foi brutal. Bombardeios navais e subsequente invasão terrestre na região resultaram em seis mil vietnamitas mortos, principalmente civis. Concomitantemente, o exército francês desembarcou o seu batalhão da Legião Estrangeira em Da Nang, ao norte do Paralelo 16. Em 19 de dezembro, o General Morlière

95. ALPHA HISTORY. The First Indochina War. Disponível em: <<http://alphahistory.com/vietnam/first-indochina-war/>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

apresentou a Ho um ultimato demandando completo desarmamento de suas forças em Hanói. A recusa às exigências resultou em duros combates. Dentre dois meses, Hanói foi ocupada pelos franceses. O *Viet Minh* recuou para o interior e deu início a uma campanha de guerrilha no interior.

Enquanto isso, a França prosseguiu na construção política do país. Chamaram de volta o imperador Bao Dai que, em julho de 1949, decretou o estabelecimento do Estado do Vietnã. Pensava-se que com isso, a unidade vietnamita iria se consolidar, com o tempo, em torno da figura imperial. Mas a ficção francesa de autonomia não convenceu a população vietnamita, pois os soldados franceses não pararam de chegar e patrulhar o interior do país e as ruas das cidades. Perceberam que Bao Dai consistia mais em um testa de ferro.

As forças do *Viet Minh* ganharam notável alento e apoio com a ascensão de Mao ao poder na China em outubro de 1949, ocasião em que o governo comunista do norte do Vietnã foi reconhecido pelas autoridades em Pequim. Os conflitos contra os franceses se prolongaram em uma situação de desgaste nos conflitos com guerrilhas no interior e atos de terrorismo e sabotagem nas grandes cidades. Até 1951, as forças francesas já apresentavam sinais de falta de suprimentos e equipamentos, apesar da ajuda fornecida pelos EUA a partir de 1953. Havia também uma carência de tropas francesas motivadas e bem treinadas. Mesmo a Legião Estrangeira consistia em boa parte de alemães novatos nos conflitos, além de carabineiros senegaleses (*tirailleurs sénégalais*) recrutados que tinham dificuldade na adaptação ao clima e topografia local. Ademais, havia crescente indecisão política em Paris sobre o andamento dos conflitos e crescente impopularidade da sua sociedade capitaneada pelo Partido Comunista Francês.

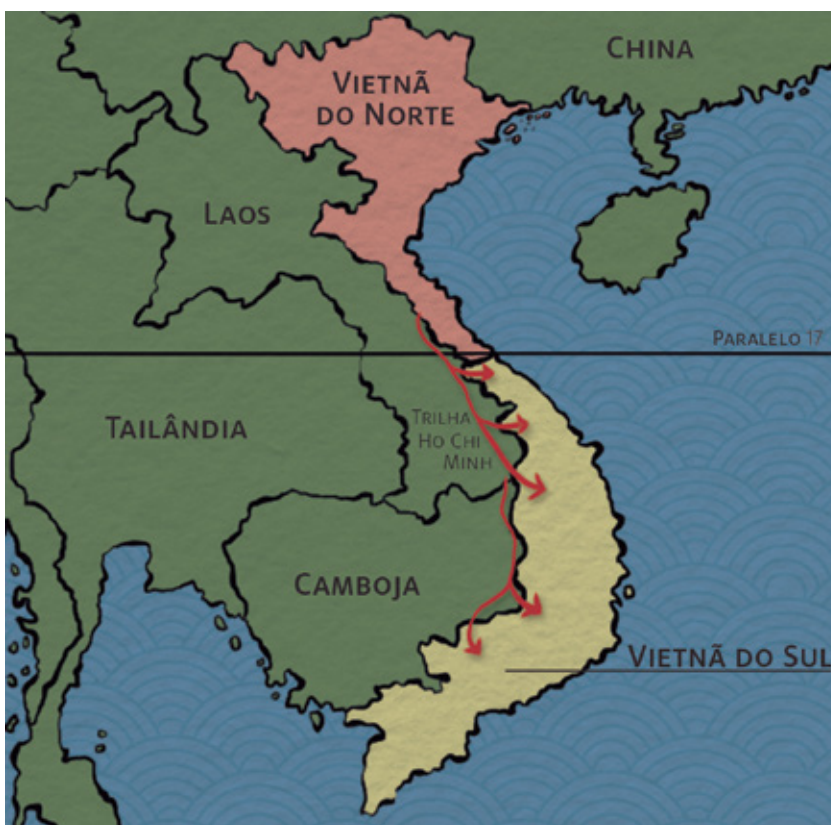
Foi na vila de Dien Bien Phu, a 16 quilômetros do Laos, que os derradeiros conflitos se deram. As forças francesas lideradas por Navarre se entrincheiraram em uma séria de fortificações, e organizadas em três grandes bastiões. O plano de Navarre era expulsar as forças circundantes de Giap com o uso de artilharia pesada e intenso bombardeio aéreo fornecido pelos EUA. Pensavam que o inóspito terreno em torno impossibilitaria as forças da ELP de Giap no fornecimento sustentado de suprimentos, armamentos e munições ao longo do tempo de combate, o que se revelou fatal, pois Giap conseguiu manter uma linha adequada de suprimento de suas guerrilhas, apoiadas pelo superior conhecimento do terreno e com a ajuda dos camponeses locais. Além disso, o próprio fornecimento aéreo dos franceses foi dificultado pela destruição de pistas de pouso no local. Os bombardeios aéreos aliados aos franceses, apesar de superiores, não conseguiram identificar os locais de resistência da ELP.

Atuando principalmente pela noite, as forças de Giap buscaram ilhar os franceses, provocando um terror psicológico. Com o tempo, os americanos começaram a rever sua estratégia de apoio aos franceses, pois desconfiaram de suas pretensões colonialistas e visaram garantir a independência vietnamita para se ter um bastião futuro contra o avanço comunista no Sudeste Asiático.

A derrota, portanto, dos franceses era apenas questão de tempo em 1953. Em sete de maio, as forças do *Viet Minh* renderam as defesas do bastião “Eliane” dos franceses na vila. Nove mil franceses sobreviventes, de um total inicial de 15 mil, se entregaram aos vietnamitas rebeldes contando com mais de 50 mil combatentes. Durante quatro meses de cativeiro, metade dos prisioneiros franceses morreu ou desapareceu, além de muitos terem sofrido com malária, disenteria e leptospirose. Em Paris, o desespero tomou conta. Os programas de rádio foram cancelados e tocaram o Réquiem de Berlioz. As pretensões francesas de um Império no Oriente foram extintas. Em oito anos de guerra, de 1946 a 1954, quase 94 mil franceses morreram, além de 76 mil feridos e 48 mil doentes. Em comparação, foi estimada a perda de meio milhão de civis e militares vietnamitas⁹⁶.

Para pôr termo aos combates, foram organizadas as reuniões na Conferência de Genebra iniciadas em 26 de abril de 1954. Os pontos de negociação incluíram essencialmente as linhas de trégua e a situação política do Vietnã no futuro. Em quatro de junho, o primeiro-ministro francês, Laniel, assinou acordos de independência com o Vietnã do Sul sob Bao Dai. Depois de alguns meses, o governo comunista do Vietnã do Norte, com o intermédio do ministro chinês Zhou Enlai, assinou um armistício concordando com uma linha divisória no Paralelo 17.

MAPA 22: O Vietnã do Norte e o do Sul.



96. LAROUSSE. Guerre d'Indochine (1940–1954). Disponível em: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/guerre_d_Indochine/124937>. Acesso em: 27 jun. 2015.

Nos encontros, somente os EUA se recusaram a assinar os acordos, pois o governo de Washington, sob a presidência de Eisenhower, estava determinado em deter o avanço do comunismo no Sudeste Asiático. Pois Washington ficou apavorado com o avanço comunista na Ásia após a China, Coreia do Norte e Vietnã do Norte. Com isso em vista, assinaram em 08 de setembro de 1954 o Pacto de Manila com a Grã-Bretanha, França, Austrália, Nova Zelândia, Paquistão, as Filipinas e a Tailândia, criando a Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTSA, ou Seato em inglês), o equivalente asiático da Otan.

Nos anos finais da década de 1950, forças comunistas de guerrilha no Vietnã do Sul, os vietcongues, começaram a ameaçar o *status* político da região. Apoiados e fornecidos pelo norte através de uma rede de trilhas conhecidas como a trilha Ho Chi Minh, a moral e apelo comunista foram amplificados pelo corrupto e repressivo governo sul-vietnamita, agora sob a presidência de Ngo Dinh Diem (1901–1963).

A catálise para um maior envolvimento dos EUA no Vietnã veio em agosto de 1964, quando supostamente um navio destróier americano foi torpedeado por navios norte-vietnamitas no Golfo de Tonquim. Como reação, o presidente Lyndon Johnson usou o episódio como justificativa para lançar ataques aéreos no norte do Vietnã. Em fins de 1964, havia 23 mil conselheiros militares norte-americanos no Vietnã.

Em fevereiro de 1965, com as dificuldades de avanço por parte do exército sul-vietnamita contra os vietcongues, os EUA decidiram lançar a “Operação Rolling Thunder”, uma campanha de bombardeio sustentado contra alvos no interior do norte vietnamita. Mas ficou rapidamente evidente que o poderio aéreo não seria suficiente para impedir as ações dos vietcongues no sul. Em julho, os EUA anunciaram a mobilização de cem mil soldados americanos, aliado a tropas australianas, neozelandesas, filipinas e tailandesas conforme acordado no Pacto de Manila. A estratégia era maior enfrentamento e atrito com as forças terrestres, visando minuar a capacidade ofensiva do oponente comunista.

Nos dois anos seguintes, batalhas significativas ocorreram principalmente em torno de Da Nang, no litoral central do Vietnã, contra bases comunistas. Mas, a despeito de grandes baixas, as forças vietcongues e do ELP continuaram perseverando, contando com o crucial sustento e suprimento de camponeses rurais em locais de difícil acesso. Visando atingir esses locais ermos, a Força Aérea dos EUA passou a lançar galões de herbicida tóxico, o Agente Laranja, sobre as folhagens da selva visando revelar os esconderijos das guerrilhas vietcongues. Além disso, o napalm, uma substância incendiária gelatinosa à base de gasolina,

foi amplamente usado para clarear a mata tropical vietnamita. No final de 1967, havia quase meio milhão de soldados americanos no Vietnã. A demorada campanha, as imagens dos conflitos e as crescentes baixas militares começaram a deflagrar protestos de setores mais críticos da sociedade americana.

O ponto de virada se deu em 1968, em 31 de janeiro, quando os vietcongues, com o apoio ativo do ELP, agora Exército Norte-Vietnamita, lançou uma ofensiva em larga escala durante o feriado vietnamita de Tet. Atacaram simultaneamente 40 cidades, incluindo Saigon, onde se encontrava a maior base americana. Dez dias depois, atacaram uma base americana na fronteira do Paralelo 17, desviando a atenção das forças estrangeiras. Mas as ofensivas comunistas, apesar de amplas, não conseguiram manter o domínio das bases conquistadas por muito tempo devido à clara superioridade bélica dos americanos em combate aberto.

A demorada campanha começou a minar o sustento político da presidência de Johnson nos EUA. Em março de 1968, o presidente desautorizou os bombardeios, sinalizando negociações de paz. Em novembro, as eleições americanas resultaram na vitória de Richard Nixon, eleito com promessas de uma retirada honrosa da guerra. Com isso em mente, Nixon anunciou a política de “vietnamização”, a treinar e equipar militares sul-vietnamitas visando reduzir e retirar as tropas americanas. Nos três anos seguintes, centenas de milhares de soldados norte-americanos foram mandados de volta para casa, reduzindo ainda mais a moral das tropas ainda no Vietnã do Sul. Casos de brutalidade perpetrados por militares dos EUA começaram a chegar ao público, como o de My Lai, em que foram massacrados mais de trezentos moradores do vilarejo confundidos com vietcongues em 16 de março de 1968.

Em 1969, Ho Chi Minh morre, e Le Duan o sucede na luta pela unificação do Vietnã. Em 1972, os comunistas vietnamitas lançaram uma nova campanha de ofensivas terrestres ao sul, contidos em parte pela força aérea dos EUA. As negociações entre as partes estavam em andamento desde 1969 em Paris, com eventuais reveses devido às campanhas de guerra e a troca de acusações. Ao final das conversas negociadas, em janeiro de 1973, um acordo de paz começou a ser esboçado entre os EUA e o Vietnã do Norte: as forças americanas retirar-se-iam do país e o Vietnã do Sul teria o direito de decidir seu próprio futuro político.

As últimas tropas americanas partiram em março de 1973, mas os embates ainda perduraram por alguns anos. Forças norte e sul-vietnamitas acusaram uns aos outros de desrespeitarem os termos de paz assinados. O apoio vindo dos EUA começou a decrescer e o governo do Vietnã

do Sul se tornou gradativamente mais fraco diante das ofensivas comunistas. Em março de 1975, Hanói decidiu avançar suas tropas pelo planalto central e costa oriental do Vietnã. Milhares de refugiados buscaram Saigon. Em 21 de abril, o presidente sul-vietnamita Nguyen Van Thien renunciou do seu cargo diante do crescente cerco do Exército Norte-Vietnamita com os vietcongues e fugiu para Taiwan. Seis dias depois, a cidade de Saigon estava totalmente sitiada e o restante pessoal diplomático e militar dos EUA começou um plano de fuga da cidade, ordenando a evacuação de sete mil americanos e sul-vietnamitas.

Em 29 de abril, os tanques do Exército Norte-Vietnamita entraram em Saigon e a cidade foi renomeada como Cidade de Ho Chi Minh. Centenas de milhares de sul-vietnamitas que se opuseram aos comunistas tentaram fugir de barco temendo represálias. Assim se encerraram os longos conflitos da Guerra do Vietnã. Ao todo, foi estimado entre um milhão e meio a três milhões e meio o número de mortos vietnamitas desde a década de 1950 até 1975⁹⁷.

MAPA 23: O Vietnã Atual.



97. DOYLE, Kevin. Vietnam, 40 years after the fall of Saigon. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2015/04/vietnam-40-years-fall-saigon-150429100025151.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

O Vietnã, desde então, passou a ser controlado pelo Partido Comunista do Vietnã. Após décadas de guerra sua economia estava devastada, mas sua fama foi amplificada após ter saído vitorioso contra as forças francesas e norte-americanas. Em 1982, no 5º Congresso do Partido, foram revistas as políticas de desenvolvimento do país, para enfatizar uma maior industrialização da economia e a qualidade de vida dos vietnamitas. Três anos depois, reformas dos preços das mercadorias foram decididas para permitir o livre funcionamento dos mecanismos regulatórios do mercado. Em agosto de 1986, foram anunciados no 6º Congresso medidas mais amplas para implementar uma economia de mercado com planejamento socialista (Đổi Mới)⁹⁸. O Vietnã começava a sair dos destroços de sua longa guerra rumo ao desenvolvimento.

Antes da retirada das tropas americanas por Nixon do Vietnã, o governo de Washington apoiou uma invasão sul-vietnamita ao vizinho Camboja com o objetivo de cortar a trilha Ho Chi Minh, principal meio de suprimentos para o *Viet Minh* e os vietcongues. O rei cambojano, Norodom Sihanouk (1922–2012), que tinha se posicionado de modo neutro sobre a guerra vizinha, foi logo deposto em 1970 pelo general Lon Nol (1913–1985), que permitiu a entrada das tropas sul-vietnamitas e os bombardeios norte-americanos na região oriental do Camboja.

Em 1973, a autoridade de Lon Nol foi gradativamente se restringindo com a crescente ação de guerrilhas esquerdistas na parte oriental do país, o Khmer Vermelho. Em 1975, com o fim da Guerra do Vietnã, os khmeristas partiram então para invadir as cidades, visando acabar com os partidários de Lon Nol, mandando-os para o campo sob as ordens do líder Pol Pot (1925–1998). Essa ampla empreitada resultou em um milhão e 700 mil mortos⁹⁹ e foi uma extremada expressão de repúdio às classes urbanas diante do duro sofrimento das guerrilhas de um interior arrasado e bombardeado. O regime khmerista caiu em 1978 com a invasão vietnamita comunista no Camboja e Laos. Os vietnamitas supervisionaram a política cambojana até a sua saída em 1989.

98. THANG, Bui Tat. *After the War: 25 Years of Economic Development in Vietnam*. Disponível em: <<http://www.nira.or.jp/past/publ/review/2000spring/06thang.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

99. TULLY, John. *A Short History of Cambodia – from empire to survival*. Crows Nest: Allen & Unwin, 2005. p. 182–183. Disponível em: <http://goo.gl/2HPyLu>. Acesso em: 27 jun. 2015.

O Japão após 1945

Depois de assinada a rendição do Japão a bordo do navio USS Missouri, a sociedade japonesa estava ansiosa e incerta sobre a vinda de um exército estrangeiro de ocupação no país. Muitos japoneses estavam aliviados com o fim dos conflitos, mas muitos estavam apreensivos. Os estrangeiros, em geral, foram bem recebidos, muitos, até 1951, receberam serventes em suas residências. Decorreu disso, muitos casos amorosos e de fascinação de norte-americanos pela cultura japonesa.

Ao contrário da Alemanha e da Coreia, o Japão não foi dividido em áreas pelos aliados. Foi muito mais um caso de ocupação dos EUA. A supervisionar toda a reconstrução política e econômica do país estava o Comando Supremo das Forças Aliadas (CSFA), sob o ofício do General Douglas MacArthur, cuja sede ficava no prédio Dai-ichi Seimei em Tóquio, com vistas ao palácio imperial japonês. Apesar de responder à autoridade do presidente dos EUA, MacArthur encarou-se como o soberano da nação asiática, com um misto de fascinação e arrogância paternalística. Esperava entender a mente japonesa, trazendo consigo sua experiência na sociedade filipina, algo completamente inadequado. As primeiras atitudes do CSFA foram a reconstrução do país. Com um vibrante mercado negro nos anos após 1945, MacArthur requisitou grandes suprimentos de alimentos e medicamentos dos EUA.

O CSFA estava, com isso, esperando conter a onda de revanchismo no Japão e afastar a ascensão de partidos políticos nacionalistas ou antiamericanos. Com relação aos militares e políticos envolvidos na Segunda Guerra Mundial, o CSFA decidiu selecionar alguns líderes e militares de alta patente e julgá-los de acordo, muitos sentenciados à morte por enforcamento, como o General Hideki Tojo. Mas muitos americanos sentiram que a responsabilidade última da guerra no Pacífico foi do imperador Hirohito. Mas o assunto era demasiado delicado, e MacArthur decidiu preservar a instituição visando uma melhor reestruturação do país sem grandes riscos de desordem. Em decorrência disso, o Imperador Showa, Hirohito, foi mantido no Trono do Crisântemo (皇位) e a questão foi largamente não debatida no Japão por décadas.

Na primavera de 1946, foram conduzidas as primeiras eleições com a inédita participação das mulheres japonesas. Yoshida Shigeru (1878–1967) se tornou primeiro-ministro e desempenharia o papel de liderança durante a era da ocupação do país. As reformas políticas foram supervisionadas pelo CSFA, para enfatizar a unidade nacional, a criação de instituições políticas e partidárias, sindicatos, mídia livre, igualdade de direitos e de expressão,

todos seguindo os modelos ocidentais. Leis antimonopólio e antitruste foram aprovadas, dando fim aos conglomerados de empresas *zaibatsu*. A reforma agrária das grandes propriedades gerou como efeito o fim dos privilégios de senhores de terras. Essa tendência, aliada à rápida urbanização do país, foi de fundamental importância na dissolução da ordem social tradicional. A religião oficial do Estado, o xintoísmo, que cultuava o imperador como figura divina foi abolida e a liberdade religiosa foi proclamada.

Uma nova constituição era necessária para repor a antiga ordem política. Nesse caso, os americanos no CSAF elaboraram uma nova carta respeitando as linhas diretrizes dadas pelo General MacArthur. A nova constituição, com algumas pequenas revisões, foi aprovada no parlamento japonês (Dieta) em novembro de 1946 e entrou em vigor em maio de 1947 até os dias atuais. Na constituição, a figura imperial foi reduzida para um “símbolo do Estado”. A soberania, efetivamente, repousava na população. Todos os cidadãos com vinte anos ou mais de idade poderiam votar, incluindo as mulheres.

O primeiro-ministro, líder do governo, era escolhido pela Dieta e não mais pelo imperador. Em outras palavras, o primeiro-ministro era quase sempre o líder do partido majoritário no Legislativo, partido esse que, até 2009, foi o Partido Liberal Democrata (PLD). O Japão efetivamente desde 1945, com períodos de exceção, experimentou um longo período de multipartidarismo democrático em que um partido quase sempre predominou. A explicação para isso é de que a oposição ao PLD era pulverizada demais, sem articulação. O maior contestador político advinha dos socialistas que, por sempre denunciarem a ocupação dos EUA, tinham desconsideração do CSFA e pouco apelo da população em geral. O PLD, ao contrário, era visto como o garantidor da paz, ordem e prosperidade do país após a guerra. As disputas políticas maiores, portanto, no Japão se davam entre as lideranças do próprio PLD, com milionárias campanhas e arrecadamentos eleitorais nem sempre conduzidos de maneira ética e transparente.

O artigo constitucional japonês mais surpreendente no pós-guerra é o nono, que assegura que o “povo japonês renuncia à guerra como direito soberano da nação” e que as suas forças militares “nunca serão mantidas”¹⁰⁰. MacArthur parece ter tido essa ideia de inclusão, apesar de ter ajudado na criação e organização de uma força policial que ficou conhecida como as Forças de Autodefesa. A população japonesa, no geral, endossou a cláusula, repudiando qualquer tentativa de beligerância do país após os traumas de 1945.

100. PRIME MINISTER OF JAPAN AND HIS GABINET. The Constitution of Japan. Disponível em: <<http://goo.gl/LqydDW>>. Acesso em: 26 maio 2015.

Em setembro de 1951, foram assinados em São Francisco os tratados de paz que puseram fim ao período de ocupação americana e supervisão do CSFA. O fim oficial da ocupação, contudo, não significou o fim da presença militar dos EUA. Sob acordos assinados de assistência militar, o governo dos EUA manteve uma base na ilha meridional de Okinawa até 1972. Essa presença americana provocou fortes demonstrações da sociedade japonesa, como as que ocorreram em 1960, resultando no cancelamento de visita presidencial de Eisenhower ao Japão.

Em termos econômicos, de 1950 a 1973, o PIB do Japão expandiu-se a uma taxa anual média de mais de 10%, com apenas alguns intervalos. Concomitantemente a isso, houve uma alta taxa de investimento em tecnologia¹⁰¹. O Japão desenvolveu uma economia orientada para a exportação e assim criou uma ampla reserva cambial de moeda estrangeira que foi investida na pesquisa de novas tecnologias, matérias-primas e fontes de energia para o seu desenvolvimento industrial. O ambiente internacional para suas exportações era favorável, pois tinha a abertura e preferência comercial dos seus produtos no mercado dos EUA, maior economia mundial após 1945. A Guerra da Coreia também foi outro fator que contribuiu para uma alta demanda de produtos, peças e serviços da economia japonesa, chegando a 27% da sua pauta exportadora em 1950¹⁰².

Nas décadas seguintes o desempenho econômico foi nada menos que espetacular. Em 1965, a economia japonesa era estimada em US\$ 91 bilhões. Quinze anos depois, em 1980, seu PIB cresceu para mais de US\$ 1 trilhão. Muito desse crescimento era atribuído à política do primeiro-ministro Hayato Ikeda, ex-ministro da Indústria e Comércio Exterior (mais conhecido por Miti, sigla em inglês) que buscou incentivar uma ampla industrialização com base em empréstimos a juros baixos de bancos ligados ao Banco Central do Japão. Essa política resultou em grandes conglomerados industriais e financeiros, chamados de *keiretsu*, amplamente financiados e protegidos pelo governo em áreas como construção naval e siderúrgica. Na década de 1960, Ikeda ampliou essa política para a construção de uma eficiente infraestrutura nacional: aeroportos, portos, hidrelétricas, ferrovias, metrô e comunicações.

O Japão é um país com poucas matérias-primas para o desenvolvimento industrial e insuficientes reservas petrolíferas. Em 2012, o Japão ficou em segundo lugar mundial, atrás da China, em importação de

101. GORDON, Andrew. *A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2003. p. 246.

102. NAKAMURA, Takafusa. *The Postwar Japanese Economy: its development and structure, 1937–1994*. Tóquio: Univ. of Tokyo Press, 1995. p. 56.

combustíveis fósseis. Para sanar tal quadro, foram cuidadosamente elaboradas linhas de financiamento estratégico e industrial, como usinas siderúrgicas, em países exportadores de petróleo. Em 2012, 83% do seu petróleo advinha do Oriente Médio, sendo que a Arábia Saudita respondia por 33% destes, além dos Emirados Árabes Unidos, Irã, Qatar e Kuwait¹⁰³.

A década de 1990 e a primeira do século 21 viram a economia japonesa encolher de US\$ 5,3 trilhões em 1995 para US\$ 4,3 trilhões em 2007¹⁰⁴, durante as chamadas “duas décadas perdidas” (*Ushinawareta Nijūnen*). As causas se deram com a bolha especulativa em fins dos anos de 1980, relacionada com a ampla oferta de empréstimos dos bancos japoneses. Há grande preocupação, atualmente, em retomar o crescimento expressivo do Japão. O primeiro-ministro Shinzo Abe, eleito em dezembro de 2012, introduziu uma série de reformas econômicas — a chamada *Abenomics* — a combater a baixa inflação, a diminuição da oferta da mão de obra do país e os problemas demográficos de uma população em envelhecimento. Apesar da crise, o Japão ainda ostenta a terceira maior economia no mundo em termos de PIB, atrás da China desde 2010¹⁰⁵.

O Sudeste Asiático independente

Na Tailândia, desde 1932, a dinastia Chakri empreendeu uma série de reformas constitucionais visando se manter no poder com o apoio dos militares. Em 1946, após um misterioso incidente que resultou na morte do rei Ananda Mahidol (Rama VIII) (1925–1946), seu irmão mais novo, Bhumibol Adulyadej (Rama IX) (1946–presente) sucedeu-o no trono. O governo tailandês, desde então, adotou uma postura de contenção ao comunismo no Sudeste Asiático, aliando-se aos EUA na Organização do Tratado do Sudeste Asiático (OTSA, Seato em inglês).

Questionamentos em favor de uma maior democracia e menor participação do setor militar na política resultaram em notáveis manifestações na sociedade tailandesa, como na Universidade de Thammasat em outubro de 1976 e também em 1992, quando estimados 200 mil manifestantes

103. U.S. ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION (EIA). Japan is the second largest net importer of fossil fuels in the world. Disponível em: <<http://www.eia.gov/todayinenergy/detail.cfm?id=13711>>. Acesso em: 26 maio 2015.

104. WORLD BANK. *Data - GDP (current US\$)*. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?page=1>>. Acesso em: 26 maio 2015.

105. BARBOZA, David. China Passes Japan as Second-Largest Economy. Disponível em: <<http://goo.gl/PpG78r>>. Acesso em: 26 maio 2015.

se aglomeraram na região de Sanam Luang em Bangkok¹⁰⁶. Eleito em 2001 e reeleito em 2005, o primeiro-ministro Thaksin Shinawatra (1949–presente), um empresário com postura contra o *establishment* conservador do Estado, ascende ao poder deflagrando uma crise entre os setores pró-monarquistas e militares da sociedade (os “camisas amarelas”), contra a classe popular, e de setores da classe média (os “camisas vermelhas”). Em setembro de 2006 os conservadores acusaram o governo de Thaksin de corrupção, o que resultou em sua queda do poder.

Em 2011, depois de anos de governo sob supervisão de uma junta militar e aliado a Bhumibol, novas eleições gerais foram organizadas e a irmã de Thaksin, Yingluck Shinawatra (1967–presente), foi eleita com 20 milhões de votos, 48% do eleitorado, apesar dos persistentes esforços dos conservadores em boicotar e anular o processo eleitoral¹⁰⁷. Em 2014, a Corte Constitucional do país julgou as eleições inválidas e os militares tomaram o poder na liderança do General Prayut Chan-o-cha (1954–presente). A figura do rei tailandês Bhumibol, reverenciado pela população, permanece como um símbolo legitimador e de prestígio usado por setores conservadores e militares no poder¹⁰⁸.

Nas possessões britânicas no Sudeste Asiático — Península Malaia, os Estreitos (Cingapura, Penang e Malaca) e norte da ilha de Bornéu (Sarawak, Brunei e Sabá) — o governo de Clement Attlee decidiu rever sua dominação colonial na região depois da Segunda Guerra Mundial. As preocupações malaias maiores estavam com relação aos comunistas que poderiam ser mobilizados pela numerosa comunidade chinesa local. Para tanto, desde 1944, Londres e lideranças malaias esboçaram uma transição política nas possessões coloniais rumo à independência. A questão política mais problemática foi como distribuir a decisão política da nova nação entre a comunidade de malaios muçulmanos, indianos e chineses. Foi ao final decidido, em 1946, adotar uma Federação Malaia, conferindo amplos poderes aos tradicionais sultões malaios sob supervisão geral britânica.

Os descontentamentos, previsivelmente, advieram dos comunistas na comunidade chinesa. Foram eles os grandes contestadores do novo *status quo* dado às autoridades muçulmanas e partiram a organizar ações de guerrilha no interior do país. Em julho de 1947, apoiado pelos britânicos, o governo malaio decretou Estado de Emergência, a perdurar até

106. MACEDO, Emiliano Unzer. O Rei está desnudo – uma análise política da Tailândia contemporânea. Disponível em: <<http://goo.gl/lpoGln>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

107. Ibid.

108. MARSHALL, Andrew McGregor. *A Kingdom in Crisis: Thailand's struggle for democracy in the twenty-first century*. London: Zed Books, 2014.

1960, ilegalizando o Partido Comunista Malaio e todos os seus militantes. A estratégia anticomunista nesse período foi bem executada, ao que parece, pois conseguiram isolar os comunistas das comunidades rurais malaias. Conjugado com isso, o governo malaio passou a negociar com as comunidades chinesas nas cidades visando preservá-los do apelo comunista. O assassinato do Alto Comissário britânico, Sir Henry Gurney, em outubro de 1951 alienou ainda mais o suporte popular aos comunistas. Já em 1957, assegurada a ordem política longe das pretensões esquerdistas, Londres começou a concretizar a independência para a federação em agosto, com Tunku Abdul Rahman (1903–1990) como primeiro-ministro.

Após a independência, a Federação Malaia essencialmente passou a equacionar a participação política da sua diversidade étnica e a unidade nacional. Sarawak, Brunei e Sabá tinham sido possessões britânicas autônomas com larga comunidade malaia muçulmana e indígena. A incorporação desses territórios envolveu os protestos do governo indonésio vizinho que almejava integrar toda a ilha de Bornéu. Em 16 de setembro de 1963, incorporados esses, proclamou-se a Malásia, sem o sultanato de Brunei, que decidiu manter autonomia plena para explorar suas reservas petrolíferas.

Permanecia ainda a ponta meridional da Península Malaia, Cingapura. A comunidade chinesa na cidade era majoritária, e temia-se a discriminação política malaia em Kuala Lumpur. Para tanto, em 09 de agosto de 1965, Cingapura retirou-se da Malásia e declarou-se independente sob a liderança de Lee Kwan Yew (1923–2015), que capitalizará os insumos portuários e financeiros da cidade para despontar num notável desenvolvimento na segunda metade do século 20. Os dados hoje atestam isto na escala global: a cidade é o quarto maior centro financeiro, conta com a 10ª maior reserva cambial¹⁰⁹ e 7º governo menos corrupto¹¹⁰. Nesse mesmo quadro de desenvolvimento, os cingapurianos se juntaram às pujantes economias da Coreia do Sul, Hong Kong e Taiwan, conhecidos nesses termos como os Quatro Tigres Asiáticos.

Na Indonésia, a declaração de independência veio dois dias depois da rendição japonesa em agosto de 1945 com a presidência do líder nacionalista javanês, Sukarno, acompanhado pelo seu vice, Mohammad Hatta. Apesar de ampla condenação internacional, os holandeses tenazmente tentaram restabelecer seu domínio colonial ensejando diversos conflitos militares e diplomáticos que tiveram fim em dezembro de 1949.

109. ECONOMICS & COMMERCE DATA CONFERENCE. Financial Centres of the World: Singapore. Disponível em: <<http://ecdconference.org/singapore.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

110. TRANSPARENCY INTERNATIONAL. Corruption Perception Index 2014: Results. Disponível em: <<http://www.transparency.org/cpi2014/results>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

Uma tentativa de golpe em 1965, que resultou na morte de seis generais, levou a uma série de perseguições políticas contra os comunistas, em que aproximadamente meio milhão de indonésios foram mortos¹¹¹. Três anos depois, em março de 1968, o general Suharto (1921-2008) subiu ao poder e implementou um Estado centralizado unipartidário, chamado de “Nova Ordem”, figurando-se como um aliado estratégico dos EUA na contenção do comunismo na região. Seu governo perdurou até 1998 quando intensos protestos contra a corrupção de seu governo, conjugados com os efeitos da crise de 1997, provocaram a resignação presidencial.

Seguiu-se um período de reforma política na Indonésia (*Reformasi*), em que se concedeu uma maior autonomia administrativa de suas inúmeras ilhas e províncias, entre elas a própria independência de ex-colônia portuguesa do Timor Leste em 2002, após duros combates. Em 2004, foram realizadas as primeiras eleições plenamente democráticas no país. O país, hoje, conta com a maior população muçulmana do mundo, com estimados 202 milhões de pessoas, 87,2% de sua população¹¹². Decorrente de sua sociedade multiétnica com uma maioria muçulmana, a Indonésia encara os desafios de manter a unidade nacional diante de sua condição insular, com mais de 17 mil ilhas. Organizações separatistas e terroristas, como o *Jemaah Islamiyah*, por vezes ligados ao Al-Qaeda, assumiram responsabilidade pelos atentados na ilha de Bali em 2004, assim como os atentados na capital Jacarta em 2003, 2004 e 2009. Foram assinados acordos de paz com movimentos separatistas como em Aceh (Movimento Aceh Livre), no norte da ilha de Sumatra, após a devastação causada pelo terremoto e tsunami de dezembro de 2004.

Mais a leste, as Filipinas foram a primeira nação do Sudeste Asiático a ganhar sua soberania em 1946 sob a presidência de Manuel Roxas (1892–1948). As guerrilhas comunistas do movimento *Hukbalahap*, que combateram as invasões japonesas durante a Segunda Guerra Mundial, continuaram fustigando o meio rural e o governo de Manila até a sua desarticulação no governo de Ramon Magsaysay em 1955.

Dez anos depois, em 1965, foi eleito como presidente Ferdinand Marcos (1917–1989), cujo governo foi marcado por escândalos de corrupção e um alinhamento com os EUA na política externa. Em 21 de setembro de

111. SCHONHARDT, Sara. Veil of Silence Lifted in Indonesia. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/01/19/world/asia/veil-of-silence-lifted-in-indonesia.html?_r=0>. Acesso em: 27 jun. 2015.

112. CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. The World Factbook - Religions. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2122.html>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

1972, após amplos protestos sociais, Marcos decretou lei marcial e impôs a repressão às dissidências, liberdade de expressão e censura. Em 1983, seu principal oponente político, Benigno Aquino Junior, foi assassinado no aeroporto de Manila. Em 1986, Marcos saiu vencedor das fraudadas eleições presidenciais disputada contra a viúva de Aquino, Corazón. A manipulação dos votos escandalizou a sociedade civil filipina, que se mobilizou na Revolução do Poder Popular, o que resultou na eleição de Corazón e na fuga para o exílio de Marcos para o Havaí¹¹³. Em geral, o quadro democrático prevalece desde então nas Filipinas, e seus maiores desafios referem-se a casos de corrupção no governo e movimentos separatistas como a Frente de Libertação Nacional Moro, na região islamizada ao sul.

MAPA 24: O Sudeste Asiático Atual.



113. AGONCILLO, Teodoro. *History of the Filipino People*. Quezon City: Garotech, 1990. p. 580–586.

con clu são

A Ásia, de Carachi a Tóquio, de Jacarta a Pequim, hoje se encontra no cerne da ordem internacional do século 21. Até a chegada de Vasco da Gama, em 1498, em Calicute e na pioneira extensão imperial portuguesa de Alfonso de Albuquerque, o continente já guardava, em seu passado, entidades civilizacionais da China da dinastia Ming (1368–1644), do Império Khmer no Camboja (802–1431), da Índia dos Guptas (320–550) e dos Cholas (século 4º d.C.–1279) e dos Srivijayas (650–1377) no Sudeste Asiático. Testemunhamos o produto dessa complexidade política e cultural do passado ao nos assombrarmos diante do complexo de templos de Angkor perto de Siem Reap, do Taj Mahal em Agra, do monumento budista de Borobudur em Yogyakarta, do Castelo de Himeiji em Hyogo e da Grande Muralha ao norte de Pequim. O passado asiático constitui um repositório da grandeza humana.

Ao longo do tempo depois do século 16, os europeus gradativamente alargaram sua atuação principalmente por meio marítimo apoiado por meios militares. O Oceano Índico e Pacífico, passando pelo gargalo dos Estreitos na atual Malásia, a partir do Mar Vermelho e da costa meridional africana, foi a rota construída e dominada pelas naus europeias visando a exploração comercial de produtos valorizados pelo mercado mundial.

No século 19, os objetivos comerciais foram ampliados para um domínio imperial entre britânicos, franceses, holandeses, portugueses, espanhóis e estadunidenses. A região indiana, após a batalha de Plassey de 1757, ficou gradativamente aos britânicos. A Indochina se consolidou em 1887 após crescente ação imperialista francês como recompensa pela sua saída da Índia. Os espanhóis se encontravam nas Filipinas desde 1571. Os portugueses, os pioneiros, ficaram com portos e bases na ilha de Macau, Timor, Goa entre outros. As ilhas indonésias, com olhos na ilha de Java e nas Molucas, foram locais de intensa exploração comercial holandesa depois da expulsão dos portugueses em 1595. O Japão, a península coreana e a China mantiveram-se distantes dos desígnios imperiais até fins do

século 19, quando a entrada ocidental se deu pela ameaça e força concertada. Constitui um dos capítulos mais lamentáveis do imperialismo o desmantelamento imperial chinês após as Guerras do Ópio de 1839–1842 e 1856–1860. O antigo Palácio Imperial de Verão (*Yuanmingyuan*), arruinado em 1860, permanece, hoje, com placas aos chineses e turistas informando da barbaridade do seu bombardeio e saque por tropas ocidentais. Igual brutalidade foi praticada na inaudita explosão atômica sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, a dar o desfecho da Segunda Guerra Mundial. A Ásia sofreu com a pesada mão do imperialismo, no século 19, até a dissipação hegemônica japonesa, a divisão coreana e a vitória dos comunistas chineses e vietnamitas em meados do século 20.

O nacionalismo e a independência dos países asiáticos após a Segunda Guerra Mundial somente podem ser compreendidos nesse contexto histórico como uma reação diante da acachapante dominação ocidental e japonesa. Líderes carismáticos e incontestes, como Gandhi, Jinnah, Mao, Sukarno, Ho Chi Minh, Lee Kuan Yew e Kim Il-Sung foram protagonistas que inspiraram e mobilizaram seus conterrâneos a desmantelar os impérios na Ásia após 1945. As emancipações asiáticas evidenciaram os desafios internos de consolidação política e social, como nos milhares de ilhas indonésias, na clivagem da península coreana, no reerguimento japonês, na consolidação via democracia indiana após a separação paquistanesa em 1947, nos escombros vietnamitas desde 1975 e no ressentimento introspectivo chinês a partir de 1949. Ao final desse processo, suas economias iniciaram um árduo processo de integração na economia mundial, protagonizada no crescimento japonês, seguido pelos Tigres Asiáticos e, hoje, pelo destaque da China e da Índia e de economias vibrantes do Sudeste Asiático. Consistindo a Ásia no continente de maior população mundial e dínamo da economia global, o entendimento do mundo atual exige a sua compreensão.



Mapas

1	A Ásia no Século 19.....	9
2	A Índia Britânica no centro e a Birmânia na direita em 1909.....	12
3	A China Imperial Qing em 1820.....	13
4	O Reino do Sião em 1809.....	18
5	O Vietnã no século 18.....	20
6	A Indochina Francesa antes da União em 1887.....	21
7	As Índias Orientais Holandesas em 1818.....	22
8	As Filipinas sob a dominação espanhola (1521-1898).....	23
9	A Ásia em fins do século 19.....	25
10	A China e as esferas de influência estrangeiras em 1900.....	34
11	O Japão em 1853.....	35
12	A Índia em 1765.....	40
13	A Índia em 1857.....	42
14	A Expansão Francesa na Indochina (em roxo).....	47
15	As Índias Holandesas (vermelho) e as possessões britânicas no Sudeste Asiático (roxo), de 1867 a 1946.....	52
16	A Expansão Japonesa em 1942.....	63
17	A Ofensiva Aliada contra o Japão na Segunda Guerra Mundial.....	64
18	A Longa Marcha (1934-1935).....	72
19	A Ásia Independente no Século 20.....	79
20	A Guerra da Coreia (1950-1953).....	81
21	A Partição da Índia, 1947.....	95
22	O Vietnã do Norte e o do Sul.....	103
23	O Vietnã Atual.....	106
24	O Sudeste Asiático Atual.....	115

Figuras

1	Vasco da Gama e o zamorim de Calicute, 1498	10
2	O Taj Mahal em Agra, Índia	11
3	O Imperador Aurangzeb	11
4	O Imperador Qianlong	13
5	A Missão Macartney na China, 1793	14
6	Tokugawa Ieyasu	15
7	Comodoro Perry no Japão em 1853	16
8	Taejo de Joseon	17
9	O rei siamês Chulalongkorn ou Rama V.....	19
10	O navio britânico Nemesis bombardeando juncos chineses na Primeira Guerra do Ópio	29
11	O Imperador Tongzhi	31
12	A Revolta dos Boxervs	32
13	O Imperador Gia Long	45
14	Sir Thomas Raffles	48
15	Sir James Brooke	50
16	Mohandas Karamchand Gandhi	56
17	General Douglas MacArthur	63
18	O Imperador Hirohito	65
19	Mao Tsé-Tung	70
20	Chiang Kai-shek	71
21	Sukarno	75
22	Aung San	77

Referências

ADAMS, Jad. *Gandhi. Naked ambition*. London: Quercus Books, 2010.

AGONCILLO, Teodoro. *History of the Filipino People*. Quezon City: Garotech, 1990.

ALLEN, Robert C; BASSINO, Jean-Pascal; MOLL-MURATA, Christine. *Wages, Prices, and Living Standards in China, Japan, and Europe – 1738–1925*. Disponível em: <http://gpih.ucdavis.edu/files/Allen_et_al.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2015.

ALPHA HISTORY. *The First Indochina War*. Disponível em: <<http://alphahistory.com/vietnam/first-indochina-war/>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

ANDERSON, Duncan. *Nuclear Power: The End of the War against Japan*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/nuclear_01.shtml> Acesso em: 16 jun. 2015.

ASEAN INTER-PARLIAMENTARY MYANMAR CAUCUS (AIPMC). *The 1990 Elections in Myanmar – 15 years waiting*. Disponível em: <<http://www.aseanmp.org/docs/resources/1990%20Elections.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2015.

ASIA FOR EDUCATORS. *The Meiji Restoration and Reformation*. Disponível em: <http://afe.easia.columbia.edu/special/japan_1750_meiji.htm>. Acesso em: 05 jun. 2015.

BARBOZA, David. *China Passes Japan as Second-Largest Economy*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/08/16/business/global/16yuan.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em: 26 maio 2015.

BARLEY, Nigel. *White Rajah*. London: Time Warner, 2002.

BBC ON THIS DAY. *1942: Singapore forced to surrender*. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/february/15/newsid_3529000/3529447.stm>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BECK, Sanderson. *Indonesia and the Dutch 1800–1950*. Disponível em: <<http://www.san.beck.org/20-11-Indonesia1800-1950.html>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

BECKER, Jasper. *Hungry Ghosts: Mao's Secret Famine*. London: Holt Paperback, 1998.

BRAMALL, Chris. *Chinese Land Reform in Long-Run Perspective and in the Wider East Asian Context*. Disponível em: <<http://www.strongwindpress.com/pdfs/Tuijian/BramallLandReformLong.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

BRANIGAN, Tania. *China's Great Famine: the true story*. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2013/jan/01/china-great-famine-book-tombstone>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

BRITISH LIBRARY. *China Trade and the East India Company*. Disponível em: <<http://www.bl.uk/reshelp/findhelpregion/asia/china/guidesources/chinatrade/>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

BROOKE, James Sir. *The Private Letters of Sir James Brooke, K.C.B., Rajah of Sarawak: narrating the events of his life, from 1838 to the present time*. v. 1. London: Richard Bentley, 1853. Disponível em: <http://seasiavisions.library.cornell.edu/catalog/seapage:214a_188>. Acesso em: 11 jun. 2015.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. *The World Factbook – Religions*. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2122.html>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

CHANG, Iris. *The Rape of Nanking: the forgotten Holocaust of World War II*. New York: Basic Books, 1997.

CHANG, Jung. *Wild Swans: Three Daughters of China*. New York: Touchstone, 2003.

COTTERELL, Arthur. *Asia: a concise history*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2011.

CUMMINGS, Bruce. *The Korean War: A History*. New York: Modern Library, 2011

DOWER, J. W. *Embracing Defeat: Japan in the Wake of World War II*. New York: W. H. Norton, 1999.

DOYLE, Kevin. *Vietnam, 40 years after the fall of Saigon*. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/features/2015/04/vietnam-40-years-fall-saigon-150429100025151.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

ECONOMICS & COMMERCE DATA CONFERENCE. *Financial Centres of the World: Singapore*. Disponível em: <<http://ecdconference.org/singapore.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Opium Trade – British and Chinese History*. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/430160/opium-trade>>. Acesso em: 04 jun. 2015.

FEIGON, L. *China Rising: the meaning of Tiananmen*. Chicago: Ivan R. Dee, 1990.

FISHER, Michael H. *Crossing the Kala Pani to Britain for Hindu Workers and Elites*. Disponível em: <<https://aha.confex.com/aha/2013/webprogram/Paper11135.html>>. Acesso em: 07 maio 2015.

GLUCK, Caroline. *Taiwan's Museum of Treasures*. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/6335469.stm>>. Acesso em: 14 jun. 2015.

GOLDMAN, Merle; GORDON, Andrew (Eds.). *Historical Perspectives on Contemporary East Asia*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 2000.

GORDON, Andrew. *A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present*. Oxford: Oxford Univ. Press, 2003.

GORE, Lance. *The Chinese Communist Party and China's Capitalist Revolution: the political impact of market*. Abingdon: Routledge, 2011.

GUHA, Ramachandra. *India after Gandhi – the history of the world's largest democracy*. London: Macmillan, 2007.

HENSHALL, Kenneth G. *A History of Japan – from Stone Age to Superpower*. New York: Palgrave Macmillan, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/ldSmXY>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

HOLCOMBE, Charles. *A History of East Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

JANSEN, M. B. *The Ruling Class*. In: JANSEN, M. B.; ROZMAN, G. (Eds.). *Japan in Transition: from Tokugawa to Meiji*. Princeton Univ. Press, 1986.

KITAGAWA, Joseph Mitsuo. *Religion in Japanese History*. New York: Columbia Univ. Press, 1990.

KYNGE, J. *China Shakes the World: A Titan's Rise and Troubled Future – and the Challenge for America*. Boston: Houghton Mifflin, 2006.

LACROIX, Frederick E. *The Sky Rained Heroes: A Journey from War to Remembrance*. Austin: Synergy Books, 2009.

LAMPTON, D. M. *The Three Faces of Chinese Power: might, money and minds*. Berkeley: University of California Press, 2008.

LANDON, Margaret. *Anna and the King of Siam*. New York: Harper Perennial, 1999.

LAROUSSE. *Guerre d'Indochine (1940-1954)*. Disponível em: <http://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/guerre_d_Indochine/124937>. Acesso em: 27 jun. 2015.

LEE, Ou-fan Lee. *Shanghai Modern: the flowering of urban culture in China, 1930-1945*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

LIN, Justin Yifu. *Rural Reforms and Agricultural Growth in China*. Disponível em: <<http://economics.lse.ac.uk/courses/ec307/L/lin.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

MACEDO, Emiliano Unzer. *O Rei está desnudo – uma análise política da Tailândia contemporânea*. Disponível em: <<http://mundorama.net/2014/12/25/0-rei-esta-desnudo-uma-analise-politica-da-tailandia-contemporanea-por-emiliano-unzer-macedo/>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

MARSHALL, Andrew McGregor. *A Kingdom in Crisis: Thailand's struggle for democracy in the twenty-first century*. London: Zed Books, 2014.

MIMURA, Janis. *Planning for Empire: Reform Bureaucrats and the Japanese Wartime State*. Ithaca, New York: Cornell Univ. Press, 2011.

MINZHU, Han (pseudônimo) (Ed.). *Cries for Democracy: Writings and Speeches from the 1989 Chinese Democracy Movement*. Princeton University Press, 1990.

MISHRA, Pankaj. *From the Ruins of Empire: the Intellectuals who Remade Asia*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2012.

NAKAMURA, Takafusa. *The Postwar Japanese Economy: its development and structure, 1937–1994*. Tokyo: Univ. of Tokyo Press, 1995.

NAMBA, Chizuru. *Français et Japonais en Indochine, 1940–1945: colonisation, propagande et rivalité culturelle*. Paris: Karthala, 2012.

PIKE, Francis. *Empires at War: a short history of modern Asia since World War II*. London: I. B. Tauris, 2010.

PRIME MINISTER OF JAPAN AND HIS GABINET. *The Constitution of Japan*. Disponível em: <http://japan.kantei.go.jp/constitution_and_government_of_japan/constitution_e.html>. Acesso em: 26 maio 2015.

PU, Bao; CHIANG, R.; IGNATIUS, A. (Eds.). *Prisoner of the State: the secret journal of Zhao Ziyang*. New York: Simon & Schuster, 2009.

RECORD, Jeffrey. *Japan's Decision for War in 1941: some enduring lessons*. Carlisle: Strategic Studies Institute, 2009.

RÖHL, John. *The Kaiser and his Court: Wilhelm II and the Government of Germany*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1996.

ROSTEN, Michel. *Voltaire et le mandarin*. *La Libre Belgique*, 4 fév. 2015. Disponível em: <<http://www.lalibre.be/debats/opinions/voltaire-et-le-mandarin-54d23fb035700d7522619509>>. Acesso em: 01 jun. 2015.

SAADI SHIRAZI, Sheik Mosleh al-Din. *Gulistan*. Tradução de Sir Richard Francis Burton. London: The Kama Shastra Society, 1888. Disponível em: <http://www.iranchamber.com/literature/saadi/books/golestan_saadi.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2015.

SCHONHARDT, Sara. *Veil of Silence Lifted in Indonesia*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/01/19/world/asia/veil-of-silence-lifted-in-indonesia.html?_r=0>. Acesso em: 27 jun. 2015.

SETTLEMENT OF MATTERS GROWING OUT OF THE BOXER UPRISING (BOXER PROTOCOL). Disponível em: <<http://www.loc.gov/law/help/us-treaties/bevans/m-ust000001-0302.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

SHIKIBU, Murasaki. *The Tale of Genji (Genji monogatari)*. 54 v. Disponível em: <<http://www.wdl.org/en/item/785/>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

SHIZUME, Masato. *The Japanese Economy during the Interwar Period: Instability in the Financial System and the Impact of the World Depression*. Disponível em: <https://www.boj.or.jp/en/research/wps_rev/rev_2009/data/rev09e02.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2015.

SMITH, Martin. *Burma – Insurgency and the Politics of Ethnicity*. London: Zed Books, 1991.

SPENCE, Jonathan. *The Search for Modern China*. New York: W. W. Norton and Co., 1990.

TEIWES, F. C.; SUN, W. *China's Road to Disaster: Mao, Central Politics, and Provincial Leaders in the Unfolding of the Great Leap Forward, 1955–1959*. Armonk, New York: M. E. Sharpe, 1999.

THANG, Bui Tat. *After the War: 25 Years of Economic Development in Vietnam*. Disponível em: <http://www.nira.or.jp/past/publ/review/2000spring/06thang.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2015.

THE CHARTER OATH (OF THE MEIJI RESTAURATION), 1868. Disponível em: <http://afe.easia.columbia.edu/ps/japan/charter_oath_1868.pdf>. Acesso em: 06 maio 2015.

THE CONSTITUTION OF INDIA. Disponível em: <<http://india.gov.in/my-government/constitution-india/constitution-india-full-text>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

THE ECONOMIST. *China and the environment – the East is grey*. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/briefing/21583245-china-worlds-worst-polluter-largest-investor-green-energy-its-rise-will-have>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

THE PEW GLOBAL PROJECT ATTITUDES. *The 2008 Pew Global Attitudes Survey in China*. Disponível em: <<http://www.pewglobal.org/files/pdf/261.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

THE REGISTRAR GENERAL & CENSUS COMMISSIONER, INDIA, MINISTRY OF HOME AFFAIRS, GOVERNMENT OF INDIA. *Census of India: Religious Composition*. Disponível em: <http://censusindia.gov.in/Census_Data_2001/India_at_glance/religion.aspx>. Acesso em: 25 jun. 2015.

THOMSON, Andrew S. *The Empire Strikes Back? The impact of imperialism on Britain from the mid-nineteenth century*. London: Routledge, 2005.

THOMSON, Mike. *Hitler's secret Indian army*. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3684288.stm>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

TRANSPARENCY INTERNATIONAL. *Corruption Perception Index 2014: Results*. Disponível em: <<http://www.transparency.org/cpi2014/results>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

TSUJI, Masanobu. *Japan's Greatest Victory, Britain's Worst Defeat*. New York: De Capo Press, 1997.

TULLY, John. *A Short History of Cambodia – from empire to survival*. Crows Nest: Allen & Unwin, 2005. Disponível em: <<http://goo.gl/24jQ2p>>. Acesso em: 27 jun. 2015.

U. S. ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION (EIA). *Japan is the second largest net importer of fossil fuels in the world*. Disponível em: <<http://www.eia.gov/todayinenergy/detail.cfm?id=13711>>. Acesso em: 26 maio 2015.

U. S. NATIONAL ARCHIVES & RECORDS ADMINISTRATION. *Japanese Surrender Document – Instrument of Surrender*. Disponível em: <http://www.archives.gov/exhibits/featured_documents/japanese_surrender_document/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

UNITED NATION HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). *The State of the World's Refugees 2000: Fifty Years of Humanitarian Action – Chapter 3: Rupture in South Asia*. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/cgi-bin/texis/vtx/search?page=search&docid=3ebf9babo&query=hmong>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

WEBB, William. *The Korean War: The Outbreak*. Disponível em: <<http://www.history.army.mil/brochures/KW-Outbreak/outbreak.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

WEINTRAUB, Stanley. *MacArthur's War – Korea and the Undoing of an American Hero*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/books/first/w/weintraub-macarthur.html>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

WONG, J. Y. *The 'Arrow' Incident: a Reappraisal*. *Modern Asian Studies*, Cambridge, v. 8, n. 3, p. 373–389, may 1974. Disponível em: <<http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=2694256>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

WORLD BANK. *Data – GDP (current US\$)*. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?page=1>>. Acesso em: 26 maio 2016.

WORLD TRADE ORGANIZATION. *Trends in International Trade*. Disponível em: <https://www.wto.org/english/res_e/booksp_e/wtr13-2b_e.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2015.



**Laboratório
de Design Instrucional**

TIPOGRAFIA Milo Pro, Milo Serif Pro,
Cascade Script LT Std.

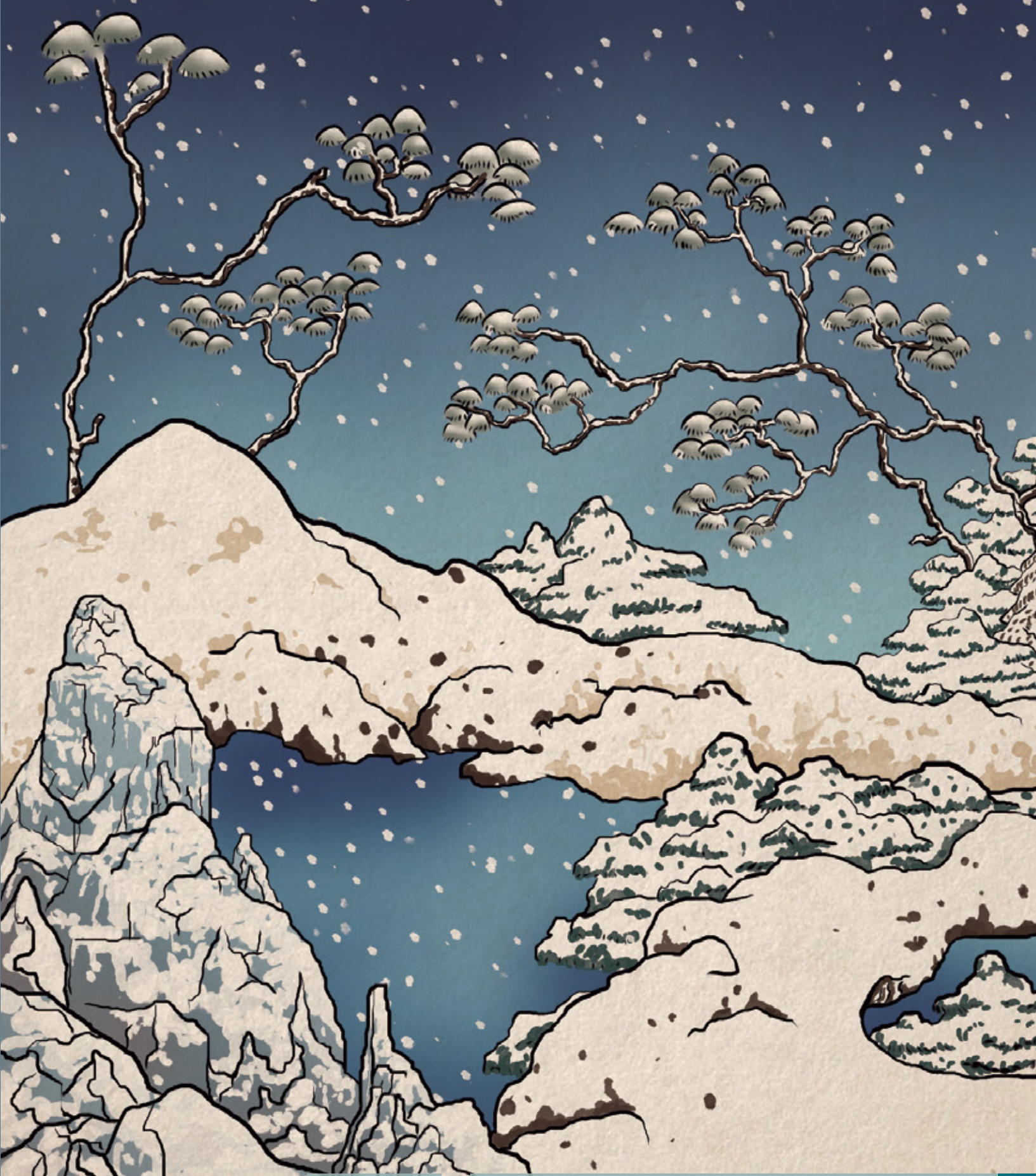
CAPA papel supremo 300g/m²

MIOLO papel Offset 90g/m²

IMPRESSÃO

Emiliano Unzer Macedo

Doutor em História Social pela USP, mestre em Postcolonial Politics pela Universidade de Gales, Aberystwyth, Reino Unido, e graduado em Relações Internacionais pela UnB, é professor da UFES com artigos publicados sobre História Contemporânea da Ásia e África.



ISBN 978-85-63765-47-5



www.neaad.ufes.br
(27) 4009 2208

